UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS FACULDADE DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Dissertação de Mestrado

LOURENÇO CEZAR DA SILVA

lourencocezar@hotmail.com

Do CEASM ao MUSEU DA MARÉ: O LUGAR DE MEMÓRIAS OU MEMÓRIA DO LUGAR.

Linha de pesquisa: História, Sujeitos & Processos Educacionais.

Orientação: Libânia Nacif Xavier

Co-Orientação: Helena Maria Marques Araújo

Rio de Janeiro
2018

MUSEU DA MARÉ:
O LUGAR DE MEMÓRIAS OU MEMÓRIA DO LUGAR E SUA INTERFACE NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História, Sujeitos e Processos Educacionais.

Orientação: Libânia Nacif Xavier
Co-Orientação: Helena Maria Marques Araújo

Rio de Janeiro
2018

Lourenço Cezar da Silva

Graduado em Geografia e Meio Ambiente pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SILVA, LOURENÇO CEZAR DA.

DO CEASM AO MUSEU DA MARÉ:
O LUGAR DE MEMÓRIAS OU MEMÓRIA DO LUGAR / Lourenço Cezar da Silva – Rio de Janeiro, 2018.

174 fls.

Orientação: Libânia Nacif Xavier
Co-Orientação: Helena Maria Marques Araújo

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2018.

1. Museu da Maré. 2. Memória e Educação. 3. Narrativas. 4. Memória do Lugar. 5. Favela.

I. XAVIER, Libânia Nacif . II. Título. Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

CDD: _____.

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

A Dissertação "**Do CEASM ao Museu da Maré: o lugar de memórias ou memória do lugar**"

Mestrando(a): **Lourenço Cezar da Silva**

Orientado(a) pelo(a): **Prof(a). Dr(a). Libânia Nacif Xavier**

E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e homologada pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro, 31 de outubro de 2018.

Banca Examinadora:

Libânia Nacif Xavier

Prof(a). Dr(a). Libânia Nacif Xavier- Presidente

Helena Maria Marques Araújo

Prof(a). Dr(a). Helena Maria Marques Araujo

Ana Maria F Monteiro

Prof(a). Dr(a). Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro

Claudia Miranda

Prof(a). Dr(a). Claudia Miranda

DEDICATÓRIA

Para minha filha, Ana “Jucy”, amor de minha vida, de toda uma vida, pra todas minhas vidas.

****

Aos meus familiares, em especial a Odília nossa matriarca que como todas as outras que vieram antes dela, tentam fazer com que a família fique sempre junta ao menos em datas importante para que nossos laços nunca se percam. Mas que lembrar também de outras mulheres importantes da família, como minha prima-mãe Cleuma e seus irmãos, minha prima-irmã Zélia, bem como a Sara e sua Mãe, Suely e a família de meus Tios Chico e Sálvia. Da parte de meu avô, gostaria de dedicar também, aos meus primos e Tias que infelizmente não conseguirei lembrar o nome de todos, mas em especial, Leila, Alexandre, Lizete, Valquíria, Cristina, Ricardo, André...

****

Aos meus irmãos, Marcelo que me ajudou várias vezes nesse mestrado, Fabiano e Vânia que me dão tanto orgulho e a todos os meus sobrinhos e sobrinhos-netos, filhos de Carlos André, Ana Flávia e Juliana, bem como os da parte de meu avô.

****

À memória de Inêz, minha “Mãe branca” que me deu irmãs linda e empoderadas (Gabi, Zaira e Andrea), Soraia Denise, que tanta falta me faz, Marielle Franco cujo a memória jamais será esquecida, minhas Tias-avós, Maria, Odete e Franci, mulheres cujo os exemplos de vida norteiam minha caminhada nessa vida. E a Edna, minha Mãe, minha irmã, minha “esposa”, meu primeiro e eterno amor, a quem não consigo esquecer nem deixar de chorar de saudade em cada dia do meu ser. Obrigado por estar comigo, estou me esforçando para que sinta orgulho de mim, mas confesso que às vezes fraquejo na esperança de receber em vão o seu carinho que não vem.

AGRADECIMENTOS

À Professora e orientadora, Libânia Nacif Xavier, por me encorajar nesse tema de poucos referenciais no PPGE. À Professora e Co-Orientadora e amiga Helena Maria Marques Araújo, sem você e Claudia Miranda, o "Bonde das Gangaceiras", nada disso seria possível. Vocês fazem parte de um momento muito especial da minha existência. Muito obrigado!!
****

Aos Profissionais do Departamento de Educação, em particular, Solange, a nossa "Sol". Espero de todo coração que Deus encontre uma forma de lhe pagar, pois eu me sinto eternamente endividado com você. Eu que passei grande parte da minha vida sendo desrespeitado pelo serviço público, fui tratado como um filho por você. Muito obrigado por não ter deixado que eu desistisse.
****

Ao condutor do ônibus da linha 483, Fábio Ferreira. Não sei se ele sabia ou um anjo o avisou mas, tenho pra mim que ele nem sabe o meu nome, porém em vários momentos de minha ida ao mestrado, o único dinheiro que eu possuía era o de pagar a passagem e mesmo sem saber que eu não teria dinheiro nem para o cafezinho, ele me fez entrar pela porta traseira do ônibus correndo o risco de perder o emprego por isso. Saiba Fabio, que essa dissertação é fruto de um trabalho coletivo de pessoas anônimas, feito você que, talvez, nunca tenha tido o direito de sonhar com uma graduação, que dirá um mestrado. Muito obrigado por tudo meu irmão.
****

Aos companheiros e companheiras do CEASM/NEPS/Museu da Maré, obrigado por continuarem comigo nessa caminhada, todos vocês, mesmo sem saber, me mantiveram a ficar de pé mesmo após duras quedas. Meu irmão Diogo, sem o qual minha vida poderia ter sido bem mais tranquila, segura e muito provavelmente, monótona (risos). Obrigado por me "obrigar" a desafiar limites que pensei não superar. Por último quero agradecer ao meu time de adolescente o Blumenau e a minha turma da Escola Josué de Castro, mesmo quando não estão presentes, são em vocês que me inspiro, de onde tiro meus valores e orientação para continuar no caminho do bem. A maneira como vocês vibram com minhas conquistas, faz com que jamais me sinta sozinho. Edinho, Jucy, Mamaco, Ailton, Edson, Selma, Zé Roberto, Marquinhos, Beth, Mércio, Wilson, Gilson, Dinho, Silvio, Leno, Demá, e a todas as esposas, esposos, filhos e filhas que vocês trouxeram para nossa família. Vocês fazem parte dos momentos mais incríveis da minha vida!!!

LISTA DE SIGRAS, FIGURAS, LISTA DE TABELAS E LISTA DE ANEXOS

CEASM CENTRO DE ESTUDOS E AÇÕES SOLIDÁRIAS DA MARÉ

UFRJ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

PROVOC PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

FIOCRUZ FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

CENPES/PETROBRÁS CENTRO DE PESQUISA PETROBRÁS

CBPF CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISA FÍSICA

SESI SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA

LBA LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA

E.M. ESCOLA MUNICIPAL

IFCS INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

LIGHT SERVIÇO DE ELETRECIDADE S.A.

RAL REDE DE ATENDIMENTO LOCAL

UFF UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

RUEP REDE DE UNIVERSITÁRIOS DE ESPAÇO POPULAR

NEPOS NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA DO OBSERVATÓRIO SOCIAL

OSCIP ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL DE INTERESSE PÚBLICO

CPV CURSO PRÉ-VESTIBULAR

ONG ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL

FASE FEDERAÇÃO DE ÓRGÃOS PARA ASSISTÊNCIA SOCIAL E EDUCACIONAL

UPA 24H – UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO

GRE GREMIO RECREATIVO ESCOLA GATO DE BONSUCESSO

DETRAN DEPARTAMENTO DE TRANSITO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CEDAE COMPANIA ESTADUA DE ÁGUA E ESGOTO DO RIO DE JANEIRO

COLURB COMPANIA MUNICIPAL DE LIMPEZA URBANA

PT PARTIDO DOS TRABALHADORES

PAC PROGRAMA ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO

PR5 PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

SINTUFERJ SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

PUC PONTIFICIE UNIVERSIDADE CATÓLICA

Lista de Figuras

Figura 1 - Treinadora da Maré 22
Figura 2 - Time do Gaytoreide 23
Figura 3 - Crianças jogando bola de gude.....33
Figura 4 - O tempo da Fabrica.....76
Figura 5 - Exposição no Museu da República.....79
Figura 6 - Banner de Divulgação da passeata.....97

Lista de Anexos:

Anexo 1 - O direito à Favela.....103
Anexo 2 - Amostra de Artes.....103
Anexo 3 - Encontro de apoio ao Museu da Maré.....108
Anexo 4 - Foto do Outdoor no Canecão, de apoio ao Museu da Maré.....108
Anexo 5 - Performance na Av. Brasil.....109
Anexo 6 - Fátima e Isabel do Museu da Vida na passeata.....109
Anexo 7 - Saída da passeata do Museu da Maré com Mário Chagas e David.....110

RESUMO

SILVA, Lourenço Cezar da. Do CEASM ao Museu da Maré: lugar de memórias ou memória do lugarl. Dissertação (Mestrado em Educação), 000 páginas. - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

Na obra, Tempo e Narrativas de Paul Ricoeur (1994), encontramos elementos que nos faz perceber na configuração das narrativas, uma forma de ambientar aos leitores dessa narrativa em conjunto de limites e possibilidades de interpretação baseado no lugar de fala de que quem escreve ou descreve uma determinada situação. Como se o narrado fosse ao mesmo tempo capaz de desenvolver um diálogo com o passado/presente, o real e a ficção, em entrelaçar atores, lugares e tempos em mesma narrativa. Nesse contexto, apresentamos o presente trabalho onde a narrativa do "eu" pesquisador/pesquisado encontra no Museu da Maré o espaço de diálogo e contradições da própria narrativa e a narrativa do outro, da sua identidade e as identidades dos outros, entre o local e o território, dentre lembranças e memórias, dentre o que se quer lembrar e ou esquecer. Pois a memória não é um dado objetivo, mas o resumo de valores, sentimentos, impressões e necessidades que nem sempre encontrará respaldo na história oficial ou na história do outro. O que temos são estratégias discursivas que colocam o pesquisador/pesquisado e os fundadores e mantenedores do Museu da Maré como promotores de sujeitos políticos de um tipo de narrativa identitária. "Do Ceasm ao Museu" trata de um coletivo com forte identidade a Maré que constrói um conjunto de estratégias para promover o surgimento de intelectuais orgânicos capazes de interferir na mudança da realidade local e ainda potencializar no surgimento de outros jovens interventores. E nessa estrutura estruturada estruturante, fazem da Memória ferramenta central para as disputas dos sentidos e sentimentos entre os moradores e da Maré com a Cidade.

Palavras chave: Museu da Maré. Memória e Educação. Narrativas. Memória do Lugar. Favela.

ABSTRACT

SILVA, Lourenço Cezar da. From CEASM to Museu da Maré: place of memories or memory of the place. Dissertation (Master in Education), 000 pages. - Faculty of Education, Federal University of Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

In Tempo e Narrativas by Paul Ricoeur (1994), we find elements that make us perceive the configuration of the narratives, a way of setting the readers of that narrative in a set of limits and possibilities of interpretation based on the “place of speech” of whoever writes or describes a particular situation. As if the narrated were able to develop a dialogue with the past / present, the real and the fiction, in intertwining actors, places and times in the same narrative. In this context, we introduce the present work in which the voice of the researcher / researched finds in the Museum of Maré a space for dialogue and contradictions of the narrative itself and the narrative of the other, their identity and the identities of others, between the place and the territory, among memories, between what you intend to remember and or what you intend to forget. Indeed, a memory is not a specific fact, but a summary of values, feelings, impressions and needs that will not always find support in the official history or in the history of the other. In fact, we aim to portray discursive strategies which place the researcher / researched and the founders and supporters of Museu da Maré as promoters of political subjects of a type of narrative identity. “Do Ceasm ao Museu” deals with a collective with a strong identity to Maré that builds a set of strategies to promote the emergence of organic intellectuals capable of interfering in the local reality, changing it and enhancing the emergence of other young actors. In this way, they make the memory an ilustration of Maré inhabitants’ senses and feelings about the City.

Keywords: Museu da Maré. Memory and Education. Narratives. Memory of the Place. Slum.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 17

CAPÍTULO I 27

1.2 Infância e Laços Familiares 30

1.2 A vida não é só comida; mas, também, é diversão e arte. 35

1.3 Intervenção do Governo Militar na Maré: quem interviu em quem? 38

1.4 Lembranças da Escola 40

1.5 Trabalho 43

Re-Conhecendo a Maré 52

3.1 Os Tempos do Museu 74

3.1.1 Tempo da Fábrica 75

3.1.2 Tempo da Água 76

3.1.3 Tempo da migração 79

3.1.4 Tempo da Casa 81

3.1.5 Tempo da Resistência 82

3.1.6 Tempo do Trabalho 83

3.1.7 Tempo da Festa 84

3.1.8 Tempo da Feira 85

3.1.9 Tempo do Cotidiano 85

3.1.10 Tempo da Fé 86

3.1.11 Tempo da Criança 87

3.1.12 Tempo do Medo 88

3.1.13 Tempo do Futuro 89

3.2.1 O Museu da Maré Fica!! 90

IV CONCLUSÃO 98

REFERÊNCIAS (Incompleto) 102

ANEXOS 106

INTRODUÇÃO

> “E eu, menos estrangeiro no lugar no momento
> Sigo mais sozinho caminhando contra o vento
> E entendo o centro do que estão dizendo
> Aquele cara e aquela:
> É um desmascaro
> Singelo grito:
> “O rei está nu”
> Mas eu desperto porque tudo cala frente ao fato de que o rei é mais bonito nu”
> Artista: Caetano Veloso, Álbum: Estrangeiro, Data de lançamento: 1989

A presente dissertação de mestrado pretende abordar o surgimento do Museu da Maré a partir de sua instituição mantenedora e criadora, o CEASM- Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré observando seu papel político, social e cultural na Maré e no contexto da Cidade do Rio de Janeiro. Nossa investigação atende aos parâmetros da linha de pesquisa do PPGE, História, Sujeitos e Processo Educacionais, nesse sentido, relações com movimentos, processos educacionais (entendendo o CEASM e o Museu da Maré como espaço não formais de educação), espaços e tempos históricos bem como o potencial intervencionista de sujeitos e ou grupos específicos, suas práticas culturais, representações sociais em sua dimensão material e simbólica serão tratados com especial interesse.

Nesse contexto, entendo como fundamental para entendimento do leitor sobre o meu papel nesse processo, pois não sou alguém estranho a esse objeto, ao contrário, estou bem familiarizado com o mesmo. Primeiro por ser morador da Maré por a mais de 40 (quarenta) anos, o que já me faz parte das memórias a que o Museu da Maré busca retratar; segundo por ser diretor da instituição mantenedora do mesmo, o CEASM e terceiro por fazer parte da fundação e manutenção do Museu da Maré. Esse museu oferece diferentes possibilidades de abordagem, porém, tentarei contribuir nesse processo apresentando como a instituição CEASM – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré onde sou diretor, pensou a proposta do Museu da Maré dentro das pautas político militante abraçadas pela instituição. Dessa forma, nada que venha desse museu poderá ser encarado como um ato do acaso ou sem intencionalidade, ele é um instrumento político sem detrimento do seu potencial na chamada indústria de entretenimento. Gosto de pensar o Museu da Maré como um teatro onde plateia, atores, personagens e figurinos trocam de lugar a todo o momento onde cada uma afeta e é afetado pelo outro onde não existe verdade no singular, pois todos possuem uma verdade acerca desse lugar ou verdades sobre os variados lugares que compõem a Maré e essa complexa peça teatral.

Trata-se de estudar a história da constituição do Museu da Maré, compreender as suas estratégias de mediação cultural (Sirinelli, 1998) por meio do recolhimento de objetos, fotos, depoimentos orais, arte, com vistas a dar visibilidade a tudo o que os moradores da Maré fizeram e fazem; construíram e remodelaram; se apropriaram e adaptaram, visando garantir a sua sobrevivência. Para tal, todos sabem, foi necessário também, festejar, brincar, dançar, fazer arte, se divertir, etc. E é justo isso que o Museu da Maré procura dar a ver: a memória e a história de um grupo.

Esse trabalho investigativo é, também, autorreflexivo, já que como autor desta pesquisa e morador da Maré (na Vila do João) também faço parte dessa trama teatral e isso pode oferecer certo questionamento de alguns e que já adianto serão totalmente fundados, porém os convido a aceitar esse meu lugar de fala como a possibilidade de uma prerrogativa interessante para os estudos sociais.

A ideia é apresentar a Maré e as condições de vida dos moradores ao longo das décadas, procurando demonstrar, em exemplos práticos e pessoais, como ações semelhantes às que se relacionam ao Museu constituem instrumentos eficazes de autorreconhecimento particular e coletivo, empoderando as pessoas que, na maior parte do tempo e nos lugares por onde passam e trabalham não se reconhecem e não são reconhecidas como sujeitos de direitos, detentoras de uma história que mereça ser registrada e reconhecida. Ou exposta em um espaço nomeado como museu que historicamente destinou esse local para contar os feitos de grupos ou pessoas atrelados a uma elite. Longe disso, o CEASM entende ser necessário novas narrativas sobre a Maré e a começar por nós moradores e, principalmente, pelos alunos que passavam por seu projeto Pré-vestibular Comunitário a caminho do ensino superior. Para isso, desenvolveu através da sua Rede de Memória várias atividades que dessem valor a identidade de morador da Favela da Maré.

O debate sobre identidade sempre foi uma marca do CEASM. Desde sua fundação, essa preocupação se fez materializar-se em todo passo dado pela instituição a começar pelo próprio nome, Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré. Cheguei à instituição aos 27 (vinte e sete) anos e foi a primeira vez que vi o nome Maré associado a uma instituição. Sempre gostei do nome Bonsucesso, pois esse era o nome do bairro em que se encontra o CEASM até sua modificação pelo decreto do ex-prefeito Cesar Maia em 1994. Mas fui convencido da importância estratégica em valorizar esse nome em prol da criação de uma mobilização comunitária na luta por melhorias para toda Favela.

Desde o início se sabia que para alcançar seus objetivos seria difícil, pois representação na cidade é um objeto cobiçado e disputado. Afinal, como nos diz

RIBEIRO (1999), "representar a totalidade, o todo social, implica poder: implica construção de hegemonia, capacidade de convencimento, criação de consenso".

E pude perceber isso ao reproduzir esse discurso da instituição aos outros moradores que por força de um imaginário criado “de fora para dentro”, teimavam em negar e até rejeitar o decreto do antigo prefeito que seguia o mesmo modelo. Nesse sentido, é importante observar a alta relevância da comunicação e narrativas sociais, pois as imagens produzidas, tornadas dominantes, são territórios de investimentos simbólicos que necessitam ser permanentemente vigiadas e percebidas como fundamentais instrumentos na conquista de narrativas, produção e reprodução de “consensos” na atração de novos empoderamentos na cidade.

As Favelas, há mais de um século, sofrem com o papel desempenhado pelas mídias em criar um imaginário sobre esse espaço, não raro de forma espetacularizada (SÁNCHEZ, F. 1997) criando “verdades” que acabam contribuindo para representações acerca de sua transformação dentro da cidade. Ela produz signos de bem-estar e satisfação no consumo dos espaços de lazer, cria comportamentos e estilos de vida e promove a valorização ou desvalorização de lugares, bem como os usos considerados "adequados". Em outras palavras, celebra os novos territórios transformando-os em espetáculo e isso é muito importante para entender como se constrói a nossa opinião sobre os lugares bem como sobre as pessoas desses lugares.

As representações influenciam inclusive nas avaliações e ranking de lugares e determinam parte considerável das escolhas locacionais. Vejam, por exemplo, a pesquisa do Instituto Molinari para O GLOBO mostrando que o Piscinão de Ramos na Maré, e a Prainha no Recreio dos Bandeirantes, receberam as melhores notas entre os 22 points avaliados pelos próprios frequentadores. O Piscinão somou 190 pontos e a Prainha, 189, configurando empate técnico. O resultado pode até ser surpreendente, já que os dois grupos de frequentadores possuem enorme distância social e financeira, mas é bom lembrar que a pesquisa reflete a satisfação dos banhistas com as suas praias. E, nesse caso, o sentimento de pertença pode falar mais alto do que uma suposta razão prática ou que a força da propaganda de outras praias (O GLOBO, 02/9/2003).

Por conta desses fatores, teremos por parte da grande mídia a reprodução do pensamento elitista sobre as Favelas. E será esse conjunto de símbolos que irão contribuir não só para a criação de determinado “consenso” coletivo sobre as os mais pobres bem como na orientação das políticas de governo promotora de um cardápio variado de práticas como, despejo, remoção e incursões policiais, que atravessaram o

século passado e permanecem neste. Como ficou claro no editorial do jornal "O GLOBO":

> "...Projetos tópicos não têm mais possibilidade de êxito: favelasbairros, ecolimites, controle do desmatamento. É tratar câncer com aspirina. Muito menos é sensato esperar que um longo (e incerto) ciclo de crescimento econômico venha transformar a Rocinha e o Vidigal em reproduções de vilarejos da Côte D'Azur e da Costa Amalfitana..." (O Globo, Nossa Opinião, 6:27/10/2005)

O CEASM, sabedor desse campo de disputa introduz dentro de sua estratégia o desenvolvimento de uma comunicação local um jornal, O CIDADÃO. Não seria nenhum exagero dizer que foi através desse jornal que a população da Maré passou a se identificar com esse nome. Nos primeiros anos do jornal, houve um esforço muito grande em criar formas de desenvolver esse assunto com os moradores. Dentre elas, duas foram bem marcantes. A ideia do "cidadão mareense", essa era a forma como o jornal tratava os moradores e que em forma de brincadeira conseguiu introduzir o tema no cotidiano dos leitores e quebrando, aos poucos, a resistência dos mesmos. Segundo Ribeiro (2006: 155):

> "Em sua 27ª edição, o jornal O Cidadão apresentou como matéria principal a discussão sobre a formação do bairro. A manchete da capa era a seguinte: "Mareense!? Existe isso?! – Reflexões sobre um bairro em formação"."

Nessa matéria o jornal expõe ao leitor a proposta e justifica sua abordagem apresentando como a ideia de um bairro que pudesse agregar todos os moradores que moram nessa parte da cidade poderia contribuir na busca por melhor infraestrutura e melhorias para a localidade. Isso pode ser visto em seu projeto político apud Ribeiro, 2006:

> "Um dos efeitos da ação do CEASM no bairro já pode ser percebido. É o resgate da auto-estima do nome Maré. Qual morador não passou pela experiência de ter que esconder o lugar onde mora [...] Afinal, não é novidade: para quem mora no lado de lá da Avenida Brasil, a Maré é uma grande favela... lugar que só tem pobre, marginal, coisas assim... Como então aceitar um bairro com essa marca? No entanto, os diversos projetos do CEASM pensam a Maré num contexto histórico e político. Gradualmente, o jovem envolvido nas atividades da entidade constrói uma identidade política com o bairro. Tem gente que até brinca e diz que gostar de ser da Maré é uma invenção do CEASM [...] Chegou então a hora de perguntar: E aquele papo de mareense? Ok, a gente confessa: essa palavra é invenção do jornal. Não que se queira ficar rotulando morador ou forçando um sentimento emotivo de amor à Maré. Nada disso. Na verdade, é uma espécie de lembrança. É uma sutil brincadeira para deixar algumas questões presentes no leitor. Mesmo reconhecendo toda a diversidade e multiplicidade do que é a vida nas 16 comunidades da Maré, é também preciso reconhecer que certos laços unem aqueles que ficaram à margem da Avenida chamada Brasil [...] Chamar o morador de mareense é antes de tudo fazer um convite. É convidar a população para a formação de uma comunidade política ativa, capaz de intervir nas 16 comunidades da Maré e na cidade [...]" (2003, p. 10).

Outra estratégia bem sucedida foi o uso da última página do jornal para contar um pouco da história da Maré. Muitos moradores colecionavam o jornal apenas por conta dessa última página demonstrando que desde o início o tema da memória já era bastante promissor. Muitas das histórias se referiam ou a uma localidade dentro da Maré ou a uma das histórias que se tornaram famosas com o passar do tempo a ponto de serem comparados a uma lenda como foi o caso do "Porco com Cara de Gente".

Para mim que vivi esse momento em que esse fato ocorreu chega ser engraçado tentar provar aos mais jovens que de fato a história é verdadeira. E é nessa hora que o jornal traz a capacidade de tornar legitimo um acontecimento que eu mesmo fui testemunha. Isso demonstra de forma exemplar o quão foi importante a criação desse veículo frente a uma copetição desigual com a grande mídia que tinha a Maré, muito mais na pauta policial que em outras que agregassem maior valor ao que viria a se tornar um bairro (vide anexo 1 apud, Ribeiro, 2006).

Outra questão interessante no jornal é que além dele trabalhar com a memória coletiva, ele também cria outras, pois quando vejo algumas matérias antigas do jornal, percebo que apesar de serem recentes, já fazem parte de acervo de conteúdo histórico desse lugar. E dentre essas matérias, as que mais recebiam conteúdo e solicitação de cobertura eram as de lazer, em particular os de futebol. O futebol talvez seja no Brasil, o lazer que mais cria laços de sociabilidade e lembranças coletivas.

Figura 1

A treinadora da Maré

As mulheres estão tomando conta de cargos antes só ocupados por homens: na política, nos negócios, nos esportes. Mentira?! Morador da Maré que quiser comprovar essa afirmação é só ir ao campo da Paty, na Nova Holanda. Quem se arriscar, pode dar de cara com Maria Tereza de Faria Godoy, 42 anos... treinadora de futebol.

Tereza é treinadora das diversas divisões da equipe dos Gaviões. O mirim é formado por jovens de 9 a 14 anos. Já o Gaviõ

Fonte: Jornal "O CIDADÃO", p. 14, acervo Orozina Vieira – Museu da Maré.

Lembranças como essa, segundo Freire (2014, p. 45),"carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós". No

contexto colocado, percebemos, através de uma análise ainda que superficial dessas falas, que elas emanam “experiências que nos acontecem; nos tocam; nos atravessam” (BONDÍA,2006).

As experiências de lazer deixaram novas dinâmicas sociais à memória do bairro. Essas dinâmicas acabaram por construir uma parte importante da história da Maré. E podem ser pensadas como uma prática de resistência. Resistência inclusive ao processo de urbanização em curso, imposto pelo Estado, sem uma preocupação efetiva com os moradores de Favela. Pois, espaços de lazer como o campo de futebol, são percebidos como espaço comum e mesmo em Favelas onde o solo é muito disputado, o campo sempre é preservado.

Na verdade, na maioria das vezes em que esse espaço é violado dentro dessas localidades acaba sendo pelo próprio Estado que no momento em que precisar construir algum equipamento público dentro de bairros pobres, tendem a usar o único espaço preservado que com rara exceção acaba sendo o campo de futebol.

Como afirma NORA (1993), exemplos como o exposto acima é o que ele chama de lugares de memória, pois são cercados de símbolos onde a presença de rituais garante unidade na coletividade e o que não falta em lugar tão densamente povoado feito a Maré, são símbolos e rituais. Ainda no lazer, tenho em minhas memórias um ritual muito comum nos fins de ano que é o futebol entre casados e solteiros, mas na Maré havia um combinado que era muito aguardado pela população que era o jogo entre gays e lésbicas ou Gay-torade x Sapatão.

Figura 2

Foto de 1991, acervo pessoas de Diogo Nascimento

Para ZALUAR (1985:144), a identidade dos favelados se forma a partir da atuação nas diversas esferas de seu lugar de moradia: associações de moradores, praças, bares, agremiações recreativas, culturais e esportivas. Em que pese a heterogeneidade econômica que possa existir numa favela, a homogeneidade das múltiplas práticas e vivência cotidiana num mesmo lugar cria e renova os seus símbolos de identidade.

As situações em que são colocados na categoria de subalternos, bem como as estratégias de resistência a estas situações forjam laços que não são fixos, nem definitivos, mas estão constantemente sendo renovados e reinterpretados. Estes laços dão o significado de sua identidade. Como, por exemplo, quando são vítimas da discriminação da polícia, ou quando no passado, reagiram contra a uma tentativa de remoção do Governo ditatorial do Presidente Figueiredo, ou quando hoje são impedidos de circular na comunidade de um 'comando rival' (grupos de traficantes armados que disputam o monopólio da venda de drogas ou ainda de milicianos).

Acredito que esse conjunto de memórias, de um espaço tão diverso e dinâmico e populoso só pode ser contemplado em um espaço de memórias, o Museu da Maré. Em 12 (doze) anos trabalhando nesse espaço ainda me surpreendo com a emoção de pessoas que se sentem tão representadas em espaço onde muitas das vezes suas lembranças estão associadas a uma parte triste de suas vidas, onde suas moradias poderiam representar um risco a própria vida, seja pela violência, seja pela fragilidade de seus barracos dentro d'água. Segundo CASTELLS (1999:79):

> "As pessoas se socializam e interagem em seu ambiente local, seja ele a vila, a cidade, o subúrbio, formando redes sociais entre seus vizinhos. Por outro lado, identidades locais entram em intersecção com outras fontes de significado e reconhecimento social, seguindo um padrão altamente diversificado que dá margem a interpretações alternativas. (...) O provável argumento dos autores comunitaristas, coerente com minha própria observação intercultural, é que as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade cultural, comunal."

Logo, um projeto de cidade moderna e humanizada deve passar, necessariamente, pelo respeito a sua diversidade, pois, talvez esse seja o seu maior valor de fato. Não podemos repetir modelos fracassados do passado, como alerta AZEVEDO (1987:145) citando a defesa de um projeto de um deputado paulista à Assembleia sobre o imigrante que se queria para o Brasil:

> "Não são, por exemplo, africanos novos que se quer trazer, não são (...) chineses, raça já abatida e velha que pode inocular vícios de uma civilização estragada (...). Nós queremos os americanos, como paulistas novos adotivos, homens prestimosos, que escolham a província como sua nova pátria, e queremos os alemães como trabalhadores como homens produtivos, e que venham aqui habitar. Tanto uns como outros, os recebemos com entusiasmo".

Ou ainda termos que ler em nosso jornais opinião feito essa no O Globo (6:27/10/2005) na coluna Nossa Opinião:

> "Pode-se ter qualquer posição sobre as favelas. Só não se pode deixar de reconhecer que a favelização está no centro da crise do Rio – até mesmo por ter uma relação direta com a criminalidade. A existência de duas cidades a formal e a informal vem de muito longe. (...) O problema, porém, é que a cidade à margem das leis e das normas (...) cresce em alta velocidade e já sufoca o Rio formal...".

É bem verdade que a Maré frente a tantas outras Favelas, conquistou nos últimos anos muitos equipamentos públicos em grande quantidades. Temos 6 (seis) postos médicos e 3 (três) Clinicas da Família; um prédio administrativo do município; um prédio administrativo da empresa de limpeza da cidade,COLURB; um prédio administrativo da Companhia de Água do Estado, CEDAE; órgão do DETRAN; dentre outras coisas. No caso da educação, só como comparação, a Maré tem cerca de 150.000 habitantes enquanto Rocinha tem cerca de 100.000, na Maré estamos chegando a 46 (quarenta e seis) escolas de Ensino Fundamental enquanto na Rocinha temos apenas 6 (seis). Olhando por esse prisma, há quem acredite que a Maré venceu, principalmente quando percebemos ser quase impossível se pensar em remoção na Maré.

Todavia, não só a Maré, mas as Favelas de uma forma geral não podem dizer o mesmo de seus corpos. Enquanto várias políticas de Estado tem criado um ambiente com bastantes equipamentos públicos e representação governamental nas Favelas, a agressão aos corpos favelados não sofreram melhoria no que tange a segurança pública. Ainda sofremos com a presença do tráfico e das milícias e ainda com as atuações das forças de segurança. Dentre os vários setores do Estado, o que sofreu menor qualificação no trato com a Favela foi a Força de Segurança e isso é um grande problema, pois ele influência em todos os outros serviços.

No primeiro capítulo desse trabalho, busco desenvolver a escrita autobiográfica (JOSSO, 2002) com o objetivo de encontrar os fios que ligam as minhas memórias às histórias que permeiam e constituem o lugar onde cresci e me constituí como pessoa e como militante. Pretendo mostrar como morar na Maré constitui um forte elemento de

construção identitária possibilitado por uma vivencia intensa e muito integrada às rotinas desse espaço. Assim como militância de muitos moradores que lutaram e lutam para que o pertencimento a esse espaço, impregnado de atributos negativos, seja transformado em conscientização, empoderamento e luta pela cidadania a que temos direito.

No segundo capítulo, será dada prioridade às iniciativas que resultaram em diversas redes de empoderamento dos moradores da Maré. Falaremos do papel crucial do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré - CEASM na estruturação dessas ações e daremos prioridade ao Museu da Maré, especialmente à história de sua construção como espaço educativo de empoderamento social e identitário que é parte fundamental dessa dissertação. A descrição dessas iniciativas está baseada nos documentos produzidos pelo CEASM e por suas peças publicitárias e publicações.

E no terceiro capítulo faço uma descrição do que seria uma mediação minha a um visitante que chegasse ao Museu da Maré na pretensão de conhecer a exposição permanente. Acredito que essa tentativa jamais irá substituir uma visita presencial, mas o esforço serve para ajudar na compreensão da importância desse Museu para um morador com eu.

CAPÍTULO I

A HISTÓRIA DE UM LUGAR NAS MEMÓRIAS DE UMA PESSOA

A minha existência enquanto favelado é um representa tácita de como minhas experiências pessoais e coletivas podem nortear minhas escolhas e sentimentos em relação ao meu papel enquanto sujeito. A relação Cultura/Identidade, é muito presente em nossas literaturas, pois são elementos inerentes e internalizados no nosso processo de socialização. É o processo cultural que nos permite reconhecemo-nos como idênticos a determinados grupos e, consequentemente, diferentes de outros. É na cultura que encontramos práticas, valores, saberes, princípios com os quais nos relacionamos com o mundo. Nesse sentido, a identidade de cada um de nós está sempre em construção, já que interage com as transformações vivenciadas no contexto social, responsáveis pela infinita produção de cultura ou multiculturalização.

No que tange a essa constante transformação, os estudos de HALL (2001), explora algumas das questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia e avalia se existe uma "crise de identidade", em que consiste essa crise e em que direção ela está indo. Reflete sobre as mudanças nos conceitos de identidade e de sujeito. Além disso, afirma que as “identidades culturais” são aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso "pertencimento" a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais.

Ele acrescenta que, atualmente a questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social, ou seja, as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até então, visto como um sujeito unificado.

O autor alega está em curso desde o final do século XX, um tipo diferente de mudança estrutural transformando as sociedades modernas. Fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, elementos que, durante séculos, nos forneceu sólidas localizações como indivíduos sociais. Com isso, há uma crescente mudança em nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados e a isso ele dá o nome de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - gera uma "crise de identidade" para o indivíduo, por isso acaba virando uma questão nos dias atuais.

Para CASTELLS (1999), a identidade, nos dias atuais, apresenta um caráter múltiplo e fragmentário e, empiricamente identifica que uma identidade, cultural ou

individual, pode sustentar múltiplas identidades. Todavia, o autor enriquece o ainda mais o debate quando defende que o indivíduo pode exercer funções distintas entre identidades e papéis sociais (trabalhador, mãe, vizinho, militante, sindicalista, jogador, religioso e fumante). A relevância da influência desses papéis depende dos acordos e negociações feitas dos indivíduos com as instituições e organizações.

Porém, partindo do princípio de que as identidades são fontes de significados para os próprios atores, tendo o poder como parâmetro, CASTELLS (1999) propõe três categorizações de identidade: identidade legitimadora, com um caráter essencialista, instituída pelas instituições dominantes; identidade de resistência, que seriam de certa forma essencializadas, que representam os grupos contra-hegemônicos e identidades de projeto, que diz respeito à perspectiva construtivista das identidades onde os atores constroem uma nova identidade, capaz de redefinir sua posição na sociedade. No que tange a perspectiva construtivista de identidade, ele afirma:

> "Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para que isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social. " (CASTELLS 1999, p. 23).

Com isso, podemos afirmar que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é também elemento importantíssimo do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992).

Nesse contexto, pretendo mostrar como morar na Maré constitui um forte elemento de construção identitária possibilitado pela militância de muitos moradores que lutaram e lutam para que o pertencimento a esse espaço, impregnado de atributos negativos, seja transformado em conscientização, empoderamento e luta pela cidadania a que temos direito.

1.2 Infância e Laços Familiares

A chegada da minha família à Maré não foi muito diferente da maioria dos moradores[1]. Com a crise da seca no Nordeste, minha família fez o mesmo trajeto que várias outras e chegaram ao Rio de Janeiro por volta da década de 1960. Meu avô era ajudante de caminhão e passava muito tempo longe de casa. Porém, depois da morte da minha avó, ele se tornou responsável por cuidar da minha mãe, que só tinha 11 anos, e meu tio, que foi adotado ainda no Ceará quando era criança, com 13 (treze) anos de idade. Sentindo-se incapaz de cuidar das crianças sozinho, meu avô pediu ajuda às suas cunhadas e durante um bom tempo minha mãe e meu tio foram criados separados. Minha mãe foi morar com a tia Alaíde em Caxias e o irmão de minha mãe[2] ficou com a tia Maria no Morro do Timbau, na Maré.

Até onde sei, minha mãe teve boa educação escolar pois contou com a dedicação exclusiva da tia Alaíde, que não poderia ter outros filhos. Ao contrário da tia Maria, que além do irmão de minha mãe já tinha outros cinco filhos para cuidar. Tia Alaíde não era casada, mas era amante de um jornalista fotográfico da Revista o Cruzeiro[3], que ficou

---

[1] A população residente na Maré é majoritariamente fluminense (65,49%), seguida da população vinda dos Estados da região Nordeste, especialmente da Paraíba (13,06%); Ceará (4,56%); Pernambuco (2,98%) e Rio Grande do Norte (2,79%). Dentro da região Sudeste, destaca-se o estado de Minas Gerais (2,82%), seguido pelo Espírito Santo (1,25%) e chama a atenção o pequeno percentual de pessoas oriundas de São Paulo (0,61%). Das demais regiões do país, assim como de países estrangeiros, o número de habitantes da Maré é muito pequeno, está abaixo de 0,05%. Mesmo no caso de Angola, que concentra uma colônia na Vila do João, o percentual de angolanos é de 0,14% para o conjunto da Maré e de 0,44% na Vila do João. Fonte: CENSO MARÉ 2000.

[2] Durante minha escrita causarei uma pequena confusão em minha relação de parentesco. Isso ocorre por conta de tratarmos como tias, as tias e primos pessoas que na verdade são tias e primos de minha Mãe. A verdade é que na prática minha Mãe só teve um irmão, logo só tenho um tio.

3 Lançada no Rio de Janeiro (RJ) em 10 de novembro de 1928 por Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, O Cruzeiro foi uma das mais proeminentes revistas ilustradas da história da imprensa brasileira. Circulando semanalmente em todo o território nacional, foi um dos primeiros órgãos a integrar os Diários Associados, a primeira rede de comunicação brasileira, que, em seu auge, contabilizaria 36 jornais, 18 revistas, 36 rádios e 18 emissoras de televisão, dentre as quais, a TV Tupi. Fundada num período de franca expansão da rede, quando Chateaubriand já mantinha O Jornal, a revista foi um dos bastiões dos Associados, tendo revolucionado o mercado editorial brasileiro ao criar e ditar padrões, além de ter influenciado fortemente a opinião pública nacional de acordo com as predileções políticas de seu proprietário. Fonte: BNDIGITAL, Biblioteca Nacional.

conhecido por ter conseguido entrevistar e fotografar os assaltantes do Trem Pagador. No início da década de 1960, esse grupo representou um grande desafio para a polícia carioca, tamanho o feito dos criminosos. Esse grande assalto virou filme e muitos dos envolvidos, como a mídia, os policiais, parentes e criminosos, contribuíram de forma quase folclórica para o imaginário a cerca da segurança pública do Estado do Rio de Janeiro durante anos.

Foi em Caxias que minha mãe conheceu o Antônio "Negão", meu pai e de Marcelo, meu outro irmão. A tia Alaíde ficou muito irritada com essa aproximação, pois não via "futuro" nessa relação uma vez que meu pai era analfabeto, sem emprego fixo e muito mais velho que minha mãe. Na época, ela devia estar com 17 anos e a diferença de 13 anos entre os dois era bastante visível. Porém, o relacionamento continuou às escondidas, contrariando as ordens da tia Alaíde que, ao descobrir, tentou fazer com que os dois nunca mais pudessem se encontrar. Um dia, sem aviso prévio, ela exigiu que minha mãe juntasse toda a roupa para ir morar na Maré com a tia Maria. A ideia era fazer isso com rapidez sem que meu pai soubesse, mas minha mãe habilidosamente escreveu o endereço da casa na Maré, colocou em uma revista e entregou para uma amiga sem que sua tia percebesse.

Tempos depois, meu pai apareceu na Maré e conseguiu continuar com o romance com a autorização da tia Maria, que era muito mais liberal. Sou o primeiro fruto desse romance e quando nasci, meu pai nos levou para morar no Lote XV em Belford Roxo. Ele vivia de "biscates", mas em minha memória só lembro-me de seu trabalho como feirante. Lembro também de termos morado, ao menos, em duas casas bem diferentes uma da outra. A primeira era na beira de um rio e tenho duas passagens que não me deixam esquecer esse barraco. A primeira, foi de uma cobra ou serpente, não sei dizer com certeza, ter passado por cima de meu pé enquanto eu brincava em uma ponte de madeira próxima ao rio. E a outra, foi quando em um período de chuva, o rio transbordou e minha mãe me pôs em cima de uma mesa junto com as poucas coisas que pode salvar; e o que mais me impressionava eram a presença de rãs, sapos e outros bichos que passavam por dentro do barraco durante a enchente.

Não sei se foi por conta desse episódio, mas lembro-me que depois disso moramos numa casa de alvenaria. Nessa casa havia um poço, um quintal muito descuidado e parecia que havia ficado abandonada por um bom tempo. Trago dessa casa a lembrança de uma palmada que meu pai me deu e que me marcou bastante, pois foi a única vez em que ele foi agressivo. Ao contrário de minha mãe, que tinha um repertório extenso de agressões comigo e depois com meus irmãos. Não sei dizer quais foram os motivos, mas

eles se separaram e acredito que tenha sido na gravidez do meu irmão Marcelo. Depois disso, só fui rever meu pai 15 anos depois e eu já estava no período de alistamento nas forças armadas.

Após a separação, minha mãe saiu do Lote VX em Belford Roxo para morar na casa da tia Maria, que já abrigava cinco filhos e o marido que durante a semana dormia no emprego.

Era uma casa pequena localizada no Morro do Timbau: com dois quartos, uma sala e uma cozinha. A maioria dormia no quarto maior, onde o tamanho se assemelhava ao de uma garagem, e na sala da casa. Eu devia ter uns dois anos e meu irmão Marcelo ainda recém-nascido. O trabalho de meu avô como ajudante de caminhão não era o suficiente para nos manter financeiramente, pois ele possuía outra família e com outros filhos. E com o nascimento do meu terceiro irmão, Ubiratan, a convivência na casa de minha Tia começou a se tornar muito difícil, e minha mãe decidiu procurar outros lugares para ficarmos.

Foi nesse período que passamos a fazer parte de coletivos não muito organizados, de ocupação de terrenos, principalmente em morros. No entanto, sempre éramos expulsos pela polícia e acabávamos voltando para casa da Tia Maria. Lembro-me do último morro que ocupamos. Meu avô havia conseguido boas madeiras para iniciarmos a construção do nosso barraco, enquanto ficávamos numa barraca de plástico guardando o lugar para que outro não viesse se apoderar dele. No entanto, caiu uma chuva muito forte e minha mãe se assustou com os acidentes que já estavam ocorrendo com os outros ocupantes. E em uma dessas chuvas, fugimos de lá somente com a roupa do corpo e, mais uma vez, fomos para casa da minha Tia.

No dia seguinte, descobrimos que haviam levado toda nossa madeira e minha mãe ficou muito triste com o ocorrido. Foi nesse momento que meu avô decidiu construir o barraco ali mesmo na Maré. O perigo era o mesmo, pois a possibilidade do barraco cair na Maré ou sermos expulsos pela polícia era bem real. Com tudo, tínhamos nossa família próxima de nós e fazer parte de uma rede de sociabilidade era vital para se estabelecer em uma Favela.

Não lembro como foi essa construção, mas quando cheguei ao nosso barraco feito sobre as águas da Baia de Guanabara, senti muito medo. Acho que fui me adaptando de forma lenta e gradual. Durante um tempo, nosso barraco ficava exposto ao vento e tremia muito, mas ainda assim era bonito contemplar as estrelas e seu reflexo nas áugas junto com a minha mãe. Ela enfeitava a varanda com pequenas flores que despertavam ao amanhecer e isso ajudava a esquecer, um pouco, o mau cheiro. Mas as águas sujas da

Baia eram generosas, além de trazer os brinquedos de um aniversário que nunca tive quando criança, também nos permitia brincar com seus fluxos e refluxos. Não cheguei a mergulhar para tomar banho, pois até hoje não sei nadar, mas meus novos amigos o faziam com muita frequência. Outra brincadeira bastante disputada era a de bolas de gude. Eu era apaixonado por bola de gude e era muito bom nessa brincadeira. Por muitas vezes esquecia-me das tarefas de casa como encher o barril de água, cuidar de meus irmãos menores, fazer comida, arrumar a casa, pegar ou levar meus irmãos na creche quando minha mãe não conseguia. Aliás, eles passavam a maior parte do tempo comigo. Mesmo em dias de chuvas, não dispensava as bolas de gude e eu não conseguia deixar de brincar.

Figura 3.

1-Arquivo Orozina Vieira, in Museu da Maré.

Soltar pipa era outra brincadeira muito disputada na Maré, mas eu não era muito bom nisso. Minha maior especialidade na temporada de pipas sempre foi roubar as pipas que estavam no ar ou o uso da marimba para pegar pipas que eram cortadas por outras. Os melhores dias eram os que o vento ficava no sentido terra para o mar, pois como eu morava no limite da Bahia da Guanabara, tinha mais chances de pegar pipas perdidas no ar. Como não tinha dinheiro para comprar linha, o jeito foi emendar resto de linhas que encontrava nas ruas ou pegava nas próprias pipas perdidas. As melhores pipas vinham do fornecedor mais famoso, o Wando. Ele tinha um carimbo e isso valorizava bastante a as pipas.

Também existiam vários tipos de brincadeiras de “piques”, e eu brinquei em vários. Mas lembro-me que futebol era uma paixão familiar. Na casa da tia Maria, todos eram

torcedores do Vasco da Gama e eu também me tornei um deles, só não sei se foi pela família ou por influência do meu pai. Apesar dele não ter me criado, também torço pela escola de samba Portela, assim como ele. Tia Maria era tão fã do Club Vasco da Gama que colocou o nome dos titulares do time em todos os gatos da casa, eram 13. Um dos filhos dessa tia era jogador do Botafogo, e acho que por isso meu tio Oswaldo se tornou Botafoguense. No entanto, era engraçado que mesmo jogando no time rival, meu primo continuava vascaíno. Graças a ele, pude ver vários jogos de futebol e conhecer alguns jogadores famosos.

Durante minha infância, as poucas brincadeiras em que participei (como as citadas anteriormente) se deram em função da participação dos meus primos. Como eles eram mais velhos, gostavam de me levar a diversos lugares. Mas como minha mãe foi tendo outros filhos, essa prática foi ficando cada vez menos regular.

Em nosso barraco na Maré, morávamos, eu, minha mãe e meu irmão Marcelo durante um tempo. Meu terceiro irmão, Bira, ficou morando com a minha tia Maria. Mas logo depois, mais um irmão chegava, o Fabiano. Dois anos depois, veio a Vânia, a caçula. Foram tempos muito difíceis, minha mãe se sentia muito culpada por tudo que nos atingia. Sua dificuldade em garantir alimentação, roupa, comprar livros, ter que trabalhar e ao mesmo tempo não ter com quem nos deixar, era muito doloroso para ela. Aos nove anos passei a tomar conta da minha irmã de um ano e acredito que foi a fase mais difícil, foi nessa época que ela passou a levar a sério as sugestões das pessoas de que devia da possibilidade de nos enviar para doação ou colégio interno.

Eu já sabia ler e reconheci os documentos necessários para dar entrada ao processo que ficavam em uma mesa pequena, na entrada do barraco, bastando apenas sua assinatura. Ela os lia toda noite ao chegar do trabalho e em seguida chorava. Eu e meu irmão Marcelo ficamos muito apreensivos naqueles dias e procurávamos ajudar no que fosse preciso. Passamos a buscar formas de contribuir com a entrada de alimentos em casa, pois era uma das coisas que mais pesavam no período. Paramos de ir para rua e deixar nossos irmão sozinhos, pois os vizinhos sempre nos denunciavam e muitos menos causar problemas na escola. Minha mãe reconheceu nosso esforço rasgando toda a papelada. Para nós foi um alívio, mas para ela representou o divórcio com seus projetos pessoais, vaidades, sonhos de ter uma pessoa ao seu lado, agora ela era escrava da responsabilidade de ser mãe.

1.2 A vida não é só comida; mas, também, é diversão e arte.

A década de 1970 foi muito complicada. Os lugares onde poderíamos conseguir comida eram muito disputados. Na Associação de Moradores do Timbau ofereciam sobra da comida dos funcionários do SESI, mas esse era o local onde eu menos gostava de ir. Ficava próximo à casa da tia Maria, que já tinha um filho famoso por ser jogador do Botafogo, e eu me sentia humilhado com a possibilidade de ser visto pedindo sobra de comida. O lugar mais discreto era a padaria Tatiana, pois podíamos pegar o pão de madrugada. Lá tinha um padeiro (pai do falecido Duda), que sempre guardava pães velhos para nossa família. Também tinha um chiqueiro perto de casa, onde os donos nos deixavam pegar os alimentos que estavam em melhor estado e só depois davam o restante aos porcos; e, por último, as quitandas da Favela, onde em alguns momentos afanamos alguns alimentos. Mas falarei disso com mais detalhes posteriormente, pois havia mais de travessuras juvenis do que má fé nesse caso.

Era difícil conseguir trabalho aos nove anos, mas aos sábados tentávamos carregar as compras dos moradores na Feira da Teixeira e à noite eu ajudava a Dona Maria do Rock (acho que ela tinha esse apelido para se diferenciar das tantas outras "Marias" que havia no bairro. O nome Rock vinha do seu filho, que por ser muito arredio, ficou mais famoso que a mãe e assim a fez ficar conhecida.). Foi um dos trabalhos que mais sinto saudades. Nós vendíamos churrasco durante o ensaio do Bloco Corações Unidos, de Bonsucesso. Eu amava aquele clima de festa.

A carne bovina era muito cara, eu mesmo não me lembro de ter tido muitas oportunidades de comer na infância. Talvez, por isso, Dona Maria do Rock tinha um jeito todo especial para preparar o churrasco. Não sei dizer se ela usava carnes diferentes no mesmo palito, mas, na hora de preparar os espetos, sempre pedia para eu colocar os pedaços de carnes mais duros ou com mais gorduras no final do palito e a melhor carne no início. E à noite, na hora de colocar a carne na churrasqueira, ela tinha outro segredo, o bacon. Era um pedaço generoso espetado em dois palitos, mas não era para venda. Ele servia para dar cheiro ao churrasco e, ao longo da noite, o bacon era passado por cima da carne, fazendo com que todo churrasco levasse consigo um pouco desse aroma e sabor.

Mas não é por isso que eu gostava tanto de vender churrasco com a Dona Maria do Rock. Eu era fascinado mesmo pelo ensaio do Bloco dos Corações Unidos. Era sempre especial. Tanto meus vizinhos de palafita, quanto os que moravam no Morro do Timbau

e tinham uma situação melhor, se juntavam naquela festa. E no final do ensaio tinha a roda de samba. Adorava ver “Inha”, irmã mais velha do meu amigo “Ninho”, entrar na roda para sambar. Apresentava uma graça, beleza e sutileza que mais parecia uma rainha. Ela dançava como ninguém e quando se juntava com seu outro irmão, Bádo, era como se dois anjos estivessem na roda. Ao longo da vida, conheci outros ritmos e estilos de música com os quais me identifiquei, mas poucos conseguem ativar minha memória como o samba que, inevitavelmente, me transporta para esse momento onde Inha e Bádo entravam na roda.

Outra festa que me trazia muita alegria eram as juninas. Primeiro pela organização dos arraiais, que exigia um esforço coletivo para procurar bambus, cortar e fazer as amarras. Cortar as bandeirinhas, colar no barbante e esticar no alto do Arraiá. Na verdade, a montagem do Arraiá é feita no final do processo, pois antes tem os ensaios que já mobilizam muitos moradores. Não sei explicar por que nunca dancei quadrilha já que era tão apaixonado, mas adorava assistir.

Os comerciantes já começavam a montar suas barracas nesse período, o que já causava um clima de festa, e se tornava parte da programação de fim de semana. Quando acabava a dança das quadrilhas, diminuíam a luz e o Arraiá virava um grande salão de baile, era a hora das paqueras, namoros, encontros e desencontros. Esse era um momento em que eu conseguia uma boa grana dos meus primos mais velhos, pois eles eram muito namoradores e sempre me usavam para ajudá-los nas paqueras ou para driblar as namoradas.

Umas das ações que era quase uma tradição para minha turma de garotos da palafita estava na montagem das fogueiras de São João. Para isso, tínhamos que conseguir madeira, o que não era muito difícil, pois nossas casas e barcos eram feitos de madeira. Depois de montada a fogueira, faltava a parte menos nobre do processo: conseguir batata doce. Como já tínhamos o hábito de aprontar algumas molecagens na Favela, principalmente para conseguir alimentos, as quitandas eram alvo antigo de nossas investidas e a do a famosa era a do Seu Sacudino. Sempre que fazíamos a fogueira nessa época, reuníamos uma equipe para roubar suas batatas doces. Isso ocorria todo ano e, apesar de ser errado, pra nós era uma grande diversão.

Outra vítima de desses pequenos furtos eram os carros da pamonha. Até hoje eles trabalham quase que da mesma forma. O motorista segue ao volante anunciando do carro frases como: “Olá minha senhora! Está chegando em sua rua o carro da pamonha. Quentinhas, cheirosas e saborosas pamonhas”. E na parte de trás do carro ficavam as pamonhas desprotegidas, o que facilitava nossa transgressão. Normalmente, pedíamos

para que parte do grupo distraísse o vendedor para que a outra pudesse afanar o alimento.

Essas pequenas travessuras, com o passar do tempo, fizeram com que muitos amigos fizessem disso uma prática e passassem a procurar alvos mais rentáveis. Um dos meus primeiros amigos, do qual nunca esqueci, é o Abílio. Ele era branco, bonito e muito paquerado pelas meninas do colégio. Tínhamos 11 anos e ele namorava a Márcia, também linda. Junto com a Cláudia, formávamos um grupo de amigos da escola.

Ele não tinha o perfil dos meus amigos de travessuras no comércio local. Tinha uma estrutura familiar boa, andava sempre limpo e com roupas e materiais escolares novos. Mas num belo dia fomos surpreendidos com a notícia de que ele havia sido assassinado por tentar roubar uma garagem, que fica do outro lado da Avenida Brasil, bem próximo de nossa casa. Eu me senti muito mal e até hoje fico tentando imaginar como e por que ele faria isso. Depois disso, essas notícias passaram a fazer parte da minha rotina. Amauri e "Pequeno", que faziam parte do grupo dos furtos aos carros de pamonhas, tiveram fins parecidos; "Coité", morto por roubar galinhas na Baixa; "Come rato", Eronildo,...

Nessa época, eu já frequentava a Igreja Assembleia de Deus. A forma como cheguei até essa igreja e depois levei meu irmão é muito curiosa. Minha família era de religiões de matriz africana, mas eu não gostava e eles não forçavam a minha ida. Só que Tia Maria sempre achou importante uma religião para nos proteger, e antes que eu começasse a frequentar a Assembleia de Deus, tratou de me batizar na igreja católica Nossa Senhora dos Navegantes. Eu até tentei participar das atividades nessa igreja, mas não me acostumava com as imagens religiosas e logo parei de ir. Num dia de domingo, uma senhora que era membro da Assembleia me convidou para uma escola dominical. Como tinha lanche no final, acabei pedindo para minha Tia me deixar participar e ela autorizou. Acabei gostando e passei por outras igrejas até completar 15 anos de idade, quando parei de frequentar. Mas retornei aos 24 anos, mas por outro motivo que explicarei logo mais.

No final da década de 1970, passou a ser comum a presença de autoridades e repórteres na Maré. Antes disso, só me lembro da famosa prisão dos assaltantes de uma empresa de ônibus, Paranapuan, que foram emboscados num barraco construído atrás do meu e por pouco não fomos atingidos pelos tiros, já que tudo era de madeira; e também por conta do famoso porco com cara de gente, que nasceu em um beco próximo ao nosso, em um dos chiqueiros da época. Agora, os motivos que traziam os jornalistas à Maré era outro: o Projeto Rio.

1.3 Intervenção do Governo Militar na Maré: quem interviu em quem?

O final dos da década de 1970 marcou um período de grande s mudanças para nós da Maré. Na escola, aprendíamos a marchar e cantar os hinos para o dia da bandeira e também para recepcionar o Presidente João Batista Figueiredo, pois suas visitas passaram a se tornar constantes. O motivo de tanta agitação se dava pela notícia de que todos seriam retirados de suas casas e toda Favela removida, causava aflição a todos. Minha mãe, por diversas vezes, faltou ao trabalho para participar de reuniões ou porque teríamos visita em nossa casa. Eu e meus irmãos ficávamos loucos para conhecer as novas áreas de lazer da Maré tão comentada pelos amigos. Na verdade, essas áreas faziam parte do processo em curso na região. Pois, passaram a aterrar parte da Baia de Guanabara para construírem as casas para onde seríamos transferidos com isso, as crianças aproveitvam para brincar nas grandes extensões de areia trazidas pelas empresas.

Vários campos de futebol foram criados e apelidamos o espaço que daria origem ao Pinheiro e Vila do João, de "Areinha". Antes desse espaço, nosso local de recreação eram os gramados da UFRJ na Cidade Universitária. Era muito divertido, apesar do perigo que havia por conta dos carros que passavam em alta velocidade na estrada que dava para a Ilha do Fundão. Perdi um amigo nesse local quando ele foi pegar a bola que havíamos chutado e caído na estrada.

Durante o período de cadastramento dos moradores, a prima da minha mãe, Lourdes, passou uns dias lá em casa. Um tempo depois entendi que minha mãe e outros moradores aproveitaram a ocasião para conseguir casas para os parentes e amigos.

Não tínhamos muita coisa dentro de casa. Nossa mudança coube dentro de um caminhão de carroceria aberta, junto com a de outros moradores, e ainda pudemos ir junto. Era uma cena estranha, confusa, barulhenta e de sentimentos dúbios. À medida que subíamos no caminhão, nossos barracos eram colocados abaixo como se fossem de papelão e em questões de minutos todos os meus referenciais de rua, casa de amigos, locais de brincadeiras, brigas, enfim, tudo deixava de existir tendo ao fundo as águas da Baia e as margens da Cidade Universitária.

Apesar do desconforto e certo trauma gerado por essa mudança tão agressiva do local de moradia, descobri anos depois, por meio do CEASM, que em outros lugares o processo havia sido bem pior. No nosso caso, houve muita negociação com os militares da época. Minha mãe teve a oportunidade de escolher o tipo de casa que desejava, a cor,

se seria de dois andares, na beirada da rua ou travessa, e assim também os demais moradores. Os comerciantes, por exemplo, puderam ter casas maiores com o espaço para instalação de seus comércios localizados nas esquinas que cercavam as praças. Os donos dos chiqueiros e dos respectivos porcos foram indenizados por cada animal levado. Sem falar que nossa "remoção" foi de menos de 500 metros, enquanto outras favelas da cidade foram para lugares bem distantes.

Ao chegarmos à Vila do João, demoramos um pouco para nos adaptar. Logo de início, foi profundamente impactante entrar em casa com energia elétrica, água e gás encanado. Era tudo muito novo e diferente. Para mim, a energia elétrica trazia muitas possibilidades, apesar de não possuirmos nenhum aparelho elétrico. O objeto mais sonhado era a televisão, e isso aconteceu meses depois com ajuda do meu primo Oswaldo, aquele que jogava no Botafogo. A TV era à válvula e de segunda mão, mas foi muito festejada.

Contudo, nada me chamou tanto a atenção quanto a presença de água em casa. Até hoje me surpreendo com a água caindo de um chuveiro. Eu e meus irmãos chegávamos a ficar um dia inteiro à procura de água para encher o nosso barril, era sempre uma tortura. Lembro-me que tudo era motivo para tomar banho e o banheiro passou a ser um dos lugares mais procurados para brincar também. Os meus irmãos menores, ao contrário de nós que éramos maiores, possuíam o "luxo" de poder brincar no tanque cheio de água. Tudo era novo e ao mesmo tempo desafiador. O governo Figueiredo fez um esforço enorme para nos agradar.

Muitos equipamentos não haviam sido instalados ainda, mas as obras avançaram e pouco tempo depois já tínhamos um pequeno posto médico. Ele ficava na esquina da Rua Três com a Rua 13, em frente a um cinema da época. Também havia um órgão de assistência social chamado LBA – Legião Brasileira de Assistência - que oferecia ajuda para compra de leite, documentação e isenção para outros serviços. Localizava-se entre as ruas Cinco e 10, próximo à creche feita em homenagem à esposa do Presidente Figueiredo: Creche Tia Dulce. Aliás, foi feita outra próxima à minha casa, na Rua Dois, em homenagem ao Ministro Mário Andreazza, chamada Creche Tio Mário.

A Escola Municipal Josué de Castro demorou a ficar pronta, mas não foi um problema porque o governo colocou ônibus à nossa disposição para nos levar e trazer de outra escola. Além disso, esses ônibus também nos levavam para passeios. Lembro-me de ter passeado pela primeira e única vez no Bondinho do Pão de Açúcar justamente nessa época, e também tive a oportunidade de assistir aos lançamentos dos filmes dos Trapalhões sempre que faziam um novo. Era muito legal.

1.4 Lembranças da Escola

Eu estudei da primeira à quarta série na Escola Municipal Quarto Centenário, que fica na divisa do Morro do Timbau com Baixa do Sapateiro, na Rua Nova Jerusalém. Eu era um excelente aluno, muito aplicado, calmo e estudioso, apesar das dificuldades com o material e uniforme escolar. Muitas vezes a borracha de apagar era substituída por miolo de pão, os sapatos eram fruto de doação da Igreja e todo material deveria ser bem preservado para ser repassado aos outros irmãos. Essa questão do material escolar era tão séria pra mim que, uma vez, meu colega de sala (acho que era Cosme o seu nome) tentou me tomar minha borracha e entrei numa briga com ele. Minha professora Silvia havia saído da sala e por sorte voltou rápido, pois na briga eu acertei a testa de meu colega contra a quina da carteira e começou a sangrar muito. Não lembro como ele foi socorrido, mas a questão é que a briga não acabou por aí.

Um belo dia, Cosme e sua mãe foram visitar Dona Penha que para minha surpresa era tia do Cosme. Quando sua mãe me viu na ponte que dava para meu barraco, correu atrás de mim para tentar me agredir, por sorte minha mãe estava em casa e me protegeu. A mãe do Cosme me acusou de tentativa de assassinato e relatou a sua versão da história. Minha mãe então foi até a escola no dia seguinte saber da professora Silvia o que havia acontecido. Ela explicou como tudo aconteceu e que o Cosme era muito encrenqueiro, e disse que ao contrário dele, eu era muito calmo, bom aluno e apenas estava me defendendo. Mas minha mãe questionou o porquê dela não ter comunicado a família sobre o ocorrido e ela respondeu que não achava justo, e que temia por minha mãe me dar uma surra sem necessidade.

A E.M. Quarto Centenário foi a única escola em que fui aluno de tirar boas notas. Ao passar para o quinto ano, tínhamos que ser transferidos para outra escola e foi aí que os problemas começaram a aparecer. Passei a estudar na E.M. Clotilde Guimarães. Acredito que tenha sido a melhor escola que estudei, mas também a que tive mais dificuldades. Ela fica próxima à Favela Nova Holanda, colada à passarela 10 da Avenida Brasil. A maioria dos alunos vinha da Nova Holanda e Parque União e, por causa disso, os alunos de outras favelas sofriam muita perseguição e violência. Na verdade, até os professores sofriam violência em dias de “guerra” entre os alunos dos diferentes espaços.

Para não ter que ficar brigando, tratava de me juntar aos grupos mais fortes e através deles garantir uma representatividade. Não significa que eu não brigava em alguns momentos, mas pertencer a um grupo nos ajudava a chegar e sair da escola sem passar

por emboscada ou algo do tipo. Por outro lado, também estava com o grupo em momentos não tão legais ao danificar alguns espaço da escola ou agredir um colega. Mesmo com essas dificuldades eu não era de faltar às aulas, mais por conta da possibilidade de poder me alimentar do que, necessariamente, por gostar de estudar. Acredito que até o fim do antigo primeiro grau, o principal elemento que me fazia estar na escola era a garantia da alimentação e isso fazia com que eu frequentasse a escola até nas férias.

Mas retornando às minhas dificuldades nessa escola, o choque que eu tive com a diferença de tratamento com os professores da E.M. Clotilde Guimarães em relação a minha escola anterior foi muito impactante. Enquanto na anterior eu me sentia acolhido e protegido, nessa nova escola me sentia um intruso. Os professores faziam questão de se mostrarem agressivos. Não lembro qual foi o motivo, mas foi nessa escola que pela primeira vez fui agredido fisicamente por uma professora. Ela dava aula de português e, não lembro por que razão, foi até minha carteira e me puxou pela orelha por quase 100 metros até chegar à secretaria, me jogar numa cadeira e cobrar da diretora um castigo.

Sofri violência de outros professores, mas em se tratando de violência física, essa foi a única vez. Só que eu estava longe de ser um "santo" também. Havia uma professora de matemática que era muito debochada e nos humilhava a todo o momento. Os dias em que éramos comunicados sobre as notas eram os mais difíceis. Ela fazia questão de criar todo um suspense e ditava as notas como se estivesse em um programa. Eram raros os alunos que conseguiam tirar uma nota maior que cinco e parecia que sua alegria era maior em ditar as notas mais baixas que as superiores. Em uma determinada vez em que ela ditou nossas notas, uma das mais festejadas por ela foi a minha. Ela dizia: "Lourenço, para variar, nota ZERO". Ela fazia isso aos berros.

Então, numa dessas vezes, juntei um grupo de alunos descontentes e fomos até o estacionamento para quebrarmos seu carro novo. Era um carro caro da marca Del Rei. Quebramos retrovisores, arranhamos toda lataria, entupi o cano de descarga com banana, enfim, danificamos o máximo que pudemos. No dia seguinte, ela veio trabalhar com uma "Brasília" bem velha e não deixou barato. Além de dizer que tinha mais um carro na garagem, tratou de reprovar toda turma.

Outra coisa muito comum naquela época era ser expulso de sala. Vários professores expulsavam os alunos que não haviam comprado os livros e não aceitavam que olhássemos o livro do colega. Como minha mãe não tinha condições de comprar, eu acaba fora da sala. Mas eu não gostava de perder a merenda, então tratava de ficar dentro da escola fazendo hora até o momento de poder me alimentar. Uma das coisas

que eu gostava de fazer era jogar bola, porém, não podíamos ser visto pela diretora, Dona Ana. Ela era muito temida na escola, mesmo pelos professores.

Sempre que ela chegava, eu tentava disfarçar para que ela não questionasse por não estar dentro de sala. Mas numa dessas vezes eu não consegui escapar e tive que responder por qual motivo eu matava tantas aulas. Respondi que era por conta da falta de livros e foi então que ela me pegou pelo braço e me arrastou até a sala do Prof. Célio, de Matemática. Ela me empurrou para dentro e gritou ao professor: "O senhor sabia que a mãe dele paga imposto? Ele tem direito de estudar. Se o problema dele é a falta de livros, eu vou resolver esse problema". Eu rapidamente tratei de procurar um lugar para sentar enquanto o professor, sem responder uma única palavra, voltou a escrever no quadro. Em seguida, a diretora Ana voltou com os livros de todas as matérias e jogou em cima da minha mesa.

Reparei que todos os livros traziam algum defeito de fabricação, mas para mim que estava acostumado com livros usados, rabiscados e às vezes faltando folha, aqueles livros eram perfeitos. Porém, isso não significa que me tornei um aluno perfeito e por isso fui reprovado pela segunda vez (a primeira foi na quinta série e agora na sexta série). No ano seguinte, consegui ser aprovado para o sétimo ano e nessa mesma época a escola próxima a minha casa já estava pronta. Ao final do ano de 1986, após quatro anos nessa escola e tendo sido reprovado em dois deles, pedi minha transferência para a E.M. Josué de Castro, na Vila do João.

Ao contrário da E.M Clotilde Guimarães, minha nova escola deve ter sido a pior escola que estudei e a que mais amei. Ela não tinha nem uma biblioteca, muitas coisas do prédio precisavam ser terminadas e o corpo de professores era a parte mais difícil. Muitos professores morriam de medo em ter que dar aula na Vila do João. Na época, essa favela tinha o nome de "Inferninho Colorido" ou "Malvinas". O primeiro apelido fazia uma referência ao colorido gritante de cada casa e às constantes guerras por disputa de pontos de drogas (naquela época não existiam ainda as facções e as disputas eram entre bandidos e traficantes que disputavam, entre si, os espaços dentro da favela). E o segundo associava a Guerra das Ilhas Malvinas entre Inglaterra e Argentina aos conflitos citados acima.

Minha turma era a mais avançada da escola, pois era a primeira sétima série a ser formada e meus colegas de turma eram mesclados entre novos e velhos, ao contrário da escola anterior que nos separava por idade e nível de desempenho escolar no ano anterior. Tratei de formar um grupo assim como antes, para me defender e fugir de brigas. Mas, diferente da E.M. Clotilde Guimarães, todos os alunos dessa escola eram

do entorno e moravam próximos um dos outros, logo não havia uma rivalidade bairrista. Porém, uma das turmas da sexta série era de garotos muitos brigões. Apesar de estarmos no sétimo ano, eles eram bem mais velhos que os de nossa turma e exerciam um poder dentro da escola. Em dois anos só tivemos uma briga com essa turma, em que eu fui um dos pivôs, mas não chegamos a ter agressões físicas.

Como éramos a turma mais avançada, passamos a chamar a turma de "Elite" e a cuidar da escola. Fizemos dos professores nossos parceiros, criamos grupos de estudos, ajudávamos os outros alunos nas aulas de educação física à noite ou nos fins de semana. A escola, por sua vez, confiava tanto em nós que passou a deixar as chaves da escola em nossas mãos para fazermos essas atividades. Fizemos mutirões para limpeza ou para pintar, enfim, era nossa casa. Passávamos o maior tempo possível dentro da escola, mesmo nas férias. Passado 30 anos, ainda hoje criamos motivos para nos encontrar e adoramos quando chega alguém novo no grupo para poder relembrar das histórias que já contamos inúmeras vezes.

1.5 Trabalho

Em vários momentos tentei sair dessa escola. A situação em casa estava muito pior do que no período em que morávamos nas palafitas. Eu já era um adolescente e poderia trabalhar, mas minha mãe insistia em não nos deixar sair da escola. Com isso restava poucas possibilidades de contribuir com os custos domésticos. Ao mesmo tempo em que ficamos felizes em ter energia elétrica, água e gás em casa, ficávamos tristes em não poder pagar todos elas. Todo mês era um desafio escolher que conta pagar e, ao mesmo tempo, garantir alimentação. A mais cara das contas era a de energia elétrica e ao mesmo tempo a que mais nos abatia.

Como minha mãe era contra fazer uma ligação ilegal, ao contrário de praticamente toda rua, a nossa casa era uma das únicas em que a Light vinha constantemente cortar o fornecimento de energia. Na última vez em que vieram, os funcionários se negaram a cortar e não sei o que fizeram, mas nunca mais voltaram. Mesmo assim, era muito difícil para minha mãe garantir o dinheiro necessário para pagar toda a despesa sozinha, então encontramos uma forma de ajudar e ao mesmo tempo não faltar às aulas.

Na verdade tentamos muitas coisas, dentre elas. Vender picolé nas praias da Ilha do Governador onde grande parte dos moradores da Maré costumava frequentar. vender bolos feitos por minha Mãe, carregar entulhos e etc. Próximo à nossa casa, no Conjunto Esperança, se formou um local onde vários caminhões de lixo e entulho depositavam, às

margens do Canal do Cunha, dejetos de outros locais de origem. Então nos organizamos para recolher o que fosse possível de ser vendido em ferros velhos da região. No entanto, eu tinha muita vergonha de ser visto por meus amigos fazendo esse tipo de trabalho e procurava acordar bem cedo, às vezes quatro horas da manhã, para poder recolher os materiais (papel, ferro, plásticos, cobre, qualquer coisa que pudesse ser vendido), encontrar um ferro velho que abrisse bem cedo, vender e voltar para casa a tempo de ir à escola.

O dinheiro conseguido era muito pouco, às vezes só conseguíamos comprar uma bisnaga ou garantir o dinheiro da passagem para minha mãe poder ir ao trabalho. Nós tínhamos uma regra: quem estudava não poderia comer em casa, assim garantíamos parte da alimentação diária dos irmãos menores. Eram tempos muito difíceis e para mim que já estava em idade de namorar, sair e frequentar festinhas, era mais complicado ainda. Inventava várias desculpas por não ter uma roupa ou não poder contribuir na festinha americana. Mesmo assim, eu não desistia de procurar um emprego. Quando estava na oitava série, em 1987, consegui encontrar um trabalho.

Era em uma fábrica clandestina de água sanitária. Eu entrava às 18h, saía às 6h da manhã e ia direto para a escola. Foi o único jeito de fazer minha mãe aceitar que eu trabalhasse. Eu fiquei muito animado em poder receber um salário mínimo pois faltavam três meses para terminar o ano. Pela primeira vez em minha vida eu iria poder comemorar meu aniversário e passar o Natal de roupa nova. Na prática, não consegui durar esse tempo todo na fábrica.

Além de dormir em todas as aulas, minhas mãos estavam perdendo as digitais e sangravam, pois o contato com o cloro as desgastava a ponto de não conseguir segurar o lápis. Mas eu escondia de minha mãe e consegui guardar dinheiro para comprar minha roupa e a de meus irmãos no Natal. Meus irmãos não devem se lembrar, mas no Natal do ano anterior, minha mãe com vergonha das roupas que recebemos de doação estarem em péssimo estado, se aproveitou de uma briga banal entre meus irmãos para deixar todos trancados dentro de casa com janelas e portas fechadas. Lembro-me de ficarmos tentando olhar pelas frestas da janela o movimento na rua.

Mas naquele ano tudo começava a mudar, pois agora eu havia terminado o Primeiro Grau e poderia fazer o Segundo a noite. Naquele tempo, era necessário fazer uma prova para poder fazer o Segundo Grau, na escola mesmo. Como eu não me achava preparado, passei a estudar até conteúdo que não havia visto nas aulas. Apesar de a minha nota ser baixa, consegui ser o melhor colocado entre os meus amigos. Na verdade, de um total

de 50 questões eu acertei 23. Mas teve um colega, Flávio Risse, que acertou 30. Só que ele mesmo alegou que o fiscal da prova deu cola a todos os alunos da turma.

A chegada ao Segundo Grau deixou algumas sequelas, uma parte considerável de meus amigos não conseguiu passar na prova e desistiu de tentar nos anos seguintes. Eu, que estava muito esperançoso de começar a trabalhar, tive que espera cerca de dois anos até o serviço militar obrigatório liberar minha documentação, e durante esse período fiquei fazendo biscates em obras. Somente no final do ano de 1989 fui liberado e pude procurar emprego. Graças a ajuda de um amigo da escola Josué de Castro, consegui um emprego no Bob's, local onde trabalhei formalmente por quatro anos e onde aprendi ensinamentos para toda uma vida.

Aprendi a lidar com os mais diferentes tipos de pessoas e a conviver com elas também. Conheci minha primeira paixão e com ela aprendi sobre Simone de Beauvoir, Milan Kundera, Umberto Eco, Graciliano Ramos. Na verdade, ela era a primeira universitária que eu conheci na vida e estudava Letras na UFRJ. Eu, apaixonado, decidi que não poderia fazer feio perto dela e tratei de ler tudo que ela lia. Depois descobri que já sabia mais do que ela em relação a esses autores. Através dela aprendi a ver filmes que não estão no grande circuito. Foi com ela que entrei pela primeira vez em uma universidade. Ela me levou para ver um filme francês "A insustentável leveza do ser", baseado no livro do Milan Kundera, na Faculdade de Letras do Fundão. Fiquei aterrorizado com o filme, mas mantive a postura para que ela não percebesse. O filme falava de uma relação homossexual e eu nunca imaginei que veria um filme desse tipo.

Foi por causa dela que tentei realizar um sonho que era de minha mãe: ser "doutor", na realidade, me formar em uma universidade. Ela me indicou um curso Pré-vestibular que existia no IFCS – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais que só funcionava aos sábados, entre às 7h da manhã e as 19h da noite. Era um desafio físico, pois eu tinha que sair do Bob's às 3h, passar em casa e ficar fazendo hora até às 6h, para então chegar no horário da primeira aula. Eu só aguentei ficar três meses, pois tive muita fadiga e até depressão, que eu nem sabia que existia, e então parei.

Eu já havia tentado o vestibular logo que terminei o Segundo Grau, mas o resultado da prova foi tão arrasador que achei que nunca mais tentaria até conhecer a Simone. Fiz a prova mesmo depois de desistir do curso, mas não fui bem. Porém, lembro-me de um professor de Biologia apresentar uma questão que iria cair na prova da UFRJ e ela realmente caiu. Passei a questionar os vestibulares e a perceber que ter dinheiro dava várias vantagens. Esse pré-vestibular custava um salário mínimo e eu havia conseguido

um desconto de 50%, mas ficava me perguntando quantos ali teriam que ir direto para o trabalho como eu.

Mas o Bob's me dava muita autoestima. Eu fui escolhido melhor funcionário por várias vezes no mesmo ano, de um salário mínimo na carteira chegava a ganhar cinco no final do mês. Isto porque, além de trabalhar muito, os gerentes sempre colocavam horas extras pra mim e eu sempre era premiado com mais dois salários, um por desempenho pessoal e outro por desempenho da loja. Mas isso foi até 1992, até o plano Collor que apreendeu todo o dinheiro da caderneta de poupança. Com isso, se descobriu um "rombo" milionário na empresa e meus ganhos foram reduzidos a um salário mínimo.

Por conta disso, tive que procurar me promover na empresa e foi o que eu fiz. Em seis meses passei de atendente para Caixa; seis meses depois para Assistente de Administrativo; e quase sete meses depois para Subgerente. Eu era muito bom nas provas internas e sempre fui bem avaliado pelos chefes e pelos amigos, mas minha experiência como Assistente era uma prévia da subgerência e eu não gostei. Os gerentes e subgerentes se consideravam superiores aos Caixas e Atendentes, e a todo tempo exigiam de mim uma postura parecida. Eu não conseguia me ver assim, principalmente em momentos em que eles conspiravam para prejudicar determinado funcionário subalterno.

Eu era muito querido por meus colegas e lembro que para tomar conta de toda loja era necessário no mínimo dois membros de gerência. Mas eu conseguia fazer isso sozinho, pois os atendentes diziam pra mim: "Lourenço, não esquenta a cabeça com as coisas aqui fora não, cuida do financeiro que o resto a gente resolve". O serviço se dividia entre o financeiro e o operacional, e no final da noite é necessário conferir todos os caixas e fazer balanço de toda mercadoria. Mesmo com ajuda, muitas vezes cheguei à minha casa às 6h da manhã. Mas quando eu estava sozinho, eles me ajudavam a sair junto com eles. Depois descobri que como meu colega não era tão querido, muitos funcionários roubavam produtos ou boicotavam o trabalho para dificultar as coisas.

Mas eu não aguentei a pressão de trabalhar na gerência do BOB's e em 1994 minha mãe havia recebido a indenização pela morte criminosa de meu irmão por conta de um motorista do ônibus da linha 484 e com minha demissão não faltaria dinheiro em minha casa no curto prazo. Meu irmão estava pendurado na traseira desse ônibus junto com outros sete jovens. O motorista, na tentativa de fazê-los sair dessa posição passou a jogar a parte onde estavam no ônibus contra outros carros que passavam e conseguiu jogar a todos para a pista, e quatro deles, incluindo o Bira, foram atropelados e mortos.

Meu irmão só tinha 16 anos e tenho até hoje sua carteira com o valor de 27 cruzeiros correspondente ao valo exato da passagem e que ele queria economizar.

Então, como eu ainda era responsável pela família, aproveitei esse momento para pedir demissão e procurar outro emprego. Passei por vários lugares, restaurante Fellini no Leblon, Drogarias Pacheco em Copacabana, Lojas Americanas no Rio Sul até ir parar na falida Mesbla onde trabalhei de Fiscal de Salão em 1996. Nas Drogarias Pacheco trabalhei como Fiscal de Caixa e dentre outras funções, tinha a obrigação de verificar os cheques antes dos funcionários de caixa aceitarem. Em certa ocasião, abandonei minha hora de intervalo para o lanche e fui socorrer uma senhora de idade que precisava ter o cheque averiguado, porém essa seria a função de minha gerente, que se ausentou da frente de loja. Acreditando estar fazendo um favor, fui surpreendido com a senhora dona do cheque se dizendo indignada por estar esperando por um negro para ter seu cheque autorizado. Eu nunca havia sido agredido por minha cor, ao menos não depois de adulto, e fiquei parado tentando entender o que estava acontecendo. A gerente chegou, assumiu a tarefa e pediu para que eu voltasse para minha hora de intervalo. Foi muito estranho, apesar não ter sido a primeira vez.

Na Mesbla, trabalhei por dois anos até ficar sabendo de um concurso dentro da Maré para trabalhar no CEASM – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré.

Porém, foi quando o CEASM me contratou para trabalhar na RAL 4 – Maré, que fui ter a dimensão do bairro e de suas particularidades. Fruto de uma parceria com a LIGHT, companhia de energia elétrica do Rio de Janeiro, nosso trabalho era visitar casa por casa, nas 16 favelas pertencentes ao bairro para fazer um trabalho de regularização domiciliar. Naquela época, era muito comum os marcadores de energia da empresa não estarem relacionados com o proprietário do imóvel. Também cuidávamos da otimização do uso de energia, dando conselhos sobre como economizar energia com pequenas mudanças nos hábitos e ou mudança na rede elétrica. Eram cerca de 31.000 domicílios para uma população de mais de 100.000 habitantes. Umas das questões que mais me marcaram eram as diferenças entre as favelas.

---

[4] RAL Maré foi um projeto solicitado pela companhia de energia do Rio de janeiro LIGHT, ao CEASM. A proposta visava organizar o fornecimento de energia nas favelas de todo bairro Maré. Além de registra o "relógio" responsável por registrar o consumo no nome do responsável pela residência, o projeto também contribuía com a educação dos moradores no consumo de energia e oferecia conselhos sobre como economizar energia, ajudar na negociação das dívidas com a empresa e oferecia lâmpadas mais econômicas e geladeiras aos moradores. Esse projeto começou em 1998 e durou dois anos.

O mais complicado nesse trabalho era fazer as pessoas acreditarem que moravam no bairro Maré. E isso era perfeitamente compreensível, pois o Prefeito César Maia, assinou esse decreto em 1994, mas nunca informou aos moradores sobre isso. Por conta disso, favelas como Vila Pinheiros, Conjunto Esperança, Vila do João, Salsa e Merengue, Conjunto Pinheiros, que pertenciam ao bairro de Manguinhos, passaram a pertencer ao bairro Maré; Conjunto Ribeiro Dantas, Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro, Nova Maré, Parque Maré, Nova Holanda, Parque Rubens Vaz e Parque União, antes estavam dentre as localidade do bairro de Bonsucesso, agora são não mais; Roquete Pinto e Praia de Ramos, antes pertencentes ao bairro de Ramos, agora passaram a fazer parte do bairro Maré e Marcílio Dias e Roquete Pinto, que no passado faziam parte do bairro Penha Circular, passaram a fazer parte do bairro Maré.

Acredito que o esforço feito para convencer as pessoas de que seu bairro havia mudado, contribuiu para que eu afirmasse ainda mais minha identidade e, ao mesmo tempo, aprendesse mais sobre a Maré com os próprios moradores. Até esse momento, eu nunca havia imaginado questões de identidade como um campo de disputa que se manifestava de diferentes formas entre os diferentes atores da favela. E reconhecer nessas disputas um direito, foi mais complicado ainda, principalmente entendendo que o CEASM também era um desses atores e talvez, o mais preparado, academicamente, entre eles. Nesse sentido, ao contrário de vários outros moradores, através do CEASM tive acesso a muita informação na época.

Em 1999, meu irmão foi aprovado no processo seletivo para o curso de graduação em Geografia pela Universidade Federal Fluminense - UFF. No mesmo ano passo a integrar o Pré-vestibular do CEASM, os grupos de estudos e alguns movimentos sociais estudantis da Maré.

A partir do meu ingresso no pré-vestibular do CEASM passo a ter contato com pessoas, cuja atuação política no território das causas sociais, me instigaram a buscar respostas que me ajudaram a compreender melhor minha realidade social e a de meus pares. O ingresso no CEASM e o contato com pessoas com formação universitária e atuantes profissionalmente foi fundamental, pois suas trajetórias de vida motivaram-me a construir minhas estratégias para ingressar no Ensino Superior.

No ano de 2002, conheci o Projeto RUEP – Rede de Universitários de Espaço Popular. Esse projeto consistia em garantir uma bolsa-auxílio aos graduandos, além de investir na sua formação acadêmica. Concomitantemente ajudei a fundar o NEPOS – Núcleo de Estudos e Pesquisas do Observatório Social que mais tarde deu origem ao Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, hoje uma OSCIP – Organização Social e

Civil de Interesse Público, que nasceu com a proposta na Vertente de Desenvolvimento Territorial, que entre outros objetivos se prestava a avaliação de políticas públicas, como também ao desenvolvimento de novas tecnologias sociais.

O NEPOS surgiu como um espaço de formação paralelo à formação acadêmica ao mesmo tempo em que se tornou um lugar interdisciplinar onde estudantes de diferentes áreas de conhecimento trocavam experiências e debatiam sobre temas quase sempre relacionados à favela, assim como às desigualdades sociais. Seus integrantes, cerca de 20 pessoas, eram universitários recém-ingressados no Ensino Superior e oriundos do CPV – Maré, Pré-vestibular do CEASM. Mas o NEPOS também se preocupava em oferecer uma formação técnico-científica para seus integrantes, no geral, universitários de comunidades faveladas. Com uma formação também voltada para o campo da pesquisa, seria possível minimizar o impacto da entrada na universidade (familiarizando-nos com alguns autores, conceitos e termos) e ainda ampliar nosso capital político, social e cultural. O interessante era perceber que os temas discutidos no NEPOS raramente eram debatidos em sala de aula, o que apontava para a ausência de temas importantes para uma formação acadêmica mais ampla e plena que reunisse questões do cotidiano vivenciado por esses estudantes em suas comunidades, tais como a questão das desigualdades raciais, que eram também silenciadas nas reuniões do grupo.

Todo esse conhecimento não facilitou a relação com os grupos da Maré. Ainda hoje, a Maré apresenta uma disputa muito grande entre as instituições como associações de moradores, organizações não governamentais, igrejas, o estado, entre outros. Porém, entre os moradores, essa tensão tem diminuído drasticamente. Isso se torna bastante visível, por exemplo, em relação ao local de moradia. Antes era muito comum o morador se identificar como sendo pertencente a um bairro com estereótipos ligados a violência menos agressivos em relação à Maré, quando isso lhe era conveniente. Na necessidade de conquistar um emprego, muitos moradores diziam morar em Bonsucesso, Ramos ou Penha Circula ao invés da Maré, por exemplo. No entanto, quando se tratava de conseguir um benefício do estado, alegar que mora na Maré poderia lhe garantir a conquista do mesmo.

Com o passar do tempo e aumento da escolaridade e, em particular, aumento do número de universitários oriundos do bairro, essa estratégia vem se diluindo e a defesa da favela e do favelado tem sido mais uma afirmação de pertencimento que uma estratégia de ocasião.

Essas questões faziam parte da atmosfera de todos que frequentavam o CEASM, era e continua sendo impossível passar pela instituição e não ser tocado por esse debate. Mas o momento que mais mexeu com meus sentimentos em relação a Maré, a Rede de Memórias e posteriormente ao Museu da Maré, foi na festa de dois anos da instituição em que a equipe da rede de Memória projetou em uma das paredes, várias fotos da Maré nos tempos das palafitas.

Como eu havia morado nas palafitas até os meus 12 anos até sermos reassentados na Vila do João em 1982, guardava em minhas memórias muitos momentos tristes e alegres daquele espaço. E quando vi essas memórias sendo ativadas por aquela exibição de fotos em slides, não sabia definir minhas emoções. Mas o momento mais difícil foi quando entre as fotos reconheci alguns amigos de infância e mais do que isso, meus irmãos estavam entre eles. Fui tomado pelo choro e sofri muito por não poder fazer minha mãe ver aquelas fotos já que ela havia morrido meses antes.

Eu e meus irmãos não temos fotos de infância e saber que o CEASM as possuía me trouxe grande alegria, tanto que tratei de negociar com os diretores a possibilidade de imprimir e guardar em casa. No entanto, essas fotos pertenciam ao arquivo da Caixa Econômica e antes que eu pudesse reproduzi-las, as mesmas foram queimadas em um incêndio ocorrido na própria Caixa.

Mesmo não tendo feito parte da Rede Memórias, pois como me tornei aluno do Pré-vestibular comunitário da instituição e lá tenho militado deste então, sempre que posso, gosto de estar no Museu e em muitos momentos faço questão de mediar as visitas ao espaço. Gosto de rememorar essa fase cada vez mais distante da história do bairro. Acredito que a proposta do CEASM em criar esse sentimento identitário e de pertencimento, tenha em mim, um exemplo de êxito.

Capitulo II

Re-Conhecendo a Maré

A relação Cultura/Identidade, é muito presente em nossas literaturas, pois são elementos inerentes e internalizados no nosso processo de socialização. É o processo cultural que nos permite reconhecemo-nos como idênticos a determinados grupos e, consequentemente, diferentes de outros. É na cultura que encontramos práticas, valores, saberes, princípios com os quais nos relacionamos com o mundo. Nesse sentido, a identidade de cada um de nós está sempre em construção, já que interage com as transformações vivenciadas no contexto social, responsáveis pela infinita produção de cultura ou multiculturalização.

No que tange a essa constante transformação, os estudos de HALL (2001), explora algumas das questões sobre a identidade cultural na modernidade tardia e avalia se existe uma "crise de identidade", em que consiste essa crise e em que direção ela está indo. Reflete sobre as mudanças nos conceitos de identidade e de sujeito. Além disso, afirma que as “identidades culturais” são aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso "pertencimento" a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais.

Ele acrescenta que, atualmente a questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social, ou seja, as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até então, visto como um sujeito unificado.

O autor alega está em curso desde o final do século XX, um tipo diferente de mudança estrutural transformando as sociedades modernas. Fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, elementos que, durante séculos, nos forneceu sólidas localizações como indivíduos sociais. Com isso, há uma crescente mudança em nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados e a isso ele dá o nome de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - gera uma "crise de identidade" para o indivíduo, por isso acaba virando uma questão nos dias atuais.

Para CASTELLS (1999), a identidade, nos dias atuais, apresenta um caráter múltiplo e fragmentário e, empiricamente identifica que uma identidade, cultural ou individual, pode sustentar múltiplas identidades. Todavia, o autor enriquece o ainda mais o debate quando defende que o indivíduo pode exercer funções distintas entre identidades e papéis sociais (trabalhador, mãe, vizinho, militante, sindicalista, jogador,

religioso e fumante). A relevância da influência desses papéis depende dos acordos e negociações feitas dos indivíduos com as instituições e organizações.

Porém, partindo do princípio de que as identidades são fontes de significados para os próprios atores, tendo o poder como parâmetro, CASTELLS (1999) propõe três categorizações de identidade: identidade legitimadora, com um caráter essencialista, instituída pelas instituições dominantes; identidade de resistência, que seriam de certa forma essencializadas, que representam os grupos contra-hegemônicos e identidades de projeto, que diz respeito à perspectiva construtivista das identidades onde os atores constroem uma nova identidade, capaz de redefinir sua posição na sociedade. No que tange a perspectiva construtivista de identidade, ele afirma:

> "Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para que isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social. " (CASTELLS 1999, p. 23).

Com isso, podemos afirmar que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é também elemento importantíssimo do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992).

2.1 O Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM[5]

A partir da iniciativa de um grupo de moradores que cresceu e/ou morou durante muitos anos em alguma comunidade da Maré, surgiu o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM. O desejo maior desses atores, que em sua maioria

---

[5] Parte do que será descrito aqui pode se confundir com outros documentos da Instituição CEASM por conta da minha participação em diversos projetos que foram enviados para editais para a captação de recursos. Estou na instituição há 20 (vinte) anos e em vários momentos tenho dificuldade de distinguir o que é autoria minha ou produção coletiva. Alguns dos projetos: Pré-vestibular, Eco Rede, Observatório social da Maré, PIC – Programa Integrado de Atenção Sustentável às Crianças da Maré, entre outros.

conseguiu atingir uma formação universitária, é a produção de uma intervenção integrada e de longo prazo no espaço local.

A grande novidade da entidade é o fato de aliar a inserção comunitária à condição de instituição de pesquisa e gestão de projetos de grande porte, elementos raros de serem encontrados nas organizações sociais oriundas da periferia. O principal efeito da organização institucional do CEASM é que, nela, os moradores – em particular os adolescentes e jovens – encontram a possibilidade de construção de trajetórias sociais e escolares, que lhes possibilitava uma maior ampliação de seus tempos e espaços existenciais.

O Centro tem como pressuposto que o exercício da cidadania no Bairro Maré deva sustentar-se em um projeto abrangente e processual. Sua finalidade maior é a constituição, fortalecimento e/ou articulação de redes sociais nas quais se valorize o papel-cidadão do morador, as ações solidárias, o respeito às diferenças e a crítica às desigualdades sociais existentes na realidade carioca e brasileira.

O CEASM vem buscando ampliar sua intervenção a partir da constituição de alianças com organizações internas e externas à Maré. Assim, a entidade estabeleceu vínculos com instituições privadas, da sociedade civil e do poder público. No plano local, o Centro atua em parceria com Escolas Municipais da região, Associações de Moradores, Postos de Saúde e outras organizações da sociedade civil. No plano externo, é forte seu vínculo com universidades, institutos de pesquisa, empresas públicas e privadas, ministérios, embaixadas, ONG's e outras.

Nos seus 21 anos de existência, o CEASM trabalhou intensamente pela conquista dos objetivos que levaram à sua criação. Sua primeira iniciativa, em 1997, foi a implementação de um curso Pré-Vestibular Comunitário que teve como peculiaridade o fato de todos os professores serem moradores da Maré. Na construção do seu espaço físico, o Centro contou, em um primeiro momento, com o apoio da FASE/Fundo NOVIB, da Embaixada do Canadá e de comerciantes locais. Mais tarde, ampliou suas instalações e suas atividades a partir de recursos advindos da contribuição dos participantes dos projetos – de acordo com suas possibilidades – da prestação de serviços e do patrocínio de entidades públicas e privadas.

O conceito de Rede era a noção estrutural da dinâmica do CEASM. A preocupação permanente é a de que as atividades sejam desenvolvidas de forma articulada, com as diferentes equipes de trabalho estabelecendo níveis variados de relações. O eixo central de todas, cabe ressaltar, é a oferta de novos produtos culturais e educacionais aos moradores locais, em particular às crianças, aos adolescentes e aos

jovens. Mais do que oferta de serviços, todavia, a meta é que o próprio público-alvo formule e realize os produtos desenvolvidos pelo Centro.

Dessa maneira, estimula-se um processo permanente, em que são construídas redes sócio-pedagógicas, eixo do trabalho da entidade, que se constitui como uma instituição de interesse público, baseado nos seguintes valores:

- Entidade de caráter emancipatório, que busca a organização de uma sociedade mais justa e igualitária.

Até a década de 1980, havia um razoável consenso sobre a existência de três instâncias sociais que se complementavam e se opunham na realidade social: o Estado, o Mercado e a Sociedade Civil. Em relação a esta última, alguns acrescentavam o adjetivo "organizada". Na década de 90 difundiu-se o conceito de Terceiros Setor, combinado com a proliferação acelerada das "organizações não-governamentais". O problema da denominação é que ela descaracteriza a perspectiva política própria da noção de sociedade civil e abre espaços para a produção de uma série de ações que reforçam racionalidades e práticas típicas da ordem existente. Um exemplo desse processo na Maré é a transformação das Associações de Moradores em prestadores de serviço do Estado.

O CEASM, na contramão dessa tendência, assume seu compromisso com a transformação das estruturas sociais que perpetuam a desigualdade social, a exploração econômica e a opressão social. Nesse sentido, busca combater iniciativas que precarizam a ação do poder estatal. Por outro lado, busca contribuir na construção de um novo espaço público, para além do estatal, que tenha forte participação das organizações da sociedade civil, em particular nos Conselhos de Direitos, Fóruns de Participação Popular e movimentos sociais.

- Forte identificação com os segmentos populares:

O CEASM surgiu como uma instituição tributária das lutas desenvolvidas nos espaços populares, organizadas por diferentes tipos de organizações sociais. Ao lado disso, o fato de seus integrantes serem oriundos dos espaços favelizados reforça sua busca de construir novas formas de percepção do espaço urbano e das relações estabelecidas entre os diversos grupos sociais.

- Trabalho que conjuga Utopia Pessoal e Coletiva:

Ao contrário das premissas fundamentais dos ativistas sociais da década de 1960, a década de 1990 foi marcada pela busca de maior integração entre a subjetividade dos atores sociais e suas inserções coletivas.

Significa dizer que não existe dicotomia entre o ser social e o ser singular. São ambos na verdade, seres que se constituem no processo histórico e não podem ser estanquizados. Assim, a luta pela utopia coletiva não pode ser uma ação dissociada da busca do indivíduo em se tornar coerente e pleno, de forma progressiva, de acordo com os ideais de justiça, fraternidade e igualdade que defende no plano social.

- Prioridade e Compromisso Social com a Maré:

A Maré, como lugar, é uma síntese particular das contradições sociais que caracterizam a realidade social do Rio de Janeiro e do Brasil. Nesse sentido, ao buscarmos intervir de forma integrada no espaço local, buscamos transformar sua realidade de forma tal que influencie a realidade da cidade como um todo contrariando a perspectiva de alguns de que as ações do Centro contribuam para uma "guetificação" dos moradores desse espaço.

Organizado através do conceito de rede, o CEASM desenvolve seus projetos priorizando ações nas seguintes áreas temáticas: Educação, Comunicação e Cultura.

- Compromisso com uma sociedade que se desenvolva de forma sustentável

Há vários anos, especialistas vêm alertando a respeito dos impactos sobre o meio ambiente decorrentes do nosso estilo de vida atual. Os últimos relatórios das Nações Unidas sobre o aquecimento global e seus efeitos ambientais e sociais não deixam dúvidas sobre a veracidade de tais alertas, colocando em pauta a urgência de mudarmos o modo de vida da humanidade, insustentável a longo prazo.

Diante desse quadro, vivemos um momento de definição histórica. O CEASM está comprometido com a luta em favor da diminuição das diferenças sociais existentes em nosso país, da preservação do meio ambiente, e da construção de uma sociedade sustentável, que satisfaça nossa necessidade de consumo sem comprometer o bem-estar das gerações futuras.

Nesse sentido, o CEASM estabeleceu como público-alvo prioritário as crianças, adolescentes e jovens residentes na Maré. Objetivando uma ação ampla e integradora, desenvolvendo um conjunto de projetos que visa contribuir para o acesso às novas linguagens, à formação e ampliação do capital educacional, cultural, social e simbólico desse público. Dentre as atividades desenvolvidas, destacam-se:

A) Rede Educação:

Curso Pré-vestibular Comunitário da Maré (CPV-MARÉ): reúne três turmas, com 150 alunos. Já foram parceiros desse projeto as empresas Minasgas e Light, a Ong Care Brasil e o Instituto Unibanco, que garantiram a reprodução do material pedagógico, o pagamento das bolsas-auxílio aos professores, a infraestrutura dos

espaços e os custos administrativos. Em vinte anos de concursos vestibulares, o CPV proporcionou o acesso de cerca de 1.600 jovens da Maré em universidades públicas do Rio de Janeiro. Muitos desses universitários, comprometidos com a proposta de transformação local, já atuam como voluntários no projeto, pois desde 2009 esse projeto não conta com nenhum apoio financeiro;

Bibliotecas Professor Paulo Freire e Elias José: a primeira foi implantada através de apoio da Embaixada do Canadá, atende aos estudantes da Instituição, do Ensino Superior e à comunidade em geral, registrando em média o atendimento a mais de 1.500 usuários mensalmente. A segunda foi concretizada em parceria com o Instituto C&A. As bibliotecas oferecem espaço para estudos individuais ou em grupo e acervo de material didático e paradidático para complementação de estudos e formação em diferentes níveis. Com cerca de 6.000 volumes, encontra-se em fase de ampliação do acervo e do programa de estímulo à leitura.

Curso Preparatório ao Ensino Médio e para Escolas Técnicas: Tal iniciativa atinge, atualmente, cerca de 50 alunos. O objetivo é, através de uma educação qualificada, possibilitar o acesso de crianças e adolescentes a instituições públicas de excelência, no Ensino Médio. Os professores são, em geral, jovens voluntários da comunidade que estão cursando a universidade. Em 18 anos de experiência, foram aprovados para escolas técnicas estaduais e federais cerca de 1000 alunos.

Núcleo de Estudos de Línguas da Maré: Projeto desenvolvido até o ano de 2011, com atendimento de cerca de 300 alunos, em 11 turmas, nos cursos de Inglês, Espanhol e Italiano. Desenvolveu-se, desde 1999, através de um convênio com a Faculdade de Letras da UFRJ e a partir de 2006 com a empresa BP, que garantia bolsa de remuneração dos professores-monitores e a orientação pedagógica dos mesmos, como fim do apoio há cinco anos, o projeto encontra-se paralisado.

Oficinas de Informática: destinam-se a crianças e adolescentes da Maré, trazendo como possibilidade a contribuição para o desenvolvimento da criatividade, da expressão, da identidade e da interação com a comunidade. Através de softwares que possibilitam a edição de textos, apresentação e desenvolvimento de imagens, a utilização de outros recursos como softwares educativos, “histórias animadas”, música, pesquisa, imagens, textos e discussões sobre o cotidiano, destacando a importância da criança/adolescente no ambiente escolar e contribuindo para o processo de letramento e inclusão digital, atualmente interrompido por falta de patrocínio.

B) Rede Cultura:

Oficinas Culturais: através de parcerias com outras instituições oferece à comunidade oficinas de danças, teatro, música e capoeira. Nosso objetivo maior é, através da construção de uma nova relação com seu corpo e com o espaço local através das oficinas, estabelecer para crianças e jovens novos vínculos sociais e novas estratégias de futuro, tanto no plano individual como coletivo.

Museu da Maré: Programa de projetos voltado para a preservação e registro das práticas cotidianas locais e para a organização de acervo iconográfico, documental e biográfico sobre a história da região. O Museu funciona como um centro receptor, produtor e difusor de material sobre o bairro Maré e agrega uma equipe de trabalho composta por universitários moradores da comunidade e profissionais de diversas áreas, que atuam em ações de pesquisa e catalogação do acervo, realização de oficinas sobre a História da Maré e elaboração de publicações afins. Faleremos mais desse projeto em outro momento.

C) Rede Comunicação:

Oficinas de Imagem e Comunicação: com o patrocínio da Infraero, desenvolvem cursos profissionalizantes nas áreas de Vídeo, Fotografia e Produção Gráfica, tendo como meta possibilitar aos jovens locais a formação básica profissional para que possam produzir novas expressões culturais, inserir-se no mercado de trabalho e ampliar seu acesso a outras linguagens estéticas. Iniciado no 2º semestre de 2000, esse projeto oferece anualmente cerca de 130 vagas, já tendo sido formados cerca de 250 adolescentes e jovens, alguns dos quais já inseridos no mercado de trabalho formal e outros, a partir do desenvolvimento de um programa de geração de trabalho e renda, continuam em aperfeiçoamento profissional, integrando equipes de produção no próprio CEASM, como o Núcleo de Serigrafia e o Jornal de Bairro "O Cidadão".

O CIDADÃO: Este projeto trás como perspectiva consolidar um meio de comunicação entre os moradores das 16 favelas do Bairro Maré que atue na garantia de direitos. A forma distante e pasteurizada como que os grandes veículos de comunicação tratam a Maré e outras favelas tendem a reduzir os moradores desses espaços a um grupo de "bárbaros" quando não, traficantes como fica visível na reprodução do discurso da Secretaria de Segurança Pública em vários momentos de ação policial no bairro. O poder da grande mídia faz com que vários moradores tenham vergonha do local onde moram levando-os até mesmo negar este fato ao lidar com moradores de outros cantos da cidade ou na procura de emprego. Este fator exclui o morador de favela de vários de seus direitos, porém grifamos como o mais grave a dignidade humana.

Desde o início da fundação do CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré), em meados de 1997, sempre se pensou na concretização de um projeto de mídia comunitário. Nesta linha, em 1999, o Jornal "O Cidadão" surgiu naturalmente como um instrumento da entidade em sua proposta de criar uma hegemonia de atuação social no espaço local do bairro Maré. Dessa forma, a criação do jornal constitui o inicio da materialização de um sonho, qual seja construir uma rede de comunicação local capaz de gerar um fluxo de informação que auxilie os moradores num processo de conquista da cidadania e de redescoberta da identidade local.

Como é sabida, a capacidade da mídia para retratar as realidades nas comunidades populares é extremamente limitada. As notícias e reportagens sobre a Maré, por exemplo, podem ser enquadradas numa gama restrita de histórias e personagens: é o pobre coitado que conseguiu vencer na vida ou são as obras assistencialistas de um ou outro político. No entanto, o tema preferido de abordagem da mídia para o bairro é sem dúvida a violência.

São inúmeros os exemplos de como a construção da imagem da Maré na mídia passa pelo prisma da violência. Imagens na TV, textos e fotos dos jornais ajudam a construir uma imagem negativa da Favela. Não raro, reportagens na televisão e nos jornais capricham no tempero sensacionalista. Em geral, a tríade, manchete-texto-foto trazem uma representação simbólica violenta do bairro.

Levando em conta que essa forma estereotipada de ver a Maré é partilhada pela sociedade e pelo poder público, não é difícil entender o sentimento coletivo de exclusão vivenciado pelo morador. Dessa forma, é compreensível que os sistemas de mídia convencional não deem conta de perceber e transformar nos discursos narrativos das matérias, a complexidade de relações desenvolvidas e vivenciadas num espaço tão dinâmico e sócio-geográfico como a Maré.

Neste contexto, como o único veículo comunitário da Maré, é que nasceu o Jornal "O Cidadão" com importantes missões: integrar as 16 comunidades que formam o bairro; resgatar elementos dispersos da prática cotidiana dos moradores e que respondem pela sua própria identidade; divulgar e potencializar o trabalho das diversas instituições e movimentos sociais que atuam no cenário local; educar a população sobre a história da Maré e sua relação com o espaço político-cultural da cidade e do país; transformar seus leitores em agentes ativos e participantes da dinâmica comunicativa criada pelo jornal.

O espírito do jornal é trabalhar no campo da comunicação comunitária e no plano de capacitação de moradores da comunidade para a elaboração do jornal e de

outros trabalhos jornalísticos. Assim, a equipe de "O Cidadão" é formada por profissionais de jornalismo e, principalmente, jovens da Maré - em sua maioria, universitários e alunos do curso pré-vestibular do CEASM. Trabalha-se com a perspectiva de que a equipe gradualmente se capacite na atividade de produção jornalística e assuma as funções do jornal.

Atualmente, o jornal funciona online, mas no passado foi viabilizado através de parceria com a Ediouro (cujo prédio fica na Baixa do Sapateiro, uma das 16 comunidades da Maré) que se encarregava da impressão do Jornal. Tratava-se de um jornal com tiragem de 20 mil exemplares, com capa, contracapa e páginas centrais impressas em quatro cores; projeto gráfico específico; distribuído cuidadosamente pela maioria absoluta dos lares das 16 comunidades da Maré.

Neste ponto, importante frisar que uma das primeiras coisas que chama atenção de quem vê "O Cidadão" é a qualidade do projeto gráfico. Com cores na capa e nas páginas centrais, fotos e textos redigidos sem erros ortográficos, o jornal parecia produzido por alguma empresa de comunicação. A qualidade de apresentação de O Cidadão faz parte de uma política de padrão de qualidade do CEASM, que atua em dois campos: de um lado, busca romper a lógica cristalizada no imaginário social de que produção feita em Favela é de qualidade ruim e sem apuro técnico. De outro, trabalha a autoestima do morador que tem acesso a uma produção local de qualidade.

No entanto, a ideia não é repetir fórmulas e modelos estéticos dos jornais da grande mídia num jornal comunitário, mas sim, buscar um equilíbrio entre valores estéticos já assimilados pelo morador consumidor da mídia convencional com inovações que reflitam características e identidades culturais da Maré. À medida que o jornal interage com a população, vai assumindo cada vez mais a "cara" da Maré.

A seleção de temas tem como objetivo atender aos interesses de todos os segmentos etários (dos adolescentes aos idosos, das donas-de-casa aos chefes de família), bem como tratar dos assuntos relacionados ao bem-estar coletivo. Todas as etapas da produção do jornal são realizadas dentro da Maré. A reunião de pauta, a redação dos textos e a diagramação das páginas são feitas em sala exclusiva, que reproduz (obviamente em menor escala) a redação de um jornal ou revista.

Os jovens integrantes da equipe, recrutados dentro da comunidade, são treinados e supervisionados por profissionais experientes. Contudo, estão, eles próprios, nas funções-chave de coordenação e edição de "O Cidadão".

Pode-se dizer que nestes mais de 17 (Dezessete) anos de existência, mais de 60 edições, o jornal "O Cidadão" consolidou-se como um importante instrumento de

identidade do morador da Maré que se identifica com o jornal. Além disso, o caráter educativo de "O Cidadão" o transformou em um importante material didático das instituições de ensino da região. As matérias e colunas são constantemente temas de aulas e provas nas escolas públicas do bairro, que recebiam uma grande quantidade de exemplares, onde a informação era tratada como instrumento educativo capaz de promover a valorização da cultura e tradição local. Uma rápida olhada nas páginas do jornal já permite ao morador reconhecer lugares e pessoas presentes no seu dia-a-dia. Pode-se dizer que o jornal reflete de forma nítida a proposta de atuação política e social do CEASM na Maré.

2.2 Entre impasses e vitórias

Eu não conhecia a dimensão da importância do Museu para a cultura nacional e muito menos para o mundo até 2010. Não lembro bem os motivos, mas tive que representar o Museu no encontro Ibero-Americano em São Paulo. E na ocasião, países de língua portuguesa e espanhola estavam interessadas em saber mais sobre o Programa Ponto de Cultura que havia sido criado no Ministério da Cultura pelo então ministro Gilberto Gil.

Em 2010, o Ministério havia mudado e estava nas mãos do Juca Ferreira que fez parte da equipe do ministro Gilberto Gil e da criação do Ponto de Cultura. Esse programa deu apoio a várias iniciativas culturais de caráter popular, dentre elas o Museu da Maré. Mas na ocasião, quando perguntado sobre como funciona o programa, o ministro em auditório lotado disse que o melhor exemplo do potencial do programa era o Museu da Maré. Eu fiquei muito impressionado com essa afirmação e mais ainda com o ministro falando os detalhes de como foi vista a proposta de criação do mesmo e como isso mexeu com os rumos do programa.

Em sua fala ele dizia que foi recebida com muita ironia a proposta de se criar um museu dentro de uma favela, mas que ele e o Ministro Gilberto Gil acharam a ideia tão original que não só aprovaram a proposta como fizeram questão de participar da inauguração. Como resultado desse deslumbramento e potencial apresentado pelo Museu da Maré, eles, posteriormente, criaram um edital para criação de vários outros espaços que trabalhassem exclusivamente com memórias em todo país. Algumas dessas iniciativas fizeram um encontro no Museu da Maré e voltaram para seus estados para reproduzir essas ideias com suas especificidades.

Nessa perspectiva, trazer o Museu da Maré para o centro do debate acadêmico e para além dos espaços de museológicos, pode contribuir para a percepção da Favela, ainda marginalizada, violenta, em alguns casos com ausência do mínimo necessário para subsistência, mas também com alegrias, festas, trabalho, conquistas, vida e histórias/memórias que podem contribuir para entendimento e promoção de políticas públicas mais abrangentes e fortalecedoras de suas potencialidades.

Pensar que a Maré, Favela que se fosse considerada uma cidade por seu contingente populacional seria a 11ª cidade do Estado do Rio Janeiro dentre as 94 existentes, significa pensar esse bairro com as necessidades de uma cidade. E na prática a Maré, através de suas lideranças, tem tido muitas conquistas quando comparado a outras Favelas do Estado.

Hoje a Maré conta com 6 (seis) Postos Médicos, 3 ((três) Clinicas da Família, uma UPA 24H – Unidade de Pronto Atendimento, às margens da Maré temos o Hospital Geral de Bonsucesso e Hospital do Fundão, 1 (uma) Lona Cultural Municipal e mais 6 (seis) outros grandes espaços de cultura, 4 (quatro) Bibliotecas - uma Municipal e as outras foram criadas pelo CEASM, dois Parques Ecológicos (em Vila dos Pinheiros e Praia de Ramos), 1 (um) museu – Museu da Maré, 1 (uma) Vila Olímpica da Maré, 1 (clube) Clube do São Cristovão, 1 (uma) Escola de Samba – GRE Gato de Bonsucesso, 12 (doze) Campos de Futebol, inúmeras quadras polivalentes, grande quantidade de pequenas praças, diversas igrejas pentecostais e católicas, 1 (um) órgão de administração municipal 30ª RA, 1 (um) DETRAN, 1 (um) órgão da CEDAE, 1 (um) órgão da COLURB, diferentes tipos de ONGs, dentre outros espaços de utilidade e serviços conquistados pela população.

O CEASM fundado em 1997, disponibiliza acesso à cultura e educação, contribuindo para a valorização das favelas e bairros populares como expressão do espaço plural das cidades, revertendo estigmas e reorientando políticas públicas com o objetivo de potencializar o acesso de moradores de favelas e bairros populares aos bens sociais, culturais e econômicos.

Em 1997, um grupo de moradores da Maré entendeu que uma maneira potente de valorizar a população local era gerar um espaço de organização e visibilização da "memória" dos moradores da Maré, que deveria ser transmitida aos jovens moradores. Esse grupo possuía características muito particulares dentro da favela. A maioria havia se conhecido nos movimentos de base da Igreja Católica e posteriormente na militância de esquerda, em especial, no Partido dos Trabalhadores. A preocupação com a memória local fazia parte de uma estratégia de militância que envolvia também um impacto

educacional com a criação de um pré-vestibular comunitário e um jornal local "O CIDADÃO" (SILVA, 2006) a ser gratuitamente distribuído aos moradores.

O projeto Pré-vestibular visava ampliar o número de moradores com curso superior com competências necessárias às disputas simbólicas e concretas na cidade pelo direito dos "favelados" às políticas públicas. Já o jornal tinha como proposta apresentar um discurso diferente da grande mídia onde a favela é sempre vista pelo lado da violência, na maioria das vezes, mas também criar uma relação de bairro e conhecimento e reconhecimento de sua própria história. Todas essas estratégias foram sintetizadas nas três redes comentadas anteriormente, Rede de Educação; Rede de Comunicação e Rede Memória.

2.3 Nasce o Museu da Maré

Até a década de 1990, era muito comum aos jovens pensavam em estratégias de superação de suas necessidades pessoais terem que sair da favela para ter acesso/direito a cidadania e aos valores negados a eles enquanto favelado. Visando enfrentar essa perspectiva de negação da identidade dos moradores, sobretudo dos jovens, a Rede de Memória desenvolveu um trabalho de valorização da identidade local realizando exposições, debates e seminários sobre a memória do lugar. Esse trabalho começou a chamar a atenção de acadêmicos e agentes de culturas que os convenceu a pensar na criação de um museu.

Essa possibilidade foi facilitada em 2006, pois o Ministério da Cultura criou o Edital Ponto de Cultura, cuja proposta era apoiar ações de âmbito cultural que já estavam em andamento e que com esse apoio poderiam potencializar suas ações. Na inauguração, o museu contou com a presença do Ministro Gilberto Gil, idealizador do edital Ponto de Cultura, que empolgado com o resultado do Museu da Maré, tratou de criar um edital específico para Pontos de Memória e disseminar a ideia para todo o país.

Assim, através da provocação de vários admiradores da Rede de Memória, dentre eles o Professor Mário Chagas, foi criado o primeiro espaço físico pensado para museu em uma favela, o Museu da Maré. E com ele vários outros desafios, pois além da responsabilidade de tentar resumir em um único espaço as memórias de uma população inteira, cerca de 132.000 habitantes segundo IBGE 2010, havia também a disputa dentro dos novos conceitos na área de museologia, assim como seu caráter educacional posto que todo museu é também um espaço não formal de educação (BRANDÃO, 2007). E nesse sentido, apresentar seu projeto político pedagógico, os

responsáveis por desenvolver e ou mediar essa política bem como explicar como ela é construída e aplicada. VER HELENA E MÁRIO

O Museu da Maré foi inaugurado em 2006 e é um braço das ações políticas da Organização da Sociedade Civil CEASM – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré. No final dos anos 90 do século passado, um grupo de moradores que tiveram sua adolescência militante iniciada na Igreja Católica através da Teologia da Libertação. Essa característica os levou a participar na criação do PT – Partido dos Trabalhadores no Rio de Janeiro e, consequentemente, do PT na Maré. Nesse intuito, parte desse grupo viu na participação comunitária através das Associações de Moradores um caminho estratégico para se organizar a população na busca por melhorias para a favela e o país.

A tentativa de mobilizar a população através da Associação de Moradores se fazia eficaz quando o objetivo era superar necessidades objetivas e práticas como água, luz e escola, porém, quando se pensava em ações mais estruturantes e que exigiam maior entendimento político e garantias de direitos, essa mobilização já não tinha mais o mesmo efeito. Então, era comum ver políticos populistas e de direita obterem votação expressiva em detrimento dos de esquerda, em particular, os do PT.

Parte do entendimento das causas que levaram os discursos de esquerda não obterem penetração nas camadas mais pobres da Maré era visto como um problema para essas novas lideranças. No passado, foi a mobilização dos moradores contra o risco de remoção que levou o governo militar do Presidente Figueiredo a mudar de estratégia e trocar a lógica remocionista para a de urbanização da Maré. Apesar de esse fato parecer um capital político dos moradores, ao contrário, reforçou ainda mais o poder representativo da parcela conservadora dos políticos que apoiavam o governo militar.

Os anos 90 representaram um acirramento das políticas neoliberais no país e as seguidas derrotas da esquerda nas eleições fizeram enfraquecer o ânimo das militâncias. Esse período foi marcado por vários outros problemas na ação das lideranças frente as Associação de Moradores. Pois, esses espaços que desde os anos 60 já sofriam com a cooptação política, chegam nos anos 90 sofrendo com ação do tráfico de drogas que inviabilizou eleições para Associações de Moradores e a campanha de políticos que não aceitassem pagar para circular na favela.

Outro ponto importante nesse período foram as mudanças nos estatutos das Associações que passaram a privilegiar a atenção exigida pela Prefeitura na prestação de serviços. Com isso, o espaço de participação política dos moradores passa a ser um braço da Prefeitura nas funções que vão desde a coleta de lixo a administração de postos de saúde e espaço de lazer.

Nesse contexto, fazia-se necessário pensar outra estratégia de luta. Além da origem na Igreja, os fundadores do CEASM tinham mais uma característica, todos haviam concluído o ensino superior. Então, pensaram na criação de um pré-vestibular comunitário onde poderiam fazer discussões políticas e contribuir para o aumento do número de pessoas com nível superior na Maré. E na busca por doações de equipamentos para montagem das salas de aula, muitas instituições exigiam a apresentação de uma pessoa jurídica, daí surgiu o nome CEASM – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré com três linha de ações separadas em Redes: Rede de Educação; Rede de Comunicação e; a Rede Memória.

Nesse sentido, o Museu da Maré passa a ser a materialização em um complexo de tudo que já estava sendo feito na Rede Memória onde mantém a mesma responsabilidade de dar uma resposta a necessidade identitária de um coletivo de moradores. Em sua proposta inicial, os fundadores do Museu da Maré desenvolviam suas estratégias de valorização da memória local através de exposições e contação de história. O Professor Mário Chagas, contribuiu bastante para se pensar esse "lugar de memória" como espaço potencializador do trabalho que já vinha desenvolvendo, por conta de seus trabalhos dentro da Nova Museologia.

O protagonismo das comunidades populares nos museus sociais permite que estes se façam e se transformem ao longo de sua própria história e do movimento social no qual estão envolvidos. Para CHAGAS (2008), é importante não apenas democratizar o acesso aos museus, mas democratizar o próprio museu, a própria concepção de museu, exemplificado pelo Museu da Maré, que foi fundado por um grupo de moradores ou ex-moradores da região da Maré. Porém, todo museu é um espaço de memória e de esquecimento:

> "Talvez fosse adequado, para melhor compreendê-los numa perspectiva crítica, aceitar a obviedade: os museus são lugares de memória e de esquecimento, assim como são lugares de poder, de combate, de conflito, de litígio, de silêncio e de resistência; em certos casos, podem até mesmo ser não-lugares. Toda a tentativa de reduzir os museus a um único aspecto, corre o risco de não dar conta da complexidade do panorama museal no mundo contemporâneo. " (CHAGAS, 2011, 12-13)

Partilhar essas noções de pertencimento de uma localidade, de um grupo social e seus conflitos, são fundamentais na construção de uma cidadania ativa, na reinvenção de sociedades mais democráticas. Como bem pontua POLLAK (1989), a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as posições irredutíveis.

Essa referência ao passado é um campo de disputa onde historicamente as forças dominantes se sobressaem. Onde os espaços educacionais se tornam lugar privilegiado e de reprodução fragrante desse sistema de dominação de uma classe sobre a outra. E assim como os espaços educacionais, os museus durante muito tempo serviu ao mesmo propósito de reprodução da lógica dominante. Segundo CHAGAS (2011),

"Durante longo tempo os museus serviram apenas para preservar os registros de memória e a visão de mundo das classes mais abastadas; de igual modo funcionaram como dispositivos ideológicos do estado e também para disciplinar e controlar o passado, o presente e o futuro das sociedades em movimento" (2011, p.05)

A perspectiva de pensar os museus distantes da lógica educacional ou como um mero espaço de entretenimento ainda é muito comum. Seja por sua variedade presentes nos últimos anos com sua riqueza e dimensões sensoriais, seja pela lógica tradicional de imaginar a escola como único espaço preparado de educar. Concordamos com a diferenciação entre escola e museu, mas pensamos diferentes dos que não vem o potencial educador. Nesse sentido, comungamos da visão dos museus como espaços não-formais de educação, Para ARAÚJO (2013):

> "Portanto, a escola não é o único "lugar de conhecimento" e de transformação de subjetividades, como nos afirma Silva (1999), ela é o espaço da educação formal, da construção sistematizada do conhecimento. Existem outros espaços de saber que também educam, espaços não formais de educação, como já afirmamos anteriormente. " (2013, p. 87") No caso dos espaços de memória como o Museu da Maré temos uma dimensão maior, pois além da ampliação do conhecimento de mundo através de formas especiais de apresentação, quando comparados aos formatos escolares, um questionamento de mundo a partir da apropriação do lugar também ocorre.

2.4 Que memórias guardar?

O Museu da Maré é um conjunto de ações voltadas para o registro, preservação e divulgação da história das comunidades faveladas da Maré, em seus diversos aspectos, sejam eles culturais, sociais e econômicos. As ações propostas no projeto pretendem desenvolver ações educativas complementares ao ensino formal, por meio de metodologias calcadas no conceito de educação patrimonial, reforçando a memória e história locais como instrumentos de construção de referências identitárias, valorização do espaço e sentido de pertencimento, principalmente para as crianças, adolescentes e jovens, que vivem uma realidade de fragmentação e conflito latente entre as comunidades locais.

As ações propostas serão desenvolvidas a partir dos programas do museu, a saber, programa institucional, de acervos, de exposição, educativo cultural, de pesquisa e de divulgação da iniciativa. O Museu da Maré envolve vários núcleos de ação que têm como centro a exposição permanente, mas que se desdobra em outras ações como a organização de acervo documental; a realização de pesquisa em história oral; o desenvolvimento de atividades lúdicas e educativas, como o grupo de contadores de histórias; além da realização de eventos diversos como exposições itinerantes, seminários, oficinas e produção de material temático.

Os projetos desenvolvidos pelo Museu da Maré visam favorecer a criação de canais que fortaleçam os vínculos comunitários entre os moradores, orientados principalmente pela identidade histórica e cultural e por um conceito de educação baseado nesses valores.

O Museu da Maré se mantém a partir do desejo dos moradores de terem o seu lugar de memória, um lugar de imersão no passado e de olhar para o futuro, na reflexão sobre as referências dessa comunidade, das suas condições e identidades, de sua diversidade cultural e territorial. A intenção do Museu da Maré é romper com a tradição de que as experiências a serem rememoradas e os lugares de memória a serem lembrados, são aqueles eleitos pela versão oficial, "vencedora", da história e por isso, uma versão que limita as representações da história e da memória de grandes parcelas da população. Por isso, o Museu da Maré, como uma iniciativa pioneira no cenário da cidade, se propõe a ampliar o conceito museológico, para que este não fique restrito aos grupos sociais mais intelectualizados e a espaços culturais ainda pouco acessíveis à população em geral. A favela é lugar de memória e por isso nada mais significativo do que se fazer uma leitura museográfica a partir de tal percepção.

Acima de tudo, o principal sentido da criação desse espaço é afirmá-lo como um espaço de encontro. Encontro daqueles que, na diferença, se fazem iguais. Com efeito, a principal característica da Cidade é o fato dela ser o espaço da possibilidade do encontro das diferenças e das semelhanças, o que permite a constituição de identidades plurais, mas, acima de tudo, humanas. Na cidade do Rio de Janeiro, assim como em outras metrópoles brasileiras, todavia, a maioria da população vem estreitando, progressivamente, os seus tempos e espaços existenciais, limitando, assim, as possibilidades de coexistência e de exercício pleno de cidadania.

O Museu consiste, portanto numa exposição permanente que propõe a concepção do tempo representada pelo calendário e pelas horas. Apesar de permanente, nela tudo é mutável. São doze tempos a serem percorridos, representados por

expressões e desejos que marcam o percurso da comunidade. Assim temos o tempo da água, da festa, do trabalho, da criança, do medo, da esperança, entre outros.

O mais interessante é a resposta dada pela comunidade que se entusiasma com a ideia de se fazer representar num museu e de se expressar e se expor para a cidade através dessa linguagem. Assim muitos moradores têm dado sugestões, trazido seus objetos, os (re)significando. Há um processo coletivo em curso do qual está emergindo o Museu da Maré.

O estreitamento das referências temporais se associa ao particularismo espacial. A vivência em um território restrito, sem parâmetros mais abrangentes de pertencimento à cidade, contribui para que o lugar seja o ponto de partida e de chegada da existência. Como morador de Favela, o sujeito não se sente, na maioria das vezes, cidadão da polis, do mundo.

A superação dessa realidade passa pela construção de um círculo virtuoso, sustentado por ações integradas e de longo prazo, onde a superação das limitações locais e existenciais constitui-se em melhoria continuada da qualidade de vida dos moradores da Maré.

Com isso, a comunidade local tem um papel preponderante no projeto, participando de todas as suas fases. As atividades propostas para o Museu estão todas direcionadas para a Favela que poderá participar ativamente das apresentações do grupo de contadores de histórias, oficinas de arte-educação, jogos educativos, grupo de música, peças de teatro, entre outros.

Nos processos de avaliação e monitoramento a comunidade local tem manifestado suas impressões através do livro de depoimentos. No mesmo espaço também é realizado palestras e seminários que são abertos à participação da comunidade, principalmente de professores das escolas locais, dentre outros interessados.

A comunidade tem ainda participado com a doação de peças para o acervo e ajudado com trabalho voluntário na manutenção das atividades do Museu.

O Museu da Maré tem participado ativamente das principais ações do campo cultural e de patrimônio, tendo alcançado reconhecimento nacional como experiência inspiradora de novas iniciativas.

Além de reconhecimento, o Museu tem uma equipe politicamente atuante que representa a instituição nos principais fóruns de museus e patrimônio do país. O Museu da Maré está cadastrado no Sistema Brasileiro de Museus do Ministério da Cultura e tem participado de todos os eventos de mobilização nacional, como a Semana Nacional

de Museus, o Fórum Nacional de Museus, a Primavera dos Museus e a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia.

O Museu da Maré participa ainda da Rede de Educadores de Museus, do Fórum Brasil Memória em Rede, da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários, do Fórum Museus, Memória e Movimentos Sociais e da Associação Brasileira de Museologia.

Dessa forma, a experiência do Museu da Maré está servindo de inspiração para que experiências semelhantes sejam desenvolvidas em espaços populares dos mais diversos espectros, como ocorreu com as localidade inseridas nos Programas de Aceleração de Crescimento (PAC) como a Rocinha, Manguinhos, Pavão e Pavãozinho e Morro do Alemão, que já estão discutindo a constituição de seus museus e centros de memória bem como em outros estados.

2.5 A Maré

A palavra Maré vem da localização da parte da região que mais chamava a atenção das pessoas, o mangue. No passado toda essa região que conhecemos hoje como bairro Maré era formado apenas por ilhas e nelas moravam apenas pescadores. Essa parte da Baia de Guanabara já sofria bastante com a poluição causados pelos navios que usavam os estaleiros ali presentes e por sua proximidade com o Porto do Rio. Os estaleiros se aproveitavam das características geológicas do espaço que permitia que grandes navios pudessem atracar e fazer os reparos nos cascos, por isso o nome de Canal do Fundão.

Na verdade, o Canal do Fundão passou por várias intervenções ao longo da história que o fizeram chegar à situação que se encontra hoje. No inicio, os antigos Portos de Inhauma e Maria Angu 6que ficavam na localizados no Canal, é quem davam movimento aquela área e geravam muitos empregos e serviam como principal escoamento marítimo para os produtos agrícolas oriundos das fazendas de café, cana-de-açúcar e olarias da região. Ainda hoje, a Maré apresenta várias marcas desse período como o prédio onde hoje está o Museu da Maré que antes era usado para reparos de navios, o prédio onde hoje se encontra a Igreja Universal do Reino de Deus, ao lado do

---

[6] SILVA, Cláudia Rose Ribeiro da. **Maré**: a invenção de um bairro. 2006. 238 f. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.

Museu da Maré, que já serviu de espaço para guardar as sacas de café, o nome da rua onde ficam esses dois prédios que se chama Rua Praia de Inhauma, dentre outras coisas.

Porém, nada se compara ao impacto ocorrido com a construção da Cidade Universitária, talvez tenha sido o maior ataque a flora e fauna da região. Pois para realização do projeto, tiveram que unificar 8 (oito) ilhas que existiam na região e para isso expulsaram os pescadores que moravam nelas, movimentaram grande quantidade de materiais do solo marinho, assorearam grande parte da região e acabaram com praticamente, toda vida animal e vegetal que existiam presentes nas ilhas.

Com as obras, inúmeras pessoas vieram de vários lugares para trabalhar, principalmente do Nordeste brasileiro, expulsos pela "cerca" e pela seca, mas também do interior fluminense do Estado do Rio de Janeiro. Essa população que no inicio começou a povoar o Morro do Timbau, logo depois começou a expandir para dentro do já assoreado Canal do Fundão através de aterros clandestinos e construção de barrocos e palafitas. Com a construção da Cidade Universitária, as águas do mar passaram a não ter mais força para levar os resíduos (em grande parte, tóxicos e de metais pesados) oriundos das atividades dos períodos áureos dos estaleiros e agora das indústrias que margeiam o Canal do Cunha e das moradias que existentes na Maré.

Ainda assim, podemos afirmar que o grande fluxo populacional data da década de 1940 e que teve como grande motor impulsionador da região, a construção da Av. Brasil em 1946 que trouxe consigo a infraestrutura necessária para a instalação de um cinturão industrial que assim como as fazendas no passado utilizavam a região para escoar os produtos pelos antigos Portos de Inhauma e Maria Angu, agora o Porto do Rio servirá de motor para esses empreendimentos.

Com o declínio da força industrial do Rio de Janeiro que viu nos anos de 1970 e 1980, suas indústrias se deslocarem para São Paulo, a pobreza se ampliou vertiginosamente na Maré. A imagem dos barracos em palafitas e de sua população igualmente miserável corria o Brasil e o mundo. Nessa época já existiam dois fatores que contribuíam para a circulação dessas imagens, a Cidade Universitária que além de receber jovens abastados de vários espaços do país e do Aeroporto Internacional do Galeão que oferecia como primeiro cartão de visita da cidade, a Maré. Um dos estudantes de arquitetura da UFRJ da Cidade Universitária, fez uma música que denunciou essas mazelas por todo país, a música se chamava "Alagados" e esse aluno era Rebert Vianna. A única Lona Cultural do município existente na Maré leva o seu nome em homenagem a sua obra.

Incomodados com essa publicidade negativa que mesmo com o controle das mídias não conseguia esconder em pleno período ditatorial, o Presidente Figueiredo decidiu agir. E como o país já estava em processo de abertura política e a volta da democracia, o Governo Figueiredo viu nessa crise uma oportunidade. A ideia era a de se preparar um candidato dos militares para concorrer à presidência nas vias democráticas e o candidato seria o Ministro de Relações Exteriores, Mário Andreazza. Era ele quem pessoalmente fazia as reuniões com os moradores, negociava as possíveis indenizações como no caso dos porcos que existiam na época e que não poderiam ser removidos juntos com a população, e era ele quem se reunia com as lideranças e atendia a diversos pedidos.

Esse interesse deu origem ao Projeto Rio, política de intervenção do governo militar que pretendia, além de acabar com os problemas das palafitas no Rio de Janeiro, mais especificamente das existentes na Maré, fazer a urbanização do restante da Favela, oferecer títulos de propriedades aos antigos moradores que moravam na parte sólida da região, como Morro do Timbau (no caso dessa localidade a entrega de títulos foi parcial) e grande parte da Baixa do Sapateiro, Parque Maré, Nova Holanda, Parque Rubens Vaz e Parque União. Melhorar as condições de trabalho dos antigos pescadores que passaram a ter enormes dificuldades de sair com os barcos após as obras, mas nada foi feito para isso. Todavia, a entrega de casas mais dignas aos moradores das palafitas foi feita e representou na época cerca de 1/3 da população da região.

Acredito que o que houve de mais inovador nesse processo foi a garantia de permanência no local, pois as novas moradias ficavam a cerca de 500 metros do local de origem. Com isso a Maré que era conhecida por 7 (sete) Favelas, Morro do Timbau, Baixa do Sapateiro, Favela do Rala Coco, Parque Maré, Nova Holanda, Parque Rubens Vaz e Parque União, passou a contar também novas localidades como Vila do João, Conjunto esperança, Vila dos Pinheiros, Conjunto Pinheiro e mais tarde, através de outras intervenções, Novo Pinheiro (salsa e Merengue), Marrocos, Conjunto Bento Ribeiro Dantas e Nova Maré. É importante ressaltar que a Favela do "Rala Coco" foi a única removida e teve como destino Santa Cruz da Serra, esse fator ser viu também de motivador para união das Favelas remanescente e conseguir do governo militar a permanência das outras Favelas na mesma área.

Mesmo depois de todas essas modificações, a Maré não era oficialmente reconhecida como bairro Maré, isso só ocorreu em 1994 na primeira gestão do Prefeito Cesar Maia que tinha como promessa de campanha urbanizar inúmeras Favelas da cidade, mas percebendo que não conseguiria dar conta das promessas, decidiu fazer isso

por decreto. Com isso, transformou os conjuntos de Favelas que existiam entre o bairro do Caju e Penha, localizados entre a Av. Brasil e a Baia de Guanabara como pertencentes ao Bairro Maré. A partir desse decreto, as 16 Favelas que antes pertenciam aos bairros de Manguinhos, Bonsucesso, Ramos e Penha, pertencem ao Bairro Maré e passaram a fazer parte dos números estatísticos do Programa Favela Bairro.

A grande maioria dos moradores não sabia desse decreto e foi o CEASM quem tratou de informá-los. Para isso usou de vários mecanismos como o projeto RAL – Maré no qual trabalhei e ajudaram a disseminar essa informação, os projetos da instituição trabalhavam bastante essa informação e no jornal "O CIDADÃO" que era distribuído gratuitamente por toda Maré com uma tiragem de 20.000 exemplares, foi cunhada a expressão "mareense" que até hoje é usada por moradores.

Mesmo com o trabalho da Rede de Memória, o CEASM sentia falta de um "raio x" que nos desse mais informações sobre quem seria essa população da Maré e em 2000 realizou o CENSO Maré 2000. É provável que tenha sido a primeira vez que os moradores de uma Favela teriam conseguido fazer um levantamento tão importante de seu próprio bairro. E para nós essa seria uma ferramenta bastante eficaz para o exercício da uma cidadania calcada não só na identidade local como para a cobrança coletiva de políticas públicas para o território.

O CENSO Maré 2000 apresentou informações muito interessantes e outras bastantes tristes, mas importantes para entender nossa realidade e avançar na qualidade de nossas reivindicações ao poder público. De acordo com os dados encontrados, a Maré apresentava percentuais de quase 10% de adultos analfabetos e para amenizar esses números, fizemos uma parceria com a UFRJ – PR5 e conseguimos recursos para instalação de 10 turmas de alfabetização de adultos na Maré e até o ano passado, a UFRJ manteve uma dessas turmas em uma das salas do CEASM no horário noturno.

Outro destaque triste foi a constatação de que tínhamos 6,8% de crianças fora da escola, mesmo tendo na Maré 14 escolas de Ensino Fundamental do Município e em algumas com vagas ociosas. Chocados com esses números eu em um grupo de universitários da Maré e oriundos do Pré-vestibular do CEASM, criamos um grupo de estudos chamado NEPOS – Núcleo de Estudos e Pesquisa do Observatório Social. Como era muito comum a presença de pesquisadores na Maré, passamos a trocar nossas informações sobre a região por oficinas de temas e pensadores que eram importantes para nossa estada na academia. E foi nesse grupo que decidimos estudar as causas que levavam a essa evasão. A diretoria do CEASM ao ver esse esforço, tratou de procurar financiamento para a pesquisa e o conseguiu junto a instituição chamada Desiderata que

tempos depois lançou um livro tratando do tema com o nome que foi dado pelo CEASM de “Nenhum a Menos”.

O NEPOS também foi responsável por outra pesquisa, essa ligada ao número de universitários na Maré. Já sabíamos que na década de 1990, o número de universitários na Maré era de 0,6%segundo o IBGE, mas no CENSO Maré 2000 esse número já era de 1,6%, um salto impressionante. Parte desse salto se deve ao papel do CEASM que desde 1997 passou a oferece curso pré-vestibular aos moradores, mas antes disso o SINTUFERJ – Sindicado dos funcionários da UFRJ, já ofereciam bolsas aos moradores em seu curso pré-vestibular que funcionava no IFCS, no Largo São Francisco. Apesar de essa pesquisa ter ficado em 2º lugar na X Amostra PUC-Rio, não conseguimos os recursos necessários para concretizar as duas pesquisas, porém para a pesquisa com crianças fora da escola chamada de “Nenhum a Meno”-las, fizemos um bo trabalho com o apoio do Instituto Desiderata que mais tarde a transformou em livro.

Os dados do CENSO Maré também foi utilizado por órgãos municipais como os da saúde, Conlurb, Assistência Social, dentre outros. Na época os números da Maré chamaram muito a atenção da mídia e de fato isso tinha procedência. Os cerca de 130.000 habitantes encontrados pelo Censo faziam com que a Maré, caso fosse considerado uma cidade do Estado do Rio de Janeiro, ficasse na 11ª posição em contingente populacional. Dessa forma, pensar políticas públicas para a Maré significava pensar na dimensão de uma cidade.

Capitulo III

3.1 Os Tempos do Museu

Após o CEASM vencer o Edital Programa Ponto de Cultura, do Ministério da Cultura, um grupo de trabalho foi organizado para contribuir com propostas para criar a exposição permanente que levou o nome de Os Tempos da Maré. A base da proposta se inspirou em um calendário que a instituição havia feito no ano anterior e que teve grande sucesso entre os moradores. E de imediato a proposta do "Museu Calendário", contribuiu para dar mais mobilidade e fugir da "tentação" de pensar um museu cronológico ou composto por uma história oficial sobre a Favela ou de oposição às histórias "oficiais" sobre a cidade.

No decorrer dos acalorados debates o grupo percebeu que fazer a exposição com base no calendário poderia engessar todo processo, além de correr o risco de em determinado mês, não ter material para expor. No entanto se manteve a ideia dos 12 (doze) meses, porém agora seriam temáticos e não mais pensado em estações do ano ou em feriados típicos. E para melhor orientação dos visitantes, foram feitos vários textos na entrada dos tempos, como podemos perceber na figura abaixo com o texto de abertura:

> "SEJAM BEM VINDOS! ESSE É O NOSSO MUSEU.
>
> ELE NÃO É UM LUGAR PARA GUARDAR OBJETOS OU CULTUAR O PASSADO. AQUI É UM LUGAR DE VIDA.
>
> SE A VIDA SE CONTA PELOS ANOS, DIAS E HORAS, NOS RELÓGIOS E CALENDÁRIOS, NESTE MUSEU ELA É CONTADA POR TEMPOS, ONDE NADA ESTÁ ACABADO, TUDO É MUTÁVEL.
>
> PASSADO, PRESENTE E FUTURO CONVIVEM NOS TEMPOS DA ÁGUA, DA RESISTÊNCIA, DA CASA, DO TRABALHO, DA CRIANÇA....
>
> SÃO 12 TEMPOS, COMO 12 SÃO AS HORAS DO RELÓGIO E OS MÊSES DO ANO...
>
> TEMPOS CONSTRUIDOS A PARTIR DO LUGAR E DA VIDA. AQUI OS MORADORES TIVERAM QUE FAZER SEU CHÃO.
>
> FINCARAM AS PALAFITAS NA ÁGUA E SOBRE ELAS ERGUERAM SUAS CASAS. O TEMPO ERA CONTADO PELO FLUXO E REFLUXO DA MARÉ...
>
> REDES AO MAR, ATERROS, ROLA-ROLA, BICAS D'GUA,TIJOLOS, LAJES, MUTIRÃO...
>
> SÃO HERANÇAS CONSTRUIDAS POR TANTAS PESSOAS AO LONGO DO TEMPO.
>
> NESSE LUGAR, ONDE MUITOS SÓ ENCHERGAM A VIOLÊNCIA, NASCE UMA NOVA MANEIRA DE CONTAR OS TEMPOS DA CIDADE, A PARTIR DO DIÁLOGO, DA TROCA E DO RESPEITO À DIVERSIDADE CULTURAL.
>
> O MUSEU DA MARÉ É UM CONVITE À CONSTRUÇÃO DESSE NOVO TEMPO."

3.1.1 Tempo da Fábrica

O texto de apresentação do Museu permite ao lê-lo, obter um entendimento claro de como estão divididos os tempos e qual é a proposta da exposição permanente. É um texto quase poético, mas ao mesmo tempo nos dá o tom inovador da exposição e explica, mas sem tirar a riqueza da exposição, qual é de fato seu objetivo. Pois a divisão dos 12(doze) espaços em tempos temáticos desperta nos visitantes uma grande curiosidade, em especial, a quem visita a exposição pela primeira vez.

Outra questão interessante apontada nesse texto é a ideia do lugar como sendo um lugar mesclado ao tempo, mas um tempo não cronológico onde Passado, Presente e

Futuro se misturam bem como nos fluxos e refluxos da própria Maré. Cujos objetos e imagens presentes no espaço possam contribuir para uma nova forma de ver e pensar a cidade. Onde a Favela não se resume a violência e que o diálogo o respeito à diversidade cultural presente no Museu da Maré seja um convite a construção de um novo tempo.

Logo depois do texto de abertura nos deparamos com a "Memória da Fábrica". Esse tempo não foi pensado inicialmente, mas depois teve sua nomeação considerada importante por se tratar do local onde o Museu está alojado. No passado, esse espaço era um local para consertar barcos, por influência que a Bahia de Guanabara localizada próxima, e que servia de inspiração para os diferentes tipos de empresas e serviços da região. Então para valorizar essa memória, foi preservado o local onde os funcionários registravam em cartões, os horários de chegada, intervalo e saída. Há também, a estrutura de força elétrica que era necessária para fazer funcionar inúmeras máquinas pesadas e que consumiam bastante energia como pode ser visto na figura abaixo:

Figura 4.

Arquivo Orozina Vieira – Museu da Maré.

3.1.2 Tempo da Água

> "Mangues, ilhas, biodiversidade marinha Piquenique, areal, banho de mar Redes, barcos, pesca, sustento
>
> Festa de S. Pedro, N. S. dos Navegantes, procissão
>
> Balança d'água, rola-rola, bacia, lata na cabeça, varais Aterros, fábricas, poluição...
>
> E o futuro?"

Passando pelo "Tempo da Fábrica", logo avistamos o "Tempo da Água". Inicialmente somos levados a nos localizar no tempo e no espaço, pois a primeira foto que vemos faz menção ao bairro de Bonsucesso onde antes existiu uma fazenda da

família de mesmo nome. E ao olhar para as ruas que compõem o bairro, notamos que várias delas começam na Maré.

Essa explicação é importante para demonstrar que ao contrário do que somos levados a pensar, o bairro Maré não foi criado em função do bairro de Bonsucesso, pelo contrário, como o local onde hoje fica o Bairro Maré foi na verdade o responsável por dar dinamismo aquela região em função da sua atividade marítima com o Porto de Inhaúma, as fazendas, os armazéns, as fábricas que haviam no entorno, dentre outras coisas. O Porto por sua vez é quem dava a dinâmica para a região, pois outros bairros próximos como Olaria e Penha, também se serviam dele.

Nesse Tempo, existem outras fotos emblemáticas como uma marcação que no passado se posicionava no final da rua onde está instalado o Museu e que permitia ter um panorama da Bahia da Guanabara quase que no seu estado natural, sem a presença, ao menos visível, de empreendimentos como observamos atualmente. Depois tem outra foto que trata de uma escola de normalistas que deu origem a E.M. Bahia localizada próximo a Av. Brasil. Neste Tempo, uma é muito marcante para mim, a da Ilha dos Pinheiros. Local onde o médico e pesquisador Oswaldo Cruz criava seus animais para pesquisa, mas que também faz parte de minhas memórias como espaço de lazer na infância. A Ilha dos Pinheiros sofreu muito interferência ao longo do tempo e por conta disso, seu nome foi mudado seja por força dos moradores, seja por determinação dos órgãos oficiais. Já foi chamada de Ilha dos Macacos, Ilha dos Pinheiros, Reserva Florestal, Parque Ecológico e Mata. Muitas vezes esses nomes convivem ao mesmo tempo, o que define o nome dado é a relação de pertencimento e de uso que cada morador tem ou faz com o território.

O Início da Av. Brasil também está presente dentre as fotos e é um espaço importante, pois foi a primeira grande obra que contribuiu para o povoamento da região. Por conta da seca ou da "cerca", no Nordeste brasileiro, muitos migraram para o Sudeste na década de 1940. Era um momento de grande aquecimento econômico no Sudeste, em particular no Rio de Janeiro que era a capital do país à época, e com isso muitos habitantes de regiões mais empobrecidas se animaram em vir para a cá. Era muito comum as pessoas chegarem em "pau-de-arara" (caminhão de carroceria aberta que transportava as pessoas de forma improvisada) descer no local onde hoje chamamos de Pavilhão de Tradições Nordestinas ou "Feira dos Paraíbas" (nota de rodapé), como costuma ser apelidado.

Seguindo na análise das imagens, há uma foto de uma antiga Favela que existia na Maré chamada de Favela do "Rala-Coco". Essa Favela foi e é muito importante para

nos ajudar a entender a Maré como ela é hoje. Ela foi removida durante o período da ditadura militar no Brasil, para o bairro Santa Cruz da Serra na década de 1970. Santa Cruz da Serra é um lugar distante para quem mora na Maré e naquele período isso era muito mais preocupante devido à falta de transporte, emprego, escolas, enfim, não havia infraestrutura mínima, ainda que na Maré as dificuldades também não fossem poucas.

Porém, foi o risco de passar pelo mesmo processo da Favela do "Rala-Coco" que fez com as outras 6 (seis) Favelas restantes (Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Parque Maré, Nova Holanda, Parque Rubens Vaz e Parque União) tentassem se organizar para evitar o mesmo fim: a remoção compulsória. E mesmo diante de um regime autoritário na nossa história, foi essa luta, essa resistência, essa união que fez com que os moradores da Maré não só conseguissem permanecer como também conquistaram o direito a política pública de moradia experimentando no mesmo local o acesso a casas de alvenaria, instalação de rede elétrica, acesso a água encanada e rede de esgoto, escola pública, postos de saúde etc. O chamado Projeto Rio.

Depois de passar por uma foto da maquete da primeira montagem da exposição permanente do Museu (pois a atual é a segunda versão), chegamos aos objetos do "Tempo da Água". Muitos visitantes quando leem o texto de abertura da exposição ficam curiosos para saber o que é o "rola-rola" e logo se deparam como uma replica do mesmo nesse Tempo.

Dentre outras coisas, temos bacias, várias latas de carregar água, a balança que é uma estrutura de madeira que usamos nas costas onde podemos pendurar duas latas d´água, uma em cada extremidade, ao mesmo tempo. Peças de encanação e outras fotos também. Dentre essas fotos estão fotos dos primeiros moradores de Nova Holanda e nesse momento aproveitamos para falar um pouco do caso dessa Favela. Ao longo do tempo, a Maré recebeu outras Favelas e a Nova Holanda foi a primeira delas, pois foi fruto de ação do Governo Carlos Lacerda que removeu moradores de diversas Favelas e os espalhou por diversos CHPs, Centro de Habitação Provisória, e a Nova Holanda era uma delas. Em outra parte da exposição, próximo ao "Tempo da Resistência", iremos encontrar vários dos documentos de origem desses moradores, pois os mesmos eram de domínio da Fundação Leão XIII, órgão ligado à Igreja Católica e responsável por "civilizar" os moradores até serem transferidos para suas casas em definitivo. A verdade é que o que era provisório encontra-se na Maré até hoje e a Fundação que era um órgão da Igreja, foi anexada ao Estado.

Próximo às fotos de Nova Holanda, iremos encontrar objetos antigos doados pela UFRJ por conta de uma limpeza do Canal do Fundão em 2010. Como no passado essa

área no entorno da Maré recebeu a visita de vários navios que se utilizavam dos estaleiros presentes ali no passado, muitos dos produtos químicos presentes nesses navios foram deixados ali. Eram metais pesados com grande teor tóxico. Por conta de uma multa que a PETROBRÁS deveria pagar como multa por danos ambientais, foi proposto a ela, pela Secretaria do Ambiente do Estado, a despoluição das margens da Maré. E nesse processo, foram encontrados vários objetos interessantes e até valiosos nas escavações, no entanto, o Museu da Maré só conseguiu de doação uma lembrança disso e fez questão de colocar na exposição para que essa memória recente fosse lembrada.

No final desse Tempo, temos fotos interessantes de palafitas da Maré onde gostaria de destacar algumas. A primeira é de uma palafita com banheiro destacado na casa, essa foto me chama a atenção porque normalmente os barracos eram feitos em um único cômodo e nesse fica visível a separação desse espaço da casa em particular. Outra interessante parece ser de uma foto aérea onde conseguimos ter uma ideia da enorme quantidade de barracos-palafitas da região, coisa que hoje, depois de tantos aterramentos orgânicos e inorgânicos (espontâneos e oficial), fica difícil perceber.

Existe uma foto aérea também que é muito peculiar, e precisa ser explicada, pois visualmente não dá para perceber, mas se trata de um chiqueiro visto do alto. Ele é enorme e eu morava em um beco ao lado desse chiqueiro. Acredita-se que existiam cerca de 3.000 (três mil) porcos nesse chiqueiro. E foi esse chiqueiro que deu origem a uma lenda urbana em torno da história do "porco com cara de gente", que é uma memória bem viva dentre os moradores antigos como eu.

No local onde ficava esse chiqueiro existe hoje uma praça chamada Luiz Gonzaga em homenagem ao cantor e compositor nordestino, porém, raríssimos moradores conhecem a praça com esse nome. Eles a conhecem pelo nome de "Praça do 18", e ainda assim, poucos sabem o porquê desse nome. Na verdade esse nome faz menção aos porcos que existiam nos chiqueiros, no passado, e como porco corresponde ao número 18 no jogo do bicho, o espaço assim ficou conhecido.

3.1.3 Tempo da migração

> "Muitos chegaram no pau de arara Outros vieram numa terceira do Ita
>
> Rodoviária, lugar do desembarque de quem ainda chega Lugar de um novo começo Ingá de Bacamarte, Codó, Sapé Campina Grande, Serra Branca, Ipu Cachoeira Alegre, São Fidelis, Ubá ... Tantas cidades e pessoas...

Saudades, expectativas, esperanças, memórias Diferentes tempos que aqui se encontram."

O tempo da migração foi construído recentemente e já faz parte da proposta de renovação da exposição permanente, pois de tempos em tempos se faz necessário reformar e repensar os tempos da exposição. No caso do tempo da migração, que já constava dentre os tempos nos planejamentos da instituição, talvez seja hoje um dos tempos mais interessantes aos visitantes. Primeiro por sua instalação, ele é revestido com barro e lembra muito as casas de pau-a-pique dando a entender que a origem regional de grande parte dos moradores da Maré seja do norte/nordeste brasileiro; e em segundo pela parte que é reservada aos moradores nessa instalação que serve para receber fragmentos de terras do local de origem dos moradores.

Com isso, durante a visita, os mediadores do Museu pedem a cada morador que ao voltar ao seu local de origem ou se algum parente que venha de lá, traga um pouco de terra e ao chegar é catalogada e exposta em pequenas garrafas de vidro. Essa ação tem trazido resultados muito positivos. De tal maneira, que muitos dos estrangeiros que visitam o Museu da Maré aderem a proposta no intuito de deixar registrado no Tempo da Migração um pouco da sua terra natal.

Ao sair desse tempo, podemos nos deslocar para debaixo do barraco em palafita nos deparamos com fotos panorâmicas que mostram os barracos da palafita e a área para onde esses moradores foram deslocados durante o Projeto Rio. É possível ver a Ilha dos Pinheiros em seu processo de aterramento onde foram construídas as casas da Vila do João e Pinheiro, Conjunto Esperança e Conjunto Pinheiros e através de uma foto mais recente feita em 2006, poderemos perceber como esse espaço se modificou. Ainda debaixo do barraco, é possível perceber como é feita sua estrutura e adaptação. A forma como os cabos de madeira são enterrados até encontrar uma parte sólida para se firmar e quando um cabo não é suficiente, outro é emendado até que essa base abaixo da lama seja encontrada. Para mim, que vivi em um barraco como esse, é admirável a capacidade que esse espaço possui de nos fazer lembrar de várias outras memórias que dialogam com o tempo da casa. Ainda nessa parte abaixo da casa, foi reservado um espaço para expor parte da casa da Dona Orozina, uma das primeiras moradoras do Morro do Timbau. Onde podemos ver uma das telhas que ele mesma fez usando suas "coxas" como molde. Na ocasião da visita, aproveitamos esse momento para lembrar da origem da expressão "feito nas coxas".

3.1.4 Tempo da Casa

> "Tempo da casa, do aconchego e da segurança Para muitos que chegaram depois
>
> Só restaram o mar e o mangue
>
> Antes da casa foi necessário construir o chão Casa de madeira sobre as palafitas
>
> Depois vieram o aterra, o tijolo e a laje Em mutirão vão surgindo novas casas Outras, o governo construiu
>
> Centro de Habitação Provisória, Casas coloridas, telhas de amianto,
>
> Apartamentos, duplex de tijolinhos vermelhos... Tempo da casa, do aconchego...
>
> E a segurança?"

Para conhecer o Tempo de Casa, temos que subir algumas escadas, muitos visitantes ficam receosos por não confiar na resistência da madeira, mas no final acabam aceitando o convite. Logo na varanda somos recepcionados por uma carranca que pertenceu a Dona Orozina. Temos também nesse espaço da casa um vitrola que é muito usada pelos contadores de história do Museu para contar a história de um casamento na palafita que ficou muito famoso à época por conta de um acidente com a ponte que ligava os barracos uns aos outros e que quebrou durante a festa, levando vários convidados para dentro da lama deixada pela maré baixa.

A parte interna do barraco está repreta de objetos que seriam difíceis de descrever tamanha a quantidades de sentidos e sentimentos que cada um pode me afetar. Mas é um barraco com características de um morador nordestino. È possível ver uma rede de balançar, a cama de solteiro com uma cocha de biju, típica do nordeste, algumas roupas, malas, chapéus também característicos. É um barraco muito bem cuidado e com detalhes que mexem muito com minhas lembranças como o assoalho encerado na cor vermelha, presença de imagens religiosas no alto da porta, quadros católicos. Um fogão com botões de osso e que eram caríssimos na minha infância, o pente quente que me faz lembrar do cheiro de cabelo queimado das amigas de minha Mãe e do choro de algumas delas quando o pente aquecido tocava à pele. Existem também alguns rádios que eram importantíssimos em nossas vidas e a presença de vários lampiões que também me remetem ao cheiro e a fumaça do querosene usado. Eu só fui ter luz em casa aos 12 (doze) anos, então trago em minhas memórias muitos dos recursos usados para se ter lazer em casa como brincar com as sombras, aprender a cantar as músicas do rádio, brincar na varanda nas noites de lua cheia, admirar o brotar de algumas plantas com minha Mãe à noite, jogar objetos nas águas da baia e fazer com que o efeito das ondas modificasse o reflexo deixado pela lua na água e até soltar pipa. Posso dizer que tanto

para mim quanto para vários outros moradores, o Tempo da Casa é o que mais impacta, mesmo quando essa pessoa não tenha morado na Maré.

Ao descer pela parte traseira do barraco nos deparamos com uma réplica do ambiente de trabalho das pessoas que "faziam" o jogo do Bicho. Muitos jovens não fazem ideia do que seja isso, em parte pela diversidade hoje de jogos de azar presentes na favela e outra pelo uso de tecnologias modernas hoje presentes nessa contravenção onde até uso de cartão de crédito e débito são permitido.

3.1.5 Tempo da Resistência

> "Aqui, resistir sempre foi preciso: Resistir à força da maré,
>
> Á ação da polícia,
>
> Às ameaças de remoção.
>
> Os moradores se organizaram em associações, Lideranças surgiram,
>
> Muitas conquistas foram alcançadas. Mas o tempo da resistência não acabou. É preciso continuar resistindo.
>
> Violência, preconceito, discriminação... Aqui, resistir sempre é preciso
>
> Mas resistir sozinho é impossível."

O Tempo da Resistência tenta retratar dois momentos da Maré. O primeiro, mais ligado ao passado, visa registrar a resistência dos moradores em não aceitarem ser realocados em pontos distantes da cidade, longe do local de trabalho e do acesso as poucas políticas públicas, como ocorreu como a Favela do "Rala-Côco". Nesse sentido, apresentamos fotos das lideranças, como seu Agamenon e Pedro Rufino, negociando com o representante do governo federal do ex-presidente João Baptista Figueiredo, o Ministro Mário Andreazza. Esse tipo de negociação era quase impensável naquele período onde várias Favelas haviam sido removidas, em muitos casos com o uso da força.

Ainda assim, as lideranças se organizaram através dos representantes de todas as Favelas da Maré. Eles criaram um jornal comum a todos, desenvolveram instrumentos de alto-falante que transmitia as informações a todos os moradores, construíram associações, e apresentaram uma força organizacional muito forte. Essa organização foi fundamental para as negociações e mesmo num período ditatorial, os moradores da Maré obtiveram grandes conquistas. Pois além de não serem removidos, conseguiram que o governo construísse conjuntos habitacionais próxima às suas residências originais

com direito a escolher o tipo de casa, se seria em travessa ou em rua, de um andar ou dois e até mesmo a cor da casa. Uma dessas localidades construídas recebeu o nome do ex-presidente, Vila do João, bem como duas creches, uma em homenagem ao Ministro Mário Andreazza, Creche Tio Mário localizada na Rua 2 e a Creche Tia Dulce, na rua 7, que homenageia a esposa do ex-presidente Figueiredo.

Outro registro presente no Tempo da Resistência registra a violência do presente. Dentre as fotos que retrata esse momento, tem uma que mostra uma passeata em protesto pela morte do irmão de meus sobrinhos, o Matheus que foi morto por policiais que até hoje nunca foram se quer identificados e indiciados, mesmo com toda ajuda dos moradores ao apontar os envolvidos no processo. Ele tinha apenas 8 anos de idade e morreu com o uniforme escolar ao sair de casa para comprar pão. A foto que circulou pela imprensa e ficou muito conhecida, apresentava Matheus caído morto, com uma moeda de um real em sua mão. O dinheiro que seria para comprar o pão. A foto também se destaca pelo local onde pode ser visto as marcas da violência, um espaço apelidado pelos moradores de "Faixa de Gaza", pois fica na divisa entre duas facções que há décadas trocam tiros no mesmo espaço e a marca desses tiros podem ser visto nas paredes, telhados e postes nas ruas.

3.1.6 Tempo do Trabalho

> "Chegar em casa à noite depois do trabalho Mas ainda não dá pra descansar
>
> Tem que ir pra fila d'água encher as latas
>
> Ou esperar o caminhão com concreto pra espalhar no chão. No domingo tem mutirão pra erguer a casa, colocar a laje, O trabalho transforma o lugar, recria o espaço,
>
> Gera novas relações.
>
> É do trabalho que nasce a Maré"

No Tempo do Trabalho estão presentes fotos dos moradores organizados para construir comunitariamente o sistema de água esgoto no Morro do Timbau, ou de Nova Holanda, onde as casas são construídas em regime de mutirão. Temos vários objetos na parede ligados, principalmente a construção civil, alguns antigos e outros nem tanto. A ideia de trabalho na Maré exigia uma organização muito importante, pois como as necessidades eram comuns, acabava que ao instalar água na casa do vizinho, se fazia interessante deixar uma saída para que os outros pudessem usufruir da mesma ligação e assim ocorria com quase todas as benfeitorias. Talvez aqui tenha origem os

“puxadinhos” e o sentimento de solidariedade que é a marca das sociedades formadas em territórios de favelas, principalmente na origem.

3.1.7 Tempo da Festa

> “Música alegria risos
> Tempo de ginga e dança
> Tempo de explorar nossa cultura
> Festa de mistura e troca
> Carregada de paixão e vida. “

No Tempo da Festa, acho importante destacar uma característica comum na Favela que o uso da rua. Talvez, pelo pouco espaço que as casas possuem com o passar do tempo, é muito comum a rua virar, em alguns momentos, uma extensão da própria casa. Isso é perceptível nos aniversários, organização de Copa do Mundo, para assistir os desfiles de Carnaval, dentre outras coisas.

No espaço destinado a esse tempo iremos encontrar diversas fotos das festas mais diversas e de formas atemporal. Temos fotos de um grande artesão que existia na Maré, Sr. Nilo, já falecido, ele era um dos grandes responsáveis pelas festas típicas. Festas como Folias de Reis, junina e Bumba Meu Boi, por exemplo, passavam por suas mãos nas confecções das roupas e adereços. Depois que muitos de seus amigos viraram evangélicos, ele foi morar na Baixada Fluminense onde passou seus últimos anos. Temos fotos da Praia de Ramos lotada de frequentadores em período em que não era tão poluída e servia de principal espaço de lazer para moradores da Baixada.

Temos fotos de times de futebol da Favela, uma grande paixão. Os campos de futebol, por exemplo, são espaços muitos interessantes dentro da Favela, pois por mais que a população cresça e o espaço fique cada vez mais reduzido, o campo de futebol sempre é preservado. Na verdade, quem mais acaba com os campos de futebol nas Favelas é o Estado que na necessidade de fazer uma escola, posto médico ou equipamentos públicos, comumente utiliza o espaço reservado ao lazer comum para ocupar com essa atividade também necessária.

Além de fotos de festa na rua, festa de casamento dentro de um barraco, festa de aniversário, tem festas não muito comuns em Favelas e que já é uma marca na Maré. Como a Parada Gay que ocorre tanto na Vila do João quanto em Nova Holanda e essas manifestações estão registradas em uma das fotos. Por outro lado, temos um objeto que resgata uma festa bem tradicional que é o Carnaval. A Maré já teve vários Blocos

Carnavalescos, mas no Museu só temos de objeto dessa época a bandeira do Bloco Mataram Meu Gato. Atualmente virou escola de samba e mudou de nome, agora se chama Grêmio Recreativo Escola de Samba Gato de Bonsucesso. Alguns alegam que não colocaram o nome Maré porque quem nasce na maré e caranguejo e caranguejo só anda para trás e eles querem andar para frente. Na prática, isso não tem ocorrido e nesse ano desceu mais um degrau na escalada do samba carioca.

3.1.8 Tempo da Feira

A Maré já teve uma das maiores feiras do Rio de Janeiro, a Feira da Teixeira. Ainda hoje se assemelha a um shopping nordestino a céu aberto, mas bem menor que no passado. Lembro-me de ser uma feira que gerava centenas de emprego, eu meus amigos ganhávamos dinheiro ou mercadoria fazendo "carreto" para as senhoras que tinham dificuldades de levar suas compras até o alto do Morro do Timbau. Hoje a Maré possui outras feiras e o Rio de Janeiro também. No Museu estão presentes duas delas, a já citada Feira da Teixeira e outra de dimensões bem menores, a Feira do Morro do Timbau. Acho que esse é um dos tempos com maior potencial para o uso da criatividade, coleta de objetos, mas ao mesmo tempo pouco explorado pelo Museu.

Ainda sim, temos fotos de feirantes e alguns objetos usados por feirantes como os pesos para balança dentre outras coisas. Depois temos fotos do Sr. Atanásio, uma liderança importante para a Maré, mas também um grande alfaiate que continua em atividade. Em seguida, teremos alguns compartimentos que retratarão alguns outros profissionais da Maré e que conseguiram ultrapassar as mudanças da Favela e concorrem com outras atividades de características parecidas. É o caso da profissão de sapateiro, onde a exposição permanente reservou um espaço com vários utencílios e fotos de um dos sapateiros mais antigo em atividade no Morro do Timbau e em outro cômodo uma representação de uma barbearia que traz na cadeira do barbeiro, vários objetos da profissão e sentado na cadeira o Sr. Amaro, outra grande liderança de Nova Holanda e Presidente da Vila Olímpica da Maré.

3.1.9 Tempo do Cotidiano

> "Tempo do dia-a-dia, da rotina.
>
> Tempo da escola, da brincadeira, do futebol Do bate papo, da paquera, do namoro
>
> Do samba, do funk, do rock, do forró.

> Tempo da casa, da criança, do homem e da mulher. Tempo do trabalho, das preocupações.
>
> Tempo que voa e nos consome. Mas também é o tempo da reflexão. Tempo de rever o passado.
>
> Tempo da vida que se faz agora. "Tempo de planejar um futuro melhor."

No Tempo do Cotidiano, é interessante desconstruir uma das impressões mais presentes no nosso imaginário sobre como pode ser uma Favela. No passado, era muito comum associar a Favela aos barracos "pendurados" no alto dos morros cariocas. E na atualidade, ainda associamos ao morro, mas ao invés de barracos, casas de alvenaria como as paredes externas nem o reboco, apenas com os tijolos expostos.

Nesse Tempo temos um espaço que era muito comum no passado que é a "tendinha". Lembro-me que na minha infância, esse era o espaço que se comparava a uma espécie de armazém em cidades pequenas. Com venda fracionado de arroz, feijão, café, farinha, gordura, pois como não tínhamos geladeira, usávamos muito a gordura para conservar os alimentos e para cozinhar também. Os brinquedos de época, também eram encontrados nesses lugares como pipas, pião, bola de gude, e outros brinquedos.

A instalação da "tendinha" no Tempo do Cotidiano, ganhou um outro destaque por conta da morte da Marielle. É que antes de se tornar Vereadora, a Marielle havia doado todos os objetos da "tendinha" de seu falecido avô, Sr. Francisco. Sr, Francisco foi um dos comerciantes mais antigos a manter seu comércio. Era muito tradicional e guardava características bastante comuns da época dos barracos da década de 1970.

Ainda no Tempo do Cotidiano, temos um corredor onde aproveitamos as fotos do Fotógrafo Rosinaldo Lourenço ou Naldinho, como costuma ser chamado. Ele fez várias fotos de placas instaladas nas paredes das casas e de seus marcadores de energia elétrica. Esse registro deu efeito muito interessante à exposição e dialoga bastante com a ideia da retratação da Favela nos dias atuais.

3.1.10 Tempo da Fé

> "Tempo de contradições e coerências, Dúvidas e certezas,
> Medo e esperança. Tempo da diversidade, Da mistura,
> Do sincretismo. No tempo da fé,
> Tudo o que é humano Encontra-se com o Divino."

Nos últimos tempos, o avanço das igrejas neopentecostais tem demonstrado muita força dentro das Favelas. Com isso, esse é um ponto de constantes conflitos e

incompreensões também. E mesmo o fato da maioria dos fundadores do Museu da Maré serem oriundos da Igreja Católica, as únicas religiões que receberam um tratamento particular foram as de matrizes africanas. Essa afirmação pode ser constatada com a presença da Casa de Santo, onde os símbolos típicos dessas religiões se encontram reunidos e preservados enquanto todas as outras estão agrupadas em uma parede em espaço aberto no Museu.

Talvez, essa preocupação se dê pela quase inexistência espaços que cultuem essas religiões na Maré. Todavia, os visitantes respeitam esses espaços e alguns até manifestam sua fé dentro da exposição. Uma das mais fragrantes se dá com a imagem de São Pedro. Fruto de uma doação de pescadores que nos passado faziam procissão com barcos entorno da Maré, a imagem de São Pedro costuma receber pedidos em bilhetes de papel colocado junto às flores existentes próximas aos pés do santo. A Maré ainda preserva pescadores que ainda fazem dessa profissão uma forma de "ganhar a vida". Porém, manifestações religiosas como as que existiam no passado já não são mais visíveis nesse espaço.

3.1.11 Tempo da Criança

> "Bola de gude, bate-beg, bambolê, pião. Amarelinha, caracol, garrafão.
> Pipa, roda, corda, rua.
> Cabra-cega, esconde-esconde, passa-anel. Também passa o tempo,
> Mesmo contra a nossa vontade.
> Agora, criança na rua é ruim. E a brincadeira onde fica? "

Ao sair do Tempo da Fé chegamos ao Tempo da Criança. É um local que procurar apresentar vários dos brinquedos da infância dos moradores e grande parte do público

tenta demonstrar e falar de sua relação com determinados brinquedos. Nos anos iniciais do Museu, era muito comum as crianças tentarem tirar os brinquedos da exposição para poderem brincar, mas em outros momentos eram os adultos que precisavam ser contidos. Muitos dos brinquedos possuem como características a forma artesanal na confecção e dentre esses, o mais comentado é o carro de rolimã. Na minha infância, esse carro era o sonho de toda criança e como era fácil encontrar sobra de madeiras na Maré, esse tipo de brinquedo sempre se fazia presente. No mesmo espaço existem várias fotos de crianças que dão ao local uma característica muito alegre e animada.

3.1.12 Tempo do Medo

> "Quais são os nossos medos?
> No tempo do medo havia tábua podre, Criança caindo na água,
> Ventanias, tempestades, Ratos,
> Remoções...
> No tempo do medo existe a bala perdida, A violência,
> A morte bruta...
> Os medos que nos assombram Podem nos paralisar,
> Tanto quanto nos motivar a lutar, Lutar pela transformação da realidade"

Em seguida temos o Tempo do Medo. Esse tempo trata de um medo comum no passado e outro comum no presente. No passado, tínhamos várias doenças que atingiam, na sua maioria, as crianças. Era um local muito sujo com presença de ratos, a dificuldade em ter acesso à água potável, também era um problema gravíssimo, assim como as doenças de pele que era muito comum também. Além disso, sempre tinha o risco de cair nas águas da Baia, ou do barraco também não resistir a força do vento e despencar dentro da maré, enfim, eram muitos os medos. Um fator que me chama a atenção nessa parte do Tempo do Medo é uma foto que foi tirada no beco onde eu morava e estão presentes meus amigos de infância.

Apesar de muitas pessoas falarem que tinham mais segurança no passado, eu, particularmente, não compactuo das mesmas lembranças. Lembro-me de ver pessoas armadas, muitos eram ladrões e assaltantes. Vários de meus amigos de infância ou morreram ou foram presos por cometerem pequenos furtos. E também me lembro de muitas dessas pessoas fazerem uso de maconha também. No entanto, quando o Museu trata da questão da violência e dos medos dos tempos atuais, o seu principal foco está na violência das armas de hoje e seus efeitos nas paredes das casas. E para retratar essas

ocorrências, foi tirado o molde dos buracos presentes nas casas da Maré proveniente do projétil das armas de policiais e traficantes.

3.1.13 Tempo do Futuro

> "Passado, presente, futuro.
>
> Esses três tempos aqui se misturam. O que ainda não é, um dia será.
>
> Será a partir do ontem, Das lutas e conquistas,
>
> Das memórias que resistem ao esquecimento. Será a partir do hoje,
>
> Do trabalho, da coragem, do engajamento, Do diálogo e da tolerância.
>
> Será a partir de políticas públicas.
>
> Políticas comprometidas com a transformação. Será a partir da prática da cidadania.
>
> Tempo do futuro, um tempo que já começou."

Depois chegamos ao último espaço da exposição permanente, local onde seria o Tempo do Futuro. Como eu falei anteriormente, essa é a segunda montagem da exposição permanente do Museu da Maré. Na primeira montagem o Tempo do Futuro era representado por uma maquete feita por estudante da professora de português da Escola Estadual Bahia, Márcia Alfama. A professora Márcia fez um trabalho de identidade local com seus alunos onde a proposta visava valorizar a Favela da Maré. E em um dos grupos da turma existia um aluno chamado Aguiler que trabalhava como arte visual e teve a ideia de retratar o trabalho proposto em forma de maquete.

Essa retratação não ficou fiel às dimensões e organização das localidades no contexto da Maré, mas por outro lado, ficou muito bonito a ponto da professora Márcia e os alunos se negarem a descartar o trabalho. Foi onde tiveram a ideia de doar para o Museu da Maré e na montagem da exposição, o Tempo do Futuro foi escolhido para abrigar a maquete. Infelizmente, a maquete foi sendo rapidamente deteriorado pelos visitantes, em particular, as crianças. Por inexperiência, a organização do Museu não imaginou que a maquete precisasse de proteção, por conta disso, muitas crianças começaram a pegar vários objetos como os carrinhos, árvores, bonecos, dentre outras partes. Para evitar o pior, a equipe do Museu decidiu tirar a maquete e deixar o espaço para ser pensado em outra oportunidade.

Atualmente, esse espaço tem sido usado para servir de abertura para as exposições temporárias que o Museu costuma abrigar em sua galeria. No entanto, está sendo planejado o uso do local para que abrigue um memorial em favor de Marielle. Esse foi

um pedido da família e também um desejo da equipe do Museu, pois Marielle foi aluna da instituição mantenedora do Museu, o CEASM, trabalhou na instituição e enquanto vereadora usava o espaço para fazer seminários e atividades políticas.

3.2.1 O Museu da Maré Fica!!

Fundada em 1997, o CEASM cresceu muito rápido e de certa forma desorganizado. Nenhum dos diretores tinha a noção do potencial midiático que a instituição viria a ter nos anos seguintes de sua fundação. Acreditamos que parte de se potencial se deu por conta da proposta muito diferenciada das instituições que exerciam papel social no período, mas também por seu perfil de organizadores que apresentava aos não moradores de Favela uma novidade na cena carioca, sobretudo na tão mal falada "Favela da Maré".

A Maré, seja por seus barracos do passado ou violência do presente e localização no caminho de importantes vias como a Av. Brasil, Linha Vermelha e Linha Amarela, sempre exerceu uma presença marcante no contexto da Cidade em particular, no noticiário policial. Nesse sentido, uma instituição que nasce formada por moradores com nível superior com a proposta ousada de contribuir para a entrada de jovens de Favela no ensino superior e com uma crítica muito ácida às instituições que há anos atuavam em Favelas pelo viés assistencialista, chamou muito a atenção de setores da academia, da área social e até da mídia.

Com o isso o Pré-vestibular Comunitário da Maré ganhou muito destaque na cidade, principalmente depois dos primeiros resultados conquistados pelos alunos que conseguiram cerca de 40 aprovações para as universidades públicas da época. Como já foi mencionada anteriormente, a instituição nasceu em um tripé Educação\Comunicação\Memória e já nos primeiros anos a Rede de Memória já estava com uma produção muito intensa e as exposições feitas em diversos espaços já estava chamava a atenção de diversos atores da cidade.

Era muito comum a instituição ser convidada para diversos eventos envolvendo instituições do terceiro setor e da academia. E em uma dessas ocasiões o CEASM foi contatado por Celina Torrealba, diretora do Grupo Libra S.A. Nesse encontro foi oferecido um prédio localizado na Rua Guilherme Maxwell, número 26. No espaço encontrava-se uma antiga fábrica para reparo de barcos que já estava desativada à no mínimo 15 (quinze) anos. O terreno possui cerca de 800 m² e uma área construída de 668 m², muito bem localizado próximo ao entroncamento da Avenida Brasil com as linhas Amarela e Vermelha, numa área movimentada e estratégica do ponto de vista dos fluxos urbanos do município carioca, além de servi de encontro da Maré com o restante da população da cidade. Esse encontro ocorreu em 2002 e no ano seguinte foi celebrado um convênio para uso do espaço em regime de comodato por 10 anos. Conhecendo depois as outras iniciativas da instituição, a empresa passou a financiar o Projeto Preparatório ao Ensino Médio e atendia cerca de 70 crianças.

Nessa época as atividades artísticas como capoeira, CTO (Companhia Teatro do Oprimido), fotografia, vídeo, dentre outras ocorriam no prédio do CEASM que já não estava comportando tantas atividades. Com o novo espaço parte das atividades foram transferidas junto com a Rede de Memória e depois de um longo debate entre os diretores, ficou acertado de chamar o espaço de Casa de Cultura da Maré. E assim ficou sendo conhecido pelos moradores.

Para o CEASM ações fragmentárias têm um impacto muito reduzido nos indicadores sociais e, principalmente, culturais. Assim, desenvolve um conjunto de atividades com eixo nas práticas educacionais e culturais e ênfase na articulação de canais de interlocução e ações comuns entre instituições internas e externas à Maré, decorrente da necessidade de constituição de novas formas de trabalhar na realidade e com o imaginário local. Nesse sentido, o Museu da Maré e a Casa de Cultura da Maré são a materialização dessa relação orgânica e metodológica com o contexto social presente.

Todavia, a ideia de se construir um museu não estava nos horizontes estratégicos dos diretores, mesmo nos encontros de 1997 quando foi criada a Rede Memória da Maré. Somente depois de uma jornada que foi realizada na Fundação Oswaldo Cruz sobre apropriação cultural onde contou com as presenças de instituições atores da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio foi que a ideia começou a ser amadurecida. E logo após esse encontro, foi realizado oficinas de museologia na sede do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – Ceasm. Em seguida a inauguração do Arquivo Dona Orosina em 2001 e a realização de exposições temporárias no Museu da República, no Castelinho do Flamengo e no Centro Cultural do Tribunal de Contas do Estado, ambas em 2004, e para a construção do Museu.

Figura 5.

Exposição no Museu da República
Arquivo Orozina Vieira – Museu da Maré.

.

Contudo, somente com a experiência de realização de uma exposição em 2004 no Museu da República, utilizando a linguagem museográfica e de uma instalação no Castelinho do Flamengo utilizando imagens do acervo da Rede Memória com uma liguagem artística e etnográfica, demonstraram ser possível a constituição do Museu. E em 2005, com recursos oriundos do Programa Cultura Viva – Pontos de Cultura e o apoio técnico do Departamento de Museus do IPHAN, foi iniciada a implantação do Museu da Maré, que veio a se concretizar no dia 8 (oito) de maio de 2006.

Acreditamos que mesmo antes do Museu da Maré, o CEASM já havia demonstrado sua competência técnica na área cultural, assim como já apresentava na educação com o Pré-vestibular Comunitário da Maré, prova disso são os prêmios conquistados antes e depois do surgimento do Museu:

2002 - Prêmio Estácio de Sá (Golfinho de Ouro) na categoria Educação concedido pela Secretaria de Estado e Cultura do Governo do Estado do Rio;

2003 – Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social, semifinalista com o projeto Redes Sócio-pedagógicas da Maré;

- 2004 - Prêmio Cidadania e Responsabilidade IBCCRIM 2004 (Instituto Brasileiro de Ciências Criminais);

- 2005 - Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade - Categoria Salvaguarda do Patrimônio Imaterial – IPHAN;

2006 - Ordem do Mérito Cultural - Grau Cavaleiro - Museu da Maré - Prêmio concedido pela Presidência da República;

2006 - Prêmio Cultura Viva - Ministério da Cultura / CENPEC - Museu da Maré - 2º colocado na categoria Tecnologia Sócio-cultural;

2007 - Prêmio Myriam Muniz de fomento ao teatro - Concedido à peça teatral Qual é a Nossa Cara?

2007 - Reconhecimento Ano Nacional dos Museus - Departamento de Museus do IPHAN – Museu da Maré

A Casa de Cultura abriu as portas em 2003 com o Projeto Escola de Dança da Maré, oficinas de teatro e música. Esse Projeto já existia há três anos fruto de uma parceria do CEASM com o coreógrafo Ivaldo Bertazzo, formado por 62 jovens nascidos do no bairro. “Dança das Marés” é o terceiro espetáculo do grupo, que já havia apresentado Mãe Gentil (2000) e Folias Guanabaras (2001).

Cada espetáculo criado traz um tema, desta vez tratou da passagem da infância para a adolescência, com seus desafios somados às dificuldades da vida na favela. Em meio à dança, os jovens relatam suas experiências, a partir do roteiro de Dráuzio Varella, que se baseou em depoimentos do grupo. Era um espetáculo muito grande e caro, a trilha do Grupo Uakti era executada ao vivo, com uma mistura de ritmos indianos e temas clássicos assim como as cores do figurino de Chico Spinosa

Os jovens recebiam uma ajuda de custo de R$ 200,00 por mês e ensaivam 4 horas por dia, de segunda a sexta e aos fins de semana eram 8 horas. E além de assistir ao

espetáculo, o público ainda recebia um livro Maré Vida na Favela, com textos de Drauzio Varella, Ivaldo Bertazzo e Paola Berenstein Jacques, e imagens de Pedro Seiblitz. Os jovens envolvidos recebiam bastante assédio da mídia, pois tudo que envolvia esse trabalho era grandioso demais para os padrões brasileiros da época.

A Maré era uma área carente de equipamentos e ações culturais, o fato da Escola de Dança ser gratuita tomou um vulto muito importante para a comunidade. A iniciativa funcionou muito bem até 2006, quando por falta de patrocínio a escola precisou fechar as portas. Nesse período, o espaço chegou a atender uma média de 500 pessoas.

Logo depois, com o patrocínio do Grupo Votorantim, a Casa de Cultura da Maré reabre suas oficinas de dança, música e teatro. O projeto cultural surgiu como um instrumento para atingir a formação integral do indivíduo e criar acesso a linguagens variadas para uma visão de mundo mais ampla. Com o incentivo, a Casa de Cultura chegou a atender em 2008, cerca de 400 pessoas.

Outra atividade oferecida no espaço Casa de Cultura\Museu da Maré era o de Informática e Digitalização. A oferta de oficinas na área de informática visava uma maior qualificação e inserção social dos jovens atendidos. Os cursos eram desenvolvidos em módulos com duração de 3 (três) meses cada, sendo um módulo básico de inicialização à linguagem da informática – introdutório e obrigatório para iniciantes: prática do Word, noções de hardware e conhecimento do ambiente Windows – e módulos específicos subsequentes, divididos em 3 tipos independentes, conforme o interesse do público ou aplicação, com carga horária definida a partir de seus conteúdos programáticos.

Uma preocupação muito comum dentre os projetos oferecido pela instituição era com a formação política das pessoas que passassem por qualquer atividade oferecida. Porém, com o surgimento da Casa de Cultura, houve uma necessidade de levar essa temática para a área cultural dentro dos cursos de teatro, dança, música, artesanato, dentre outros.

Foi nesse contexto que surgiu o acompanhamento sócio-pedagógico para todas as oficinas oferecidas. Esse acompanhamento era um suporte fundamental para garantir também a integração do público atendido aos objetivos do Projeto. O trabalho ficava sob a responsabilidade de uma assistente social (Karina Nunes), uma pedagoga (Soraia Brito, já falecida) e tinha também uma estagiária em psicologia (Elisângela Ribeiro).

Na prática esta equipe tinha que realizar intervenções junto aos jovens participantes das oficinas abordando demandas em diferentes questões sociais. Estas intervenções

eram feitas através de entrevistas individuais não só com os participantes do projeto, mas com suas famílias também, para conhecimento da dinâmica familiar, parceria com a escola e a realização de oficinas pedagógicas sobre diversas temáticas em coerência com a realidade social da Maré.

A abordagem de questões relativas à cidadania, mobilização e participação comunitária, sexualidade, relações afetivas e familiares, promoção da saúde e do bem estar do jovem, dentre outras, eram consideradas básicas e de fundamental importância para a existência e desenvolvimento do ser humano enquanto "sujeito social" – construtor ativo de sua sociedade, grupo, comunidade.

O acompanhamento social a que se propõe esta equipe visa em um sentido mais amplo tentar preencher as lacunas existentes, buscando oferecer aos atores envolvidos no projeto, espaço e ferramentas construídas coletivamente na discussão e efetivação de uma participação social mais crítica e transformadora levando em conta princípios básicos como a percepção da liberdade, do respeito, da boa convivência e da responsabilidade.

Tarefas como acompanhamento da vida escolar, e encaminhamento à rede de ensino daqueles que se encontram fora do processo de escolarização, eram tarefas rotineiras da equipe social. Ao longo do projeto, a reintegração à escola e a sua permanência com bom rendimento se tornará exigência obrigatória.

Além de várias exposições e oficinas de curta duração, o espaço recebia também eventos artísticos de dança, música e cinema. Isso fez com que em menos de 6 (seis) anos de existência do Museu da Maré, a lista de visitantes já contabilizasse cerca de 60.000 (sessenta mil) visitas. Ao mesmo tempo, não havia nenhuma perspectiva de fim da parceria com a empresa dona do espaço. Tanto que em 2008, os criadores do Museu da Maré ficarem surpresos com a atitude da empresa após nossa visita a diretora do Grupo Libra S.A., Celina. Levamos a ela uma proposta de reforma dos galpões com criação de mais salas e modificações na infraestrutura.

Aparentemente, ela pareceu gostar da ideia e comentou que não iria mais apoiar o Curso Preparatório ao Ensino Médio, o que para nós foi uma péssima notícia. Mas a coisa ficou mais complicada na semana seguinte em que seu advogado chegou no Museu da Maré e instalou uma corrente no meio do pátio para deixar marcado que não se poderia fazer nenhuma reforma no galpão a direita do espaço onde, normalmente eram feitas apresentações culturais. E para nossa surpresa, refizeram o contrato de cessão do espaço que terminaria em 10 (dez) anos para tempo indeterminado. Mesmo com esses indicativos, nós não imaginávamos que teríamos o risco de despejo.

E após essa intervenção, a empresa ficou um bom tempo sem fazer comunicação. Somente anos depois, em junho de 2014 é que recebemos um comunicado da empresa exigindo que desocupássemos o espaço em três meses, livre de pessoas e coisas. O Museu da Maré corre o risco de ser despejado em três meses. Diante dessa possibilidade, foi feito um trabalho de mobilização muito forte juntos aos órgãos de imprensa, movimentos sociais, comunidade acadêmica, enfim foi feito muito barulho. A ideia inicial era a de sensibilizar esferas públicas e privadas e levar os diretores da Companhia Paulista de Comércio Marítimo, do grupo Libra S/A, a repensar a decisão.

Para nosso desespero, os representantes da empresa se negavam a nos receber e ou receber os veículos de comunicação para dar um parecer sobre a situação e o motivo do despejo. Diante disso, o museu criou um grupo de trabalho com militantes de diversas partes da sociedade civil que pensaram em defender o museu em diferentes frentes, dentre elas foi pensado: visitas guiadas, encontros com representantes de universidades, um "tuitaço" com a hashtag #sosmuseudamare e até o bordado colaborativo de uma colcha de memórias, com participação dos visitantes. Além de várias entidades de três instâncias de governo estarem mobilizadas para buscarem uma solução: o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), em nível federal, a Superintendência de Museus do Estado e, por parte do município, o Instituto Pereira Passos (IPP) e o Instituto Rio Patrimônio da Humanidade.

> "— O Rio tem cerca de 150 museus, mas, quando museólogos estrangeiros vêm à cidade, é o Museu da Maré que eles pedem para conhecer. No momento em que estamos construindo o Museu do Amanhã, uma instituição pioneira como essa não pode ficar no anteontem — diz o presidente do Ibram, Angelo Oswaldo, que tentou fazer um contato direto com a diretoria da empresa, sem sucesso." (O GLOBO, 21/09/2014)

Várias possibilidades estavam sendo pensada na ocasião, a Secretária de Cultura do Estado, Adriana Rattes, em entrevista para O Globo 21\09\14, sugeriu duas possibilidades:

> "— É um belo projeto criado em um imóvel privado. Com essa decisão da empresa, ou a Prefeitura desapropria ou providencia a transferência para outro espaço. Só está fora de cogitação perder o museu, um projeto inovador e bem cuidado, que deu frutos semelhantes pelo país."

Em relação ao tombamento, o Conselho Municipal de Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro emitiu um parecer favorável e só faltou a assinatura do Prefeito Eduardo Paes. Essa ação não resolveria a principal questão, mas daria mais peso ao pleito junto a empresa, ao menos era o que esperava Luis Valverde, arquiteto e diretor de projetos especiais do IPP.

A Prefeitura conseguiu outro espaço, ele se localizava próximo ao Museu da Maré, no antigo SESI, mas com vários problemas. O primeiro é que precisaríamos construir o prédio, pois no local só tínhamos o terreno e com isso teríamos que nos mobilizar mais uma vez a procura de financiamento, o que seria muito complicado. Esse espaço também não tinha fácil acesso e deixaria o Museu muito escondido em comparação ao atual. Porém, o maior problema era o tráfico de drogas já que nesse espaço eles mantêm um estacionamento ilegal, o que seria muito arriscado para nossa integridade física. Por conta disso, tratamos logo declinar dessa possibilidade.

Dentre as estratégias que mais geraram mobilização, a passeata do dia 10 (dez) de outubro foi a que mais deu resultado midiático. Vários artistas e acadêmicos compareceram ao ato onde ocupamos uma das pistas da AV. Brasil realizando uma série de expressões culturais.

Figura 6.

Banner de divulgação da Passeata

Depois de várias tentativas sem sucesso, a diretoria do Museu da Maré se reuniu e decidiram que não iriam mais tentar a negociação com os donos do prédio e que ficariam ocupando os galpões mantendo suas atividades dentro do possível e assim foi feito. Porém, dois acontecimentos muito importantes ocorreram o primeiro foi a prisão da Senhora Celina, diretora do Grupo Libra S.A.. Acreditamos que com isso eles acabaram esquecendo-se do despejo do Museu da Maré já que tinham outra questão mais importante para cuidar e não queriam o nome da empresa em mais nenhum escândalo. E a outra foi o acidente que levou ao fim, no dia 2 (dois) de setembro de 2018, o Museu Histórico Nacional. Esse último levou um representante da empresa a ligar para a diretoria do Museu da Maré e transmitir o desejo da diretoria do Grupo em doar em definitivo os galpões ao CEASM. Eles apenas não aceitam pagar os custos da

transferência documental, entorno de R$ 63.000,00. Com isso a diretoria do CEASM está se mobilizando para conseguir doares desse recurso para dar entrada na documentação.

IV CONCLUSÃO

> "O museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais" (UNESCO apud PRIMO, 1999, p.107)

Essa investigação visou compreender a importância do Museu da Maré no contexto em que ela se insere como espaço cultural à medida que sua função primeira pode ser vista com uma ferramenta de entretenimento ainda que possua valores bastante particulares como quase todo museu. Na definição do ICOM 2001(International Council of Museums), museu seria, "uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade", nesses termos devemos concluir que o espaço de memória do CEASM – Museu da Maré é de fato um museu.

Essa informação pode parecer redundante, mas a verdade é que o Professor Mário Chagas tem sido um verdadeiro guerreiro em garantir aos espaços como o Museu da Maré o título de museu, pois como ele mesmo apresenta em seu livro "há uma gota de sangue em cada museu" 2006, os museus sempre foram pensados para as elites que viam nele o espaço ideal para mostrar aos outros indivíduos um valor e importância do que deveria ser lembrado, comemorado e exaltado, em outras palavras, os museus são um espaço de disputa de poder. E o reconhecimento do grupo de avaliadores do ICOM revalidou essa defesa de Chagas ao conhecerem o Museu da Maré.

Todavia, para os fundadores do Museu, a ideia principal era a de ter, mais do que um museu, um espaço contribuísse para o fortalecimento identitário dos moradores da Maré das militâncias da Favela na luta por garantia de direitos junto ao poder público e a sociedade. Esse valor identitário está muito presente na forma como o museu foi pensado, onde de forma coletiva os moradores decidiram, planejaram e equiparam o espaço do Museu de forma que representasse a sua própria história. Nesse sentido, a história pessoal do Lourenço acaba por sublinhar a importância do Museu da Maré que através do mediador que apresentar a exposição das fotos e objetos presentes no local preenche de vida e sentido essa parte tão modificada e renegada da cidade.

Ficou muito claro nesse trabalho como a vida dessa população dialogo com as histórias e fatos ocorridos em toda cidade e país. Pois, na história do Lourenço, mas poderia ser de outro morador, podemos ver o impacto de várias políticas públicas no que tange a educação, moradia, infraestrutura, segurança pública ocorridas há no mínimo 60 anos. Essa demonstração, talvez não encontrasse local mais pedagógico capaz de resumir, em um único local, tantas variantes e significados sobre a nossa história.

E é possível relacionar a vida do Lourenço com a vida do espaço em que está instalado o Museu da Maré, onde no passado funcionava uma empresa que fazia reparos

em embarcações, pois na região onde está a Maré já foi um importante porto, Porto de Inhaúma, e com a vida do próprio museu que durante um bom tempo sofreu o risco de despejo tal quais as moradias existentes na Maré durante o regime militar. Com isso, poucos museus no mundo poderão ter um processo em que faça sua história está sendo feita e contada com atores que se relacionam de forma tão íntima e pouco provável como é o caso da história do povo da Maré, do prédio onde está o Museu e do próprio Museu. Essa percepção do poder de aglutinar memórias em torno de si faz com que sua potencialidade transpasse a ideia óbvia de lócus da memória coletiva de um determinado grupo para o lócus de memórias que se entrelaçam e se desdobram em várias outras reforçando ainda mais que a Favela é Cidade e não um "mundo" a parte.

Na verdade, esse debate sobre Favela ser Cidade ou não se deve muito mais ao investimento da grande mídia em reforça a ideia da Favela como espaço renegado da Cidade e com isso valoriza outros lugares da metrópole que de fato uma representação da realidade. O CEASM teve grande êxito em combater esse discurso dentro da Maré com a criação do jornal "O CIDADÃO", mas não pode negar que o Museu da Maré contribuiu para uma mudança de paradigma tanto para dentro quanto foro da Favela e isso pode ser visto no número de visitantes externo presente no Museu bem como na postura dos moradores em assumir seu endereço como sendo na Maré não no bairro de Bonsucesso como ocorria antes.

Nesse sentido, a ideia de se criar um museu na Favela sofreu muitas criticas, porém a mais incômoda aos fundadores era a de que isso poderia "guetificar" a própria Favela e seus moradores. E isso era justamente o que o Centro visava combater. Para, além disso, a criação do de um espaço de memória era percebido pela diretoria do CEASM, como um acesso ao direito e ter suas memórias valorizadas, o que não era percebido nos outros museus. Pois como parte dos diretores possuíam um passado de lutas nas Associações de moradores por água, energia elétrica, moradia melhor, postos de saúde, escolas, áreas de lazer, dentro outras coisas para a Maré, por que não lutar para se ter um museu também?

Muito conhecido por sua dimensão educacional e ligado a um passado que se pretende preservar, os museus pouco se enquadram na lógica de consumo cultural de um morador de Favela e mesmo nos mais escolarizados. É muito comum vermos na reação de um morador desses espaços quando se deparam com um museu, seu comportamento se assemelhar ao de quem vê um templo religioso. Isso também pode ser notado em relação a outros espaços como a universidade, um tribunal de justiça, mesmo em um hospital ou palácio governamental. E com o passar dos anos e a

visibilidade que o CEASM ganhou na grande mídia, sua sede também passou a ser vista da mesma forma, mas o Museu tem um papel importante nessa mudança de comportamento.

Essa mudança de paradigma extrapolou os limites da Cidade a medida que influenciou políticas públicas no Ministério da Cultura e deu visibilidade internacional aos museus ditos comunitários. Ao longo desses anos o Museu da Maré vem se relacionando com museus de outras partes do mundo e tem atraído diversos pesquisadores desses países também. Sua existência tem reforçado a ideia de desmistificar a sacralidade dos museus tradicionais e oferecer uma nova maneira de se conceber museus onde a valorização do lugar e de sua população possuem total ingerência durante todo processo museal.

Em 2007, um ano após o surgimento do Museu da Maré, após um longo período de desencontros, desconfianças e desavenças, a diretoria do CEASM resolve as suas diferenças internas com a cessão do espaço que possuía em Nova Holanda (uma das localidades da Maré) para o grupo divergente. Essa separação tornou visível um mal estar que já vinha corroendo a instituição por dentro. Muitos acreditavam que esse divórcio acabaria com o projeto político que levou um grupo de moradores a criarem a instituição. De fato, financeiramente o CEASM herdou as dívidas dessa separação e isso é perceptível na drástica diminuição de projetos até a presente data, porém seu papel político nunca foi tão forte. O Pré-vestibular, principal projeto da instituição continua ativo com mais de 30 voluntários/militantes, mesmo com a presença de outros cursos com grandes patrocínios na Maré.

Destaquei o desfecho acima para facilitar o entendimento sobre o resultado da proposta idealizada pelos fundadores da instituição que consistia em aliar o trabalho voluntário com uma visão militante de esquerda. Durante muito tempo esse desejo foi representado na ideia do Intelectual Orgânico de Gramsci em que as ações da instituição deveriam ter com princípio balizador a superação da Hegemonia Cultural (Sousa, 2014) vigente. Com o avanço das conquistas no campo dos direitos civis o arcabouço calçado nos ideias marxistas ficou sendo menos apropriado, mas não abandonado.

Todavia, a estratégia de se trabalhar em três linhas de ação como Educação, Comunicação e Memória, deram aos jovens que passam pela instituição a estrutura pedagógica que permite que os ideais da instituição conseguissem manter aquecidos mesmo com a mudança ideológica de alguns de seus fundadores. Na verdade, ao longo de seus 20 anos de existência, essa instituição tem oferecido à Cidade, militantes que passaram a atuar em diferentes espaços da sociedade, influenciando, orientando,

propondo e executando políticas públicas inserindo a Favela não como espaço de exceção e sim como parte integrante da Cidade.

Esse efeito já pode ser sentido nas Universidades onde a presença de alunos ou professores com origem na Maré, são bastante perceptíveis, nas mídias alternativas, em instituições de Direitos Humanos, Meio Ambiente, Esporte e Cultura e na Política. No caso deste último temos Marielle Franco que estudou e trabalhou no CEASM e foi a quinta Vereadora mais votada da Cidade do Rio de Janeiro em 2016 e em 2018, tivemos Renata Sousa eleita Deputada Estadual com uma votação também muito expressiva. Renata trabalhou no Jornal O CIDADÃO e fez sua carreira estudando sobre a mídia comunitária.

Na época em que o CEASM foi inaugurado havia uma desconfiança muito presente no campo da esquerda sobre a possibilidade real de uma instituição com uma formalidade quase igual a de uma empresa onde se faz necessário a existência de uma estrutura jurídica administrativa pudesse fortalecer e mobilizar pessoas como ocorre com os movimentos sociais. E de fato, muitos militantes do campo da esquerda que engendraram por esse caminho acabaram se tornando pequenos "empresários sociais", pois suas instituições se tornaram espaços burocráticos e engessados, quando não empresas que fazem trabalhos terceirizados. Muitos se viram cooptados por políticos, quando não meros prestadores de serviço ao Estado. E a diretoria temia que isso ocorresse com a instituição. Mas como ficou evidente nesse trabalho e o de outros pesquisadores como Antonio Carlos Pinto Vieira e Claudia Rose Ribeiro (ambos fundadores do Museu da Maré) e, de Maria Helena Araújo que inspirou essa investigação, o Museu da Maré, mais do que uma iniciativa inovadora, política e coletiva, é também um convite a um melhor relacionamento entre os cantos da Cidade bem como sua população.

REFERÊNCIAS (Incompleto)

ARAÚJO, Helena Maria Marques. Memória e museus: construindo identidades. In: ANDRADE, Marcelo (org.). A diferença que desafia a escola: a prática pedagógica e a pesquisa intercultural. Rio de Janeiro: Quartet, 2009.

_____. Memória e produção de saberes em espaços educativos não formais. In: Cadernos do CEOM – Educação Patrimonial, Chapecó: 2007.

AUGE, M. Não Lugares. Campinas: Papirus, 1994.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP:

AZEVEDO, Aluizo de. O Cortiço. 4ªed. Rio de Janeiro. Editora: Moderna. 2004. p.183.

AZEVEDO, Célia. Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. 2005. Identidade : entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro : J. Zahar.

BERTAZZO, Ivaldo; VARELLA, Drauzio; Jacques, Paola Berenstein. Maré, vida na favela. São Paulo: Casa da Palavra, 2003.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Algunas notas sobre laexperiencia y sus lenguajes. 2006.

CANDAU, Vera Maria (org.). Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CASTELLS, M. The Information age. Oxford: Blackwell, 1998. In: PAIVA, Vanilda. Sobre o conceito de "capital humano". Cad. Pesqui., jul. 2001, no.113, p.185-191. ISSN 0100-1574.

CASTELLS, Manuel. (2000), A Questão Urbana. São Paulo, Editora Paz e Terra.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo : Paz e Terra, 1999. 530 p.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano 1: artes do fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHAGAS, Mário de Souza. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Argos, 2006.

CHAGAS, Mário de Souza. Museus, memórias e movimentos sociais. Cadernos de Sociomuseologia, Campo Grande, n. 41, p. 5-15, fev. 2011. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2654>. Acesso em: 28 abr. 2017.

_____. GOUVEIA, Inês. (2014) Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). In Museologia Social. Cadernos do Ceom. Ano 27, nº 41. Chapecó: Unochapecó, 9-22.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra, 2014.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade, tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HARVEY, David. A condição pós-moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de Vida e Formação, Lisboa, EDUCA, abril de 2002.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas; Editora da Unicamp, 1990.

NORA, Pierre. “Entre memória e História: a problemática dos lugares”. In Projeto História. São Paulo, Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História, Vol. 10, dez, 1993. p. 7-28.

POLLACK, Michel. “Memória e identidade social”. In: Estudos Históricos. No 10, Rio de Janeiro: Editora FGV, 1992.

_____. Memória, esquecimento e silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Ed. CPDOC/ FGV, v. 2, n.3, 1989.

RIBEIRO, A. C. T. 1999. As leituras da cidade. Intervenção como moderadora de mesa. In Anais do Seminário "Repensando as políticas públicas e a ação na cidade". Rio de Janeiro : Câmara Municipal do Rio de Janeiro/IPPUR-UFRJ.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz (org.)O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade /. – Rio de Janeiro: Revan: FASE, 2000. Riourbano, revista da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Fundação

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. Tempo e narrativa. Campinas: Papirus, 1994.

SÁNCHEZ, F. & MOURA, R. 1999. Cidades modelo : espelhos de virtudes ou reprodução do mesmo? Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 2, p. 95-114, ago.-dez.

SÁNCHEZ, F. Cidade espetáculo : política, planejamento e city marketing. Curitiba: Palavra. 1997.

_____. 2001. A reinvenção das cidades para um mercado mundial. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Humana). FFLCH, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo.

SANCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalas de ação política. Rev. Sociol. Polit., Curitiba, n. 16, 2001.

SANTOS, M.. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 2002.

SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro da. Maré: a invenção de um bairro. Dissertação de Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais. História Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro, 2006.

SIRINELLI, Jean François. Os Intelectuais. In REMOND, R. (org.) Por uma história política. Rio de Janeiro, Editora UFRJ-FGV, 1996. (pp.231-270).

SOUSA, Joeline Rodrigues De, Gramsci - Educação, Escola e Formação - Caminhos Para A Emancipação Humana, 2014 Editora Appris.

VENTURA, Zuenir. A cidade partida. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 2000.

VIEIRA, Antonio Carlos Pinto. Do engenho à favela, do mar ao chão, memórias da construção do espaço da Maré. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Rio de Janeiro, 2008.

ZALUAR, Alba. A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.265p.

ZALUAR, Alba. Exclusão e Políticas Públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. Revista brasileira de Ciências Sociais, volume 12 n°35 São Paulo fev. de 1997.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (orgs). Um Século de Favela. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. 370p.

ANEXOS

Anexo 1

Anexo 2

Evento de apresentação das oficinas culturais que ocorrem no Museu da Maré.

Anexo 3

Reunião de apoio ao Museu da Maré, no espaço multiuso do Museu.

Anexo 4

Apoio do Sindicado da UFRJ a permanência do Museu da Maré.

Anexo 5

Passeata em favor do Museu da Maré – Performance.

Anexo 6

Fátima e Izabel do Museu da Vida em passeata pelo Museu da Maré na AV.Brasil

Anexo 7

Prof. Mário Chagas momentos antes da passeata em favor do Museu chegar à rua.